

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

BRUNO PINTO SILVA

VOGAIS ANTERIORES ARREDONDADAS
NO CRIOULO HAITIANO: UM ÍNDICE SOCIAL (?)

Versão corrigida

SÃO PAULO
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

BRUNO PINTO SILVA

VOGAIS ANTERIORES ARREDONDADAS
NO CRIOULO HAITIANO: UM ÍNDICE SOCIAL (?)

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Linguística.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

SÃO PAULO
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P659v Pinto Silva, Bruno
Vogais anteriores arredondadas no crioulo
haitiano: um índice social (?) / Bruno Pinto Silva;
orientador Paulo Chagas de Souza - São Paulo, 2022.
159 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Linguística. 2. Fonética. 3. Fonologia. I.
Chagas de Souza, Paulo, orient. II. Título.



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Bruno Pinto Silva

Data da defesa: 22 / 07 / 2022

Nome do Prof. (a) orientador (a): Paulo Chagas de Souza

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26 / 09 / 2022

(Assinatura do (a) orientador (a))

PINTO-SILVA, Bruno. **Vogais anteriores arredondadas no crioulo haitiano: um índice social (?)**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em: 22 / 07 / 2022

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (Presidente)

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Profa. Dra. Ana Livia dos Santos Agostinho

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Alexander Yao Cobbinah

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Junior

Instituição: Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Julgamento: Aprovado

*À Nádia, minha mãe—sem mais, pois não
há palavras que expressem o tamanho do
meu amor*

Agradecimentos

Que tarefa difícil. Difícil porque são muitas as pessoas a quem eu devo agradecer. Nem todas serão mencionadas aqui, tentarei me limitar àquelas que, de uma maneira ou outra, tiveram alguma relação direta com o meu tempo aqui na USP. E por falar em USP, quem diria que eu estaria aqui. Eu não me formei na USP. Vim a saber o que era a USP já bem tarde. Tenho a impressão de que eu não indico muito bem as minhas origens, mas elas são as minhas origens. Venho da periferia de Jundiaí, SP. Pois é, meus livros não chegam no meu endereço. Sou filho da escola pública, que não me ensinou o que era USP. Mas eu cheguei aqui, e todos me receberam muito bem. Que comecem os agradecimentos, antes que isso vire um memorial. Um dia eu escrevo sobre os percalços.

Agradeço,

À Universidade de São Paulo,

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

Ao Departamento de Linguística,

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos PROEX n. 88887.374937/2019-00, de 08/2019 a 07/2021.

À Fundação Memorial da América Latina pela bolsa de pesquisa concedida nos últimos meses de 2021.

Agora prossigo agradecendo a contando mini-histórias...

Minha história com a Linguística começa quando, ao estudar Tradução e Interpretação na faculdade, eu descobro a Ciência da Linguagem. Comecei então a frequentar o Tardes de Linguística na USP. Mal sabia eu que alguns anos mais tarde eu seria da comissão do Tardes.

Em 2018, no último ano da faculdade, decido escrever para dois professores da Unicamp para participar um seminário avançado em Semântica diacrônica. Os professores me aceitaram. Larguei meu emprego (era um bom emprego!) e fui lá estudar com nada mais nada menos do que Rodolfo Ilari e Ataliba Teixeira de Castilho. Não há como se arrepender. Obrigado queridos professores pelas aulas e pela convivência que nunca esquecerei.

Já desempregado, indo toda semana pra Unicamp, por que não aproveitar e me matricular como aluno especial? Lá vou eu estudar Fonética, Fonologia e Morfologia. Fui muito bem acolhido pelo professor Plínio Barbosa e pela professora Filomena Sândalo. Lembro que

em um determinado exercício de transcrição fonética eu decidi colocar uma nota de rodapé ouvi o seguinte comentário do Plínio: “Essa é a nota de um foneticista!” Senti que estava no caminho certo. E da professora Filomena ouvi incentivos para ir para os EUA e desenvolver estudos do crioulo haitiano lá. E não é que estou indo mesmo?! Obrigado professores por todo o incentivo.

Depois de formado, fui olhar pra USP, e não é que havia ali uma disciplina sobre contato de línguas? Fui aceito pela professora Margarida Petter como aluno especial. Que privilégio ter aulas com você, professora. Assim que acabava uma aula, eu já ansiava pela próxima. Obrigado também por torcer por mim no processo seletivo para ir para o exterior, e pela recomendação!

No mesmo semestre em que cursava disciplina como aluno especial, participei do processo seletivo para o mestrado. E passei. Quando a professora Margarida soube que o Paulo seria o meu orientador, ela disse: “Vocês vão se dar muito bem!”. E ela não podia ter mais razão. Querido professor Paulo, obrigado por acreditar em mim, no meu projeto, e por todo o incentivo. Eu acredito que você não tem ideia da minha admiração e do quanto aprendi com você. Que possamos trabalhar em outros projetos juntos!

Também agradeço ao professor Thomas Finbow e a professora Esmeralda Negrão, que estavam na minha arguição, e me deram a chance de fazer parte do DL. Muito obrigado professor Tom pelas aulas (que foram bem no início da pandemia!) e pelos comentários no exame qualificação. À professora Esmeralda, juntamente com a professora Paula Martins, também agradeço pelas aulas do PLEA, que me ensinaram muito sobre como lidar com textos acadêmicos.

À professora Raquel Santana agradeço pelas aulas encantadoras de fonologia suprasegmental. Que pena que não consegui participar de outros cursos seus, professora! Ao professor Ronald Beline Mendes, cujas dicas sobre experimentos sociolinguísticos e apresentações de trabalhos foram muito úteis. Ao professor Alexander Cobbinah pela convivência durante meu estágio como monitor de Elementos I. E também pelos privilégios proporcionados de participar de cursos com as professoras Mandana Seyfeddinipur (SOAS – University of London) e Friederike Lüpke (University of Helsinki), a quem eu também agradeço pelos ensinamentos.

Voltando à Unicamp, agradeço ao professor Wilmar D’Angelis pelas aulas muito interessantes que nos fizeram voltar aos primórdios da fonologia e refletir muito. Indo para a Unesp, não posso deixar de agradecer à professor Gladis Massini-Cagliari cujas aulas bastante didáticas foram muito agradáveis de acompanhar.

Voltando à USP, agora na Faculdade de Medicina, agradeço à professora Haydée Fiszbein Wertzner, da Fonoaudiologia, cujas aulas foram muito interessantes e abriram meus horizontes para a aplicação clínica da Fonética e da Fonologia. Também ao professor Luis Jesus (Universidade de Aveiro, Portugal), cujas dicas práticas me foram muito úteis.

Voltando à Fundação Memorial da América Latina, em especial ao Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), que me deu uma linda oportunidade de contribuir com o trabalho de intérpretes comunitários, devo mencionar por nome a professora Luciana Latarini Ginezi, o professor Alexandre Barbosa, e a minha orientadora durante minha estada como pesquisador lá, a querida professora Sabine Gorovitz (UnB). Professora Sabine, agradeço também pela torcida e recomendação para o PhD no exterior.

Ao incrível foneticista e amigo Leônidas José da Silva Junior, que conheci durante o congresso de prosódia da LBASS, que me honra com sua participação na banca de defesa. E, por falar nesse congresso de 2019, lá conheci também o Philipp Meer e puder ter mais contato com o Olavo Panseri. Obrigado, meus colegas, pelas trocas fonético-fonológicas!

À professora Ana Livia Agostinho (UFSC), uma das poucas (pensando no Brasil) trabalhando diretamente com crioulos. Que trabalho fantástico. Obrigado também pelas contribuições no exame de qualificação.

À professora Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB), pelo aceite do convite para integrar a banca como suplente.

À professora Ana Scher, que felizmente deu tempo de conhecer melhor nos últimos meses de USP. Muito obrigado, professora, por abraçar o projeto de livro que propusemos, e pela dedicação a esse projeto. E por falar nesse projeto, vamos aos outros dois organizadores dele.

Juliana Barbosa e César Marangoni, meus linguistas favoritos. O que dizer a vocês? Juntos formamos o “Círculo dos Pragas”. Fizemos de tudo: estudamos, desabafamos, choramos, rimos, organizamos eventos, cursos e aulas, fizemos disciplinas, apresentações e agora um livro! Vocês foram essenciais para que eu pudesse manter um pouco da sanidade nesse mundo tão caótico. Admiro muito vocês. Ju é tantas coisas e tantas pessoas em uma só: só admiração. César, sempre estremecendo as bases da arquitetura da gramática; Chomsky que se cuide.

Falei da monitoria de Elementos já, mas não falei da Rosi (Rosiani Bueno). Obrigado minha parceira de monitoria, que companhia agradável! À Cecília Faria e ao Bruno Guide pela honra de me convidar pra falar no Babel Podcast, esse projeto incrível de vocês, do qual sou fã! À Mariana Payno (Mari) e Tã (Tâmara Kovacs), nossas RDs queridas, e colegas do contato linguístico nas aulas da Finlândia e além. Ao Baticã Braima Ença Mané pelas trocas

sobre os crioulos. Preciso aprender o *kriyol* (Guiné-Bissau), Baticã! Vamos ver se agora consigo me dedicar a isso. A todos os colegas do curso de extensão *A Gramática e a Linguística em Sala de Aula*.

Aos queridos colegas do Tipoling (antigo Fonemos), que me fazem esperar ansiosamente pelas sextas-feiras: Thiago Macek, Rogério Nóbrega, Walter Sano, Juliana Brito, Gabriel, Isabella Coelho, Lívia. Que prazer passar as tardes de sexta com vocês. Espero que os meus horários e o fuso-horário não me privem de continuar acompanhando os encontros. Se me privarem, que seja temporário. Uma hora eu volto.

À Marina M. M. F. Souza (e ao Samuel, sempre lá nos bastidores!), uma grande amiga, irmã, que tive o prazer de conhecer nos últimos tempos. Você sabe o quanto me ajudou, me deu oportunidades incríveis, o que me ajudou a adquirir bastante experiência. Que venham muitas outras parcerias nossas!

À Franciele Busico Lima, à Daniela Vieira e à Cristiane Fialho pelo acolhimento na escola e contato com os haitianos que participaram da pesquisa.

À Mariana Silva, que foi minha professora de português no ensino médio, que olhou para mim um belo dia e disse: “Tem uma matéria na faculdade que se chama ‘Linguística’. Você vai gostar muito.” Pois é, crianças, ouçam seus professores. Eles sabem o que estão dizendo.

Ao Douglas Tufano e à Célia Tufano que são a razão de eu ter uma invejável biblioteca pessoal de Linguística, bem como por todo o incentivo de sempre.

Aos meus amigos não linguistas que me aturam falando de Linguística, dentre os quais destaco os que me aturam há mais tempo: Léo e Su, Ágatha, Agnes, Gaby, César, Sean O’Neal, Marcinha (a quem eu poderia escrever um livro em agradecimento), Gilberto Tofanelo e Lúcia, Rafael Fiore e Mônica, Rafael Girnos (pelas caronas!). E alguns dos amigos haitianos mais próximos: Wilson Lubin e Carol (brasil-haitiana, rs), Clefford Rincher e Cathiana, Vernet Blemur e Berrenite, e Guilner Dat.

À minha família como um todo, em especial os meus tios José Ricardo (tio Zezinho) e Neide, Paulo Cesar (tio Paulinho), Sandra Mara (tia Sandra).

Ao meu pai pelas vezes que me levou buscar meus livros nos correios.

À minha mãe por tudo e mais alguma coisa que palavra nenhuma consegue expressar.

A Deus, יהוה, cuja criação me encanta e fascina.

PINTO-SILVA, Bruno. **Vogais anteriores arredondadas no crioulo haitiano: um índice social (?)**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

RESUMO

Nosso maior objetivo foi o de contribuir com o avanço do entendimento de certos aspectos da fonologia do crioulo haitiano com base em investigação instrumental e experimental. Apesar de o crioulo haitiano estar entre as línguas crioulas mais bem descritas, essa língua ainda é subestudada, especialmente no que diz respeito à fonologia, como a maioria dos crioulos (MUYSKEN; VEENSTRA, 1994; SMITH, 2008). A partir da nossa revisita à literatura da fonologia do crioulo haitiano, encontramos mais pontos a serem aprofundados do que seria possível dar conta. Assim, elegemos uma questão específica. Na presente pesquisa, investigamos as vogais anteriores arredondadas [y ø œ], que já foram descritas como “fonemas negligenciados no crioulo haitiano” (ALPHONSE-FÉRÈRE, 1977), apesar de não criarem oposição com as anteriores não arredondadas, a saber, [i e ε], o que tornaria questionável o estatuto fonológico dessas vogais para algumas teorias fonológicas. Schieffelin e Doucet (1994) apontam que o uso dessas vogais se dá por razões sociolinguísticas, especialmente em razão do prestígio da língua francesa na sociedade haitiana, reconhecendo o prestígio das variedades ditas acroletais (mais próximas do francês) em relação às variedades basiletais (mais afastadas do francês). O presente estudo adota a abordagem dos Modelos de Exemplares, em que a representação fonológica detalhada capta aspectos de indexação social e de identidade sociolinguística do falante (JOHNSON, 1997; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001; FOULKES; DOCHERTY, 2006). Para investigar essa questão experimentalmente, utilizamos a técnica conhecida em inglês como *Verbal Guise Technique* (VGT), uma variante da *Matched-Guise Technique* (MGT) (LAMBERT ET AL., 1960; BALL; GILES, 1988), com o intuito de averiguar se a avaliação dos sujeitos que usam vogais anteriores arredondadas seria diferente quando comparada à avaliação de sujeitos que não fazem uso dessas vogais. Os resultados estatístico-inferenciais do experimento não apontaram diferença na avaliação. No entanto, a experiência que tivemos na aplicação do experimento nos leva a interpretar com cautela esses resultados, e sugerimos que a questão seja aprofundada em outros tipos de testes, que sejam adequados à cultura haitiana, o que só foi possível perceber após a aplicação do experimento. Diante do que experienciamos, trazemos reflexões sobre como proceder em futuras pesquisas dessa mesma natureza.

Palavras-chave: crioulo haitiano; vogais; fonologia de laboratório; sociofonética; modelos de exemplares.

PINTO-SILVA, Bruno. **Front Rounded Vowels in Haitian Creole: a Social Index (?)**. 2022. Dissertation (M.A.) – College of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

ABSTRACT

Our main objective was to contribute to the advancement of the understanding of certain aspects of the phonology of Haitian Creole grounded on instrumental and experimental research. Although Haitian Creole is among the best described Creole languages, this language is still understudied, especially with regard to phonology, like most Creoles (MUYSKEN; VEENSTRA, 1994; SMITH, 2008). From our review of the literature on the phonology of Haitian Creole, we found more issues to deal with than what we could address and therefore chose a single issue to work with. In the present research, we investigate how front rounded vowels [y ø œ], which have already been described as "neglected phonemes in Haitian Creole" (ALPHONSE-FÉRÈRE, 1977), although they do not create opposition with their unrounded counterparts, namely, [i e ε], which would make the phonemic status of these vowels questionable for some phonological theories. Schieffelin and Doucet (1994) point out that the use of these vowels is due to sociolinguistic reasons, especially due to the prestige of the French language in Haitian society, recognizing the prestige of the so-called acrolectal varieties (those closer to French) in relation to basilectal varieties (distanced from French). The present study adopts the Exemplar-based Models approach, in which the detailed phonological representation captures aspects of social indexation and sociolinguistic identity of the speaker (JOHNSON, 1997; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001; FOULKES; DOCHERTY, 2006). To investigate this issue experimentally, we used the technique known as Verbal Guise Technique (VGT), a variant of the Matched-Guise Technique (MGT) (LAMBERT ET AL., 1960; BALL; GILES, 1988), in order to verify whether the evaluation of subjects using front rounded vowels would differ when compared to the evaluation of subjects who do not make use of these vowels. The statistical-inferential results of the experiment showed no difference in the evaluation. However, the experience we had while conducting the experiment leads us to interpret these results with caution, and we suggest that this issue be explored in other types of tests, which are appropriate to the Haitian culture. In view of what we experienced, we offer some consideration on how to approach future research of the same kind.

Keywords: Haitian Creole; vowels; laboratory phonology; sociophonetics; exemplar models.

PINTO-SILVA, Bruno. **Vwayèl anteryè awondi nan kreyòl ayisyen an: yon endèks sosyal (?)**. 2022. Disètasyon (Metriz) – Fakiltè Filozofi, Lèt ak Syans Imen, Inivèsite São Paulo, São Paulo, 2022.

REZIME

Prensipal objektif nou an se te kontribye pou konpreyansyon kèk aspè nan fonoloji kreyòl ayisyen an, epi fè sa yon fason ki baze sou rechèch enstrimantal ak eksperimantal. Lang kreyòl ayisyen an pami lang kreyòl yo pi byen dekri jis jounen jodi a, aktout sa pa gen anpil etid ki fèt sou li, sitou nan domèn fonoloji; anfèt se konsa pou pifò lang kreyòl nan lemondantye (MUYSKEN; VEENSTRA, 1994; SMITH, 2008). Apati revizyon literati sou fonoloji lang kreyòl ayisyen nou te fè a, nou te jwenn plizyè sijè ki merite pou yo travay sou li, men nou menm nou pa t ap kapab adrese yo tout. Se konsa, nou te chwazi yon sèl sijè pou n diskite l. Nan rechèch n ap prezante la a, n ap gade sitou vwayèl anteryè awondi yo, [y ø œ], ki te deja dekri kòm "fonèm neglije nan kreyòl ayisyen" (ALPHONSE-FÉRÈRE, 1977), byenke yo pa kreye opozisyon ak lòt vwayèl anteryè ki pa awondi yo, anpalan de [i e ε], sa k ta ka fè yo doute estati fonolojik vwayèl sa yo nan kèk teyori fonolojik. Schieffelin ak Doucet (1994) montre itilizasyon vwayèl sa yo gen rapò ak kèk kesyon sosyolengwistik, espesyalman akòz prestij lang fransè nan sosyete ayisyen an, sa k fè moun yo bay varyete yo rele varyete akwolektal (ki pi pre lang fransè) lè yo konpare l ak varyete bazilektal (ki pi lwen fransè) plis valè. Nan etid sa a, nou adopte Modèl ki baze nan Egzanplè yo, yon modèl ki defann yon reprezantasyon fonolojik ki byen detaye epi ki gen ladan l kèk aspè ki fonksyone kòm endèks sosyal e ki gen rapò dirèk ak idantite sosyal entelokite a (JOHNSON, 1997; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001; FOULKES; DOCHERTY, 2006). Pou n kapab adrese sijè sa a eksperimantalman, nou te itilize yon teknik yo rele ann anglè *Verbal Guise Technique* (VGT), yon varyasyon teknik yo rele *Macthéd-Guise Technique* (MGT) (LAMBERT ET AL., 1960; BALL; GILES, 1988). Avèk teknik sa yo nou kapab verifye èske moun yo evalue yon entelokite ki itilize vwayèl awondi yo menm jan yo evalue yon entelokite ki pa itilize vwayèl sa yo, oubyen si gen diferans nan evalyasyon yon moun parapò ak vwayèl li itilize. Rezilta estatistik enferansyèl nou te jwenn yo pa t montre okenn diferans nan evalyasyon toule de gwoup sa yo. Sepandan, eksperyans nou te fè lè n te aplike eksperiman nou an fè n entèprete rezilta sa yo avèk prekasyon, e nou bay kòm sijesyon pou yo eseye fè lòt kalite tès, depi yo apwopriye pou kilti ayisyen an, sa n te sèlman vin rann nou kont apre aplikasyon tès la. Dapre eksperyans nou te fè a, nou fè yon ti reflechi ak kèk fason nou ta kapab abòde menm sijè sa a eksperimantalman nan yon lòt etid.

Mo kle: kreyòl ayisyen; vwayèl; fonoloji laboratwa; sosyofonetik; modèl egzanplè.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Textos de Alphonse-Férère	50
Quadro 2 - Consoantes segundo Johnson e Alphonse-Férère (1972).....	51
Quadro 3 - Consoantes, segundo Valdman (1978).....	64
Quadro 4 - Vogais, segundo Valdman (1978).....	65
Quadro 5 - Valores de F1 e F2 para as vogais nasais, segundo Valdman (1978)	65
Quadro 6 - Oposição de vogais orais e nasais, segundo Valdman (1978).....	66
Quadro 7 - Vogais em Tinelli, 1981	68
Quadro 8 - Consoantes em Tinelli, 1981	68

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 1.....	103
Tabela 2 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 2.....	103
Tabela 3 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 3.....	103
Tabela 4 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 4.....	104
Tabela 5 - Frequência da variável Sexo na amostra.....	106
Tabela 6 - Estatísticas descritivas da variável Idade na amostra.....	106
Tabela 7 - Frequência da variável Estado na amostra.....	107
Tabela 8 - Frequência da variável Escolaridade na amostra.....	107
Tabela 9 - Frequência da variável “Você se considera uma pessoa do interior?” na amostra.....	108
Tabela 10 - Falante 1 – Frequência da variável Inteligente na amostra.....	109
Tabela 11 - Falante 1 – Frequência da variável Honesto na amostra.....	110
Tabela 12 - Falante 1 – Frequência da variável Escolarizado na amostra.....	110
Tabela 13 - Falante 1 – Frequência da variável Rico na amostra.....	111
Tabela 14 - Falante 1 – Frequência da variável Trabalhador na amostra.....	112
Tabela 15 - Falante 1 – Frequência da variável Humilde na amostra.....	112
Tabela 16 - Falante 1 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra.....	113
Tabela 17 - Falante 2 – Frequência da variável Inteligente na amostra.....	114
Tabela 18 - Falante 2 – Frequência da variável Honesto na amostra.....	114
Tabela 19 - Falante 2 – Frequência da variável Escolarizado na amostra.....	115
Tabela 20 - Falante 2 – Frequência da variável Rico na amostra.....	115
Tabela 21 - Falante 2 – Frequência da variável Trabalhador na amostra.....	116
Tabela 22 - Falante 2 – Frequência da variável Humilde na amostra.....	117
Tabela 23 - Falante 2 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra.....	117
Tabela 24 - Falante 3 – Frequência da variável Inteligente na amostra.....	118
Tabela 25 - Falante 3 – Frequência da variável Honesto na amostra.....	118
Tabela 26 - Falante 3 – Frequência da variável Escolarizado na amostra.....	119
Tabela 27 - Falante 3 – Frequência da variável Rico na amostra.....	120
Tabela 28 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra.....	120
Tabela 29 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra.....	121
Tabela 30 - Falante 3 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra.....	121
Tabela 31 - Falante 4 – Frequência da variável Inteligente na amostra.....	122
Tabela 32 - Falante 4 – Frequência da variável Honesto na amostra.....	122
Tabela 33 - Falante 4 – Frequência da variável Escolarizado na amostra.....	123
Tabela 34 - Falante 4 – Frequência da variável Rico na amostra.....	123
Tabela 35 - Falante 4 – Frequência da variável Trabalhador na amostra.....	124
Tabela 36 - Falante 4 – Frequência da variável Humilde na amostra.....	124
Tabela 37 - Falante 4 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra.....	125
Tabela 38 - Frequência das características de cada falante.....	126
Tabela 39 - Frequência de cada características em cada falante e p-valor do respectivo Teste Exato de Fisher.....	129
Tabela 40 - Frequência das variáveis Falante e Item Inteligente na amostra ($p = 0.841$).....	132
Tabela 41 - Frequência das variáveis Falante e Item Honesto na amostra ($p = 0.971$).....	132
Tabela 42 - Frequência das variáveis Falante e Item Escolarizado na amostra ($p = 0.523$).....	132
Tabela 43 - Frequência das variáveis Falante e Item Rico na amostra ($p = 0.986$).....	133
Tabela 44 - Frequência das variáveis Falante e Item Trabalhador na amostra ($p = 0.851$).....	133
Tabela 45 - Frequência das variáveis Falante e Item Humilde na amostra ($p = 0.858$).....	133
Tabela 46 - Frequência das variáveis Falante e Item Bem-Sucedido na amostra ($p = 0.913$).....	133

Tabela 47 - Frequência de Fè Sirèt em cada falante e p-valor do respectivo Teste Exato de Fisher	142
--	-----

Lista de Figuras

Figura 1 - Microfone iMM6 acoplado ao iPhone 11	95
Figura 2 - Questionário sociolinguístico em escala Likert	98
Figura 3 - Questionário sociolinguístico com características discretas	100
Figura 4 - Plotagem dos valores brutos de F1 (eixo y) e F2 (eixo x)	104
Figura 5 - Frequência da variável Sexo na amostra	106
Figura 6 - Histograma da variável Idade	106
Figura 7 - Frequência da variável Estado na amostra	107
Figura 8 - Frequência da variável Escolaridade na amostra	107
Figura 9 - Frequência da variável “Você se considera uma pessoa do interior?” na amostra	108
Figura 10 - Falante 1 – Frequência da variável Inteligente na amostra	109
Figura 11 - Falante 1 – Frequência da variável Honesto na amostra	110
Figura 12 - Falante 1 – Frequência da variável Escolarizado na amostra	111
Figura 13 - Falante 1 – Frequência da variável Rico na amostra	111
Figura 14 - Falante 1 – Frequência da variável Trabalhador na amostra	112
Figura 15 - Falante 1 – Frequência da variável Humilde na amostra	112
Figura 16 - Falante 1 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra	113
Figura 17 - Falante 2 – Frequência da variável Inteligente na amostra	114
Figura 18 - Falante 2 – Frequência da variável Honesto na amostra	115
Figura 19 - Falante 2 – Frequência da variável Escolarizado na amostra	115
Figura 20 - Falante 2 – Frequência da variável Rico na amostra	116
Figura 21 - Falante 2 – Frequência da variável Trabalhador na amostra	116
Figura 22 - Falante 2 – Frequência da variável Humilde na amostra	117
Figura 23 - Falante 2 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra	117
Figura 24 - Falante 3 – Frequência da variável Inteligente na amostra	118
Figura 25 - Falante 3 – Frequência da variável Honesto na amostra	119
Figura 26 - Falante 3 – Frequência da variável Escolarizado na amostra	119
Figura 27 - Falante 3 – Frequência da variável Rico na amostra	120
Figura 28 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra	120
Figura 29 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra	121
Figura 30 - Falante 3 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra	121
Figura 31 - Falante 4 – Frequência da variável Inteligente na amostra	122
Figura 32 - Falante 4 – Frequência da variável Honesto na amostra	122
Figura 33 - Falante 4 – Frequência da variável Escolarizado na amostra	123
Figura 34 - Falante 4 – Frequência da variável Rico na amostra	123
Figura 35 - Falante 4 – Frequência da variável Trabalhador na amostra	124
Figura 36 - Falante 4 – Frequência da variável Humilde na amostra	124
Figura 37 - Falante 4 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra	125
Figura 38 -- Frequência das características de cada falante	127
Figura 39 - Padrão de resposta da escala Likert para cada falante	128
Figura 40 - Frequência de cada características em cada falante	131
Figura 41 - Frequência das respostas de cada item em cada falante	132
Figura 42 - Folha de árvore	139

Sumário

INTRODUÇÃO.....	21
1 O CRIOULO HAITIANO E AS CONTROVÉRSIAS QUE O CERCAM.....	24
1.1 INTRODUÇÃO.....	24
1.2 O CRIOULO HAITIANO: UM BREVÍSSIMO PANORAMA HISTÓRICO.....	24
1.3 O CRIOULO DO HAITI NO HAITI.....	25
1.4 O RÓTULO “CRIOULO” E SUAS CONTROVÉRSIAS.....	27
1.4.1 “Crioulo” e “pidgin”: a origem dos termos.....	27
1.4.2 As teorias acerca das línguas crioulas.....	28
1.5 A PERGUNTA QUE FICA: O “DEBATE CRIOULO” TEM SOLUÇÃO?.....	36
2 A FONOLOGIA DO CRIOULO HAITIANO: O ESTADO DA ARTE.....	41
2.1 INTRODUÇÃO.....	41
2.2 POR QUE REVISITAR O SISTEMA FONÉTICO-FONOLÓGICO DO CRIOULO HAITIANO.....	41
2.3 DESCRIÇÕES DO SISTEMA FONÉTICO-FONOLÓGICO DO CRIOULO HAITIANO.....	43
2.3.1 Robert A. Hall Jr. (1953).....	45
2.3.2 André-Marcel D’Ans (1968).....	48
2.3.3 Gérard Alphonse-Férère (1972, 1975, 1977, 1983).....	50
2.3.4 Albert Valdman (1978).....	63
2.3.5 Henri Tinelli (1981).....	67
2.3.6 Jean Robert Cadely (1988, 2002).....	71
2.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	75
2.4.1 Vogais orais.....	77
2.4.2 Vogais nasais.....	78
2.4.3 Consoantes oclusivas.....	78
2.4.4 Consoantes fricativas.....	79
2.4.5 Africadas.....	80
2.4.6 Consoantes nasais.....	80
2.4.7 Aproximantes.....	81
2.5 CONCLUSÃO.....	82
3 ARREDONDAMENTO DAS VOGAIS ANTERIORES: UM ÍNDICE SOCIAL (?).....	83
3.1 INTRODUÇÃO.....	83
3.2 A DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	83
3.2.1 Vogais arredondadas e heranças ideológicas.....	85
3.3 VOGAIS ANTERIORES ARREDONDADAS – NOSSAS HIPÓTESES.....	88
4 INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA: METODOLOGIA.....	90
4.1 INTRODUÇÃO.....	90
4.2 INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA: DECISÕES METODOLÓGICAS.....	90
4.2.1 O desenho do experimento e sua aplicação.....	91
5 RESULTADOS.....	102
5.1 INTRODUÇÃO.....	102
5.2 FASE 1: RESULTADOS DA ANÁLISE ACÚSTICA.....	102
5.3 FASE 2: RESULTADOS DAS ANÁLISES ESTATÍSTICAS.....	105
5.3.1 Análise descritiva marginal.....	105
5.3.2 Análise estatística inferencial.....	129
6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	134
6.1 INTRODUÇÃO.....	134
6.2 FONOLOGIA DE LABORATÓRIO E SOCIOFONÉTICA.....	134
6.3 FONOLOGIA NOS MODELOS DE EXEMPLARES.....	135

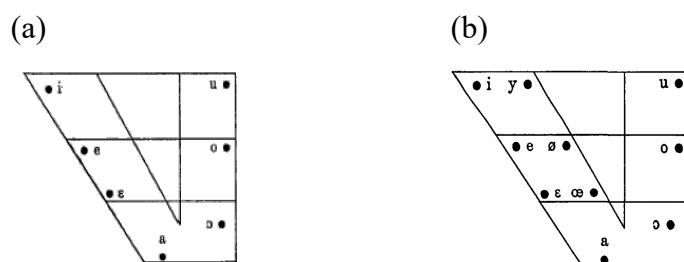
6.3.1	<i>Fonologia e indexação social</i>	139
6.4	A DISCUSSÃO DOS NOSSOS DADOS.....	140
6.4.1	<i>A que conclusão chegamos?</i>	144
6.5	REFLEXÕES FINAIS	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS		148
BIBLIOGRAFIA		150
ANEXO		156
ÍNDICE		157

Introdução

A presente pesquisa teve o objetivo de contribuir com o avanço da descrição fonético-fonológica do crioulo haitiano (ISO 639-3: hat). Entendemos que nosso objetivo foi alcançado, ainda que a maneira inicialmente idealizada para cumprir esse objetivo tenha se alterado durante o curso da realização da pesquisa, e tenha sofrido com limitações impostas, sobretudo, pela pandemia da COVID-19.

Quando apresentamos ao Departamento de Linguística nosso projeto, tínhamos levantado uma série de questões relevantes, mas pouco discutidas, acerca da descrição fonológica do crioulo haitiano. Mais tarde, com a revisita a toda a literatura sobre a fonologia do crioulo haitiano, foi possível constatar mais questões além das que já observáramos. De recortes em recortes, elegemos uma dentre várias outras questões fonológicas sobre a qual poderíamos nos debruçar: o lugar das vogais anteriores arredondadas na fonologia do crioulo haitiano.

Alphonse-Férère (1977, pp. 24-25) comenta que o inventário de vogais orais do crioulo haitiano é comumente dado como o que vemos em (a). No entanto, um quadro “completo e exato” seria como o que vemos em (b), uma vez que as vogais [y ø œ] se encontram mesmo na fala de indivíduos do “proletariado iletrado”.



Ao aprofundarmos nosso olhar para essa questão na literatura, elegemo-la como nossa ocupação de pesquisa. Há diversas razões por detrás de nossa escolha. Por exemplo, a partir das observações de Schieffelin e Doucet (1994), que são comentadas no Capítulo 3, entendemos que o uso das vogais anteriores arredondadas merece uma investigação sociolinguística, e – até onde é de nosso conhecimento – pesquisas sociolinguísticas ainda são escassas para o crioulo haitiano.

Entendemos também que a descrição sociolinguística do crioulo haitiano se torna de grande importância devido ao estigma que se criou de considerar as línguas rotuladas crioulas como “irregulares”. Ora, qualquer um que ignorar a variação linguística em todos os níveis (diacrônico, diatópico, diafásico, diastrático e diamésico) julgará seus dados linguísticos como irregulares, até que se decifrem as regularidades nas irregularidades. As línguas crioulas têm sofrido, injustamente, tal julgamento. E a maneira que encontramos para nos posicionar nesse debate é a da descrição linguística livre de conclusões prévias acerca da língua sob análise.

Uma outra razão que, inicialmente, nos fez eleger esse problema de pesquisa é o fato de a metodologia permitir a coleta de dados à distância, condição imposta pela pandemia. Todavia, veremos no Capítulo 4 que não foi possível realizar toda a coleta à distância, como inicialmente planejado.

Retomemos a questão eleita como foco da pesquisa que apresentamos aqui. Em muitos modelos teóricos, os fones [y ø œ] não são classificados como fonemas no crioulo haitiano, mas alofones de [i e ε], respectivamente, dada a impossibilidade de estabelecer pares mínimos para essas duplas de vogais, como os que temos no francês, por exemplo. Ainda assim, essas vogais são, não só usadas pelos falantes, mas percebidas e comentadas explicitamente. Resta, portanto, explicá-las.

Surge, então, mais uma questão: que modelo teórico daria conta de explicar nosso objeto? Adotamos aqui os Modelos de Exemplares (JOHNSON, 1997; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001; FOULKES; DOCHERTY, 2006) que nos permitem dar conta da indexação social que acreditamos acompanhar essas vogais. No Capítulo 6 comentamos em detalhes sobre o modelo teórico adotado por nós.

Tendo descrito de maneira ainda superficial – mas suficiente até aqui – o que se pode esperar dessa dissertação, comentamos agora como está organizada a apresentação da nossa pesquisa.

No **Capítulo 1: O crioulo haitiano e as controvérsias que o cercam**, descrevemos brevemente a história dessa língua e seu contexto sociolinguístico de uso atual, e apresentamos de maneira geral as muitas teorias que surgiram em torno das línguas de contato. Por fim, enfatizamos a necessidade de descrição dessas línguas, o que também fará avançar o que tem sido chamado de “o debate crioulo”.

No **Capítulo 2: A fonologia do crioulo haitiano – o estado da arte**, fazemos uma revisita detalhada aos trabalhos anteriores sobre a fonologia do crioulo haitiano e comentamos

cada um. Foi a partir dessa parte da pesquisa, que entendemos como um dos resultados da nossa pesquisa, que elegemos o foco principal: as vogais anteriores arredondadas. Nesse capítulo também compartilhamos muitas das nossas intuições a respeito de outras questões da fonologia do crioulo haitiano que não foram investigadas por nós, mas que merecem atenção.

No **Capítulo 3: Arredondamento das vogais anteriores: um índice social (?)**, delimitamos e justificamos nossa escolha de objeto de pesquisa. Reunimos ali as observações sobre as vogais anteriores arredondadas encontradas em nossa revisão de literatura, e comentamos especialmente o trabalho linguístico-antropológico de Schiefelin e Doucet (1994). Lançamos nesse capítulo nossa hipótese quanto à indicição social que acreditamos estar presente nas vogais [y ø œ].

No **Capítulo 4: Investigando a percepção social: metodologia**, descrevemos em detalhes nossa escolha metodológica, seu desenho e sua aplicação.

No **Capítulo 5: Resultados**, apresentamos de maneira objetiva os resultados da aplicação da metodologia descrita no Capítulo 4.

No **Capítulo 6: Discussão**, fazemos a discussão dos resultados apresentados objetivamente no Capítulo 5. Antes, no entanto, apresentamos considerações a respeito do modelo adotado, a saber, o dos Modelos de Exemplares em Fonologia.

Por fim, nas **Considerações finais**, fazemos um breve resumo dos nossos achados como um todo.

1 O crioulo haitiano e as controvérsias que o cercam

1.1 Introdução

No presente capítulo trataremos dos seguintes temas: (1) breve histórico da formação do crioulo haitiano, (2) uma breve descrição da situação sociolinguística do crioulo *do Haiti no Haiti*, (3) uma discussão sobre o rótulo “crioulo” e, por fim, (4) uma apresentação das considerações acerca das línguas crioulas que são mais relevantes para o presente trabalho.

Desde já, é preciso dizer que o que propomos aqui não é uma tentativa de discutir amplamente a literatura acerca das línguas classificadas como “crioulas”, mas apenas apresentá-la. Torna-se, no entanto, primordial que apresentemos um posicionamento nosso acerca das muitas discussões que ainda estão acontecendo no campo que se tem chamado “crioulística”, uma vez que aqui lidamos com uma língua rotulada crioula.

1.2 O crioulo haitiano: um brevíssimo panorama histórico

O crioulo haitiano é de base lexical francesa, sendo aproximadamente 90% do seu vocabulário derivado do francês (HALL, 1953). Seu surgimento, como é o caso das línguas crioulas em geral, se deu a partir do contato de línguas decorrente do colonialismo. No caso do crioulo haitiano, o contato entre franceses e africanos se deu nos séculos XVII e XVIII no Haiti colonial, anteriormente conhecido como Saint-Domingue.

Os primeiros africanos a chegar no Haiti vieram de St-Louis e Gorée, no Senegal. Mais tarde chegaram os da Nova Guiné. Há a documentação histórica da chegada de seis navios antes da década de 1690, todos na Senegâmbia (METTAS, 1978, 1984; LY, 1955; ELTIS et al., 1999). Singler (SINGLER, 1993a, 1993b, 1996) realizou pesquisa nos arquivos coloniais da França e, seguindo Heinl e Heinl (1978), p. 17), toma 1559 como o ano inicial do Haiti como colônia francesa. De acordo com suas evidências, o crioulo haitiano surgiu provavelmente entre essa data e o ano de 1740.

O crioulo haitiano já foi apontado como sendo um dos crioulos mais bem estudados algumas décadas atrás. (MUYSKEN; VEENSTRA, 1994) Ainda assim, há muitas controvérsias à sua volta. Alguns trabalhos defendem que certos traços estruturais do crioulo haitiano são de

natureza africana, como é o caso em Sylvain (1936), e outros mostram que estes mesmos traços podem ser atribuídos a dialetos do francês, especialmente os da Normandia (ABOH; DEGRAFF, 2016, p. 4). Informações mais detalhadas sobre a história do Haiti e, conseqüentemente, a história do crioulo haitiano, se encontram em Valdman (1971, p. 202; 1979, p. 100), Lefebvre (1998), Holm, 2000, pp. 86-91) e Aboh e DeGraff (2017).

Como se diz na própria constituição do Haiti, de 1987, no artigo 5º, ‘o crioulo haitiano é a única língua que une todos os haitianos’¹. Ainda que a Constituição haitiana reconheça isso, o que se vê na prática é o favorecimento do francês em detrimento do uso do crioulo haitiano nos serviços oferecidos pelo Estado haitiano, como, por exemplo, a educação. Na próxima seção, comentamos a esse respeito.

1.3 O crioulo *do haiti no Haiti*

Em Ferguson (1959), onde se estabelece o conceito de diglossia, figura o Haiti como um dos principais exemplos. No entanto, o Haiti, ao menos atualmente, não pode figurar como exemplo de diglossia, uma vez que apenas o crioulo haitiano é de fato dominado por todos os haitianos, e o francês apenas por 5% a 7% da população, a elite haitiana. Daí é que Dejean (1983), linguista haitiano, apelida o Haiti de “filho terrível da diglossia”. Afinal, comenta Dejean (1983) “todos os haitianos falam crioulo, e a grande maioria (por volta de 95%) são falantes monolíngues de crioulo. Essa maioria não pode, portanto, fazer uma escolha entre o crioulo (sua única língua materna) e o francês (que não falam).”

Ainda que o crioulo haitiano seja a única língua compartilhada por todos os haitianos, prevalece o uso do francês em diversas esferas, como na da educação. A fim de evidenciar que o francês não é a língua dos alunos nem a dos professores, DeGraff (2017, pp. 181-182), ao falar da importância do emprego da língua materna como língua de instrução, descreve a seguinte situação que vivenciou ao acompanhar uma aula em La Gonâve da seguinte maneira:

Eis uma situação da qual fui testemunha em 2011 em uma escola pública em La Gonâve, durante uma lição de ciências naturais numa sala do 3º ano do fundamental. O professor havia escrito no quadro esta questão de múltipla escolha: “O que uma “árvore” é?” As árvores são: (a) seres vivo (sic); (b) seres não vivos; (c) seres que passuem (sic) pés. Sem dúvida, a intenção era escrever

¹ No original, em crioulo haitiano: “Sèl lang ki simante tout Ayisyen ansanm, se lang kreyol la.”

“possuem”, ainda que ele não tenha notado o erro ortográfico, mesmo quando eu perguntei o que ele entendia por “passuem”. Mas de onde poderia ter vindo essa menção a “pés”? Por que a sequência “seres que p[o]ssuem pés” apareceu junto às expressões “seres vivos” e “seres não vivos”? Isso pode ser facilmente compreendido depois de nos darmos conta de que o professor é, em primeiro lugar, uma falante de crioulo, com limitações no francês. Em crioulo, “laranjeira” se diz *pye zoranj* (pé de laranja), “bananeira” é *pye bannann* (pé de banana), e “árvore” é *pye bwa* (literalmente, pé de madeira). Portanto, para um crioulofôno, que sabe que os nomes de árvores geralmente contêm a palavra “pé”, parece lógico perguntar aos alunos se uma árvore é definida como algo que possui pés. (Tradução nossa.)²

O uso do francês em detrimento do uso do crioulo haitiano torna-se um empecilho para a educação no Haiti, o que reflete em toda a sociedade. Em entrevista ao *site* [ForeignPolicy.com](https://foreignpolicy.com)³, Benjamin Hebblethwaite, haitiano, professor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade da Flórida comenta que quando lhe perguntam qual é a razão das dificuldades econômicas e políticas do Haiti que só pioraram desde a constituição de 1987, sua resposta é a de que são muitas as razões, e subjacente a essas razões está a política linguística do país.

Sobre o prestígio da língua e cultura francesas na sociedade haitiana, Schieffelin e Doucet (1994, pp. 181, 187) comentam:

A França não só deixou sua língua em suas colônias, mas os colonizadores franceses transmitiram amplamente ideologias sociais e linguísticas que tiveram repercussões semelhantes em relação às atitudes em relação às variedades de línguas faladas nessas colônias, incluindo os crioulos. [...] A noção de que a língua francesa é superior a todas as outras foi transmitida às colônias francesas e sobreviveu nas mentes e práticas dos ex-colonizadores e ex-colonizados. (Tradução nossa.)⁴

² Trecho original: “*Voici une situation dont j’ai été témoin en 2011 dans une école publique de La Gonâve, pendant une leçon de sciences naturelles en classe de 3e année fondamentale. L’instituteur avait écrit au tableau cette question à choix multiples: « Qu’est-ce qu’un arbre? Les arbres sont des: a) êtres vivant [sic]; b) êtres non vivants; c) êtres passédant [sic] des pieds. » Il avait sans doute l’intention d’écrire ‘possédant’, n’a cependant pas semblé remarquer la faute d’orthographe lorsque je lui ai demandé ce qu’il entendait par ‘passédant’. Mais d’où pouvaient bien venir ces ‘pieds’? Pourquoi la séquence « êtres p[o]ss[é]dant des pieds » a-t-elle été ajoutée à « êtres vivants » et « êtres non vivants »? On l’explique facilement si l’on se rappelle que l’instituteur est d’abord un locuteur de créole, avec une aisance limitée en français. En créole, ‘oranger’ se dit *pye zoranj*, ‘bananier’ *pye bannann*, et ‘arbre’ *pye bwa* (littéralement ‘pied bois’). Donc pour un créolophone qui sait qu’en créole les noms des arbres contiennent généralement le mot *pye*, il peut être logique de demander aux élèves si un arbre est défini comme quelque chose qui possède des pieds.*”

³ Link para a entrevista: <https://foreignpolicy.com/2021/08/03/haiti-language-education-school-french-haitian-creole/>

⁴ Trecho original: “*France not only left its language in its colonies, but French colonists transmitted broadly shared social and linguistic ideologies that have had similar repercussions regarding attitudes toward varieties of languages spoken there, including the creoles. [...] The notion that the French language is superior to all others was transmitted to the French colonies and survived in the minds and practices of both the ex-colonizers and ex-colonized.*”

Não bastasse a desvalorização do crioulo haitiano em terra haitiana, pelos seus próprios falantes, veremos a seguir que o tratamento dado às línguas crioulas dentro da Linguística por muito tempo contribui, de certa forma, para a desvalorização dessas línguas.

1.4 O rótulo “crioulo” e suas controvérsias

Chegamos a uma questão de grande relevância para o presente trabalho, ainda que não seja nosso foco. Trata-se da discussão acerca das línguas crioulas constituírem uma classe tipológica à parte das línguas não crioulas ou não. De modo algum discutiremos profundamente ou daremos uma resposta a isso. É, no entanto, necessário que nos posicionemos a respeito, afinal estamos lidando com uma língua rotulada “crioula”, e entendemos que as várias ideias acerca dessas línguas são o pano de fundo e permeiam os trabalhos já feitos sobre os crioulos, ainda que apenas descritivos, o que abordaremos mais à frente.

Para começar, vejamos um pouco a respeito da etimologia das palavras “crioulo” e “pidgin”.

1.4.1 “Crioulo” e “pidgin”: a origem dos termos

O termo “crioulo” provavelmente tem origem no português, ou espanhol, e foi em primeiro lugar usado como designação etnográfica. Os nascidos nas colônias europeias nas Américas eram assim denominados (WINFORD, 2003, p. 305; MUFWENE, 1997; CHAUDENSON; MUFWENE, 2001; PALMIÉ, 2006; STEWART, 2007). Com o tempo, esse termo também passou a ser usado para designar as línguas faladas por esses povos. As línguas ditas “crioulas” são o resultado do contato linguístico de variedades não padrão de línguas europeias com diversas línguas não europeias. Essas línguas se desenvolveram entre os séculos XVII e XIX especialmente em ilhas nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

Tradicionalmente, as línguas crioulas têm sido explicadas em relação a línguas classificadas como *pidgins*. O termo *pidgin* surgiu, provavelmente, em Cantão, China, a partir de uma pronúncia alterada da palavra inglesa *business* ‘negócios’ (COMRIE *et al.*, 1996, p. 146). Estas línguas são geralmente definidas como línguas rudimentares, menos complexas, cujo único objetivo é o de facilitar a comunicação entre dois povos que não falam a mesma

língua, especialmente para fins comerciais. A partir do momento em que uma língua *pidgin* se expande e passa a ter falantes nativos, esta torna-se uma língua crioula. Assim, é comum que manuais de introdução à linguística separem as línguas *pidgins* das línguas crioulas baseando-se no argumento de que *pidgins* não têm falantes nativos, mas crioulos sim. Deste modo, tradicionalmente se apresentam as seguintes etapas que compoem o “ciclo de vida” (ou, ciclo vital) dessas línguas: pidginização > crioulização > descrioulização (HALL, 1962; HALL, 1966).

Na próxima seção, trataremos das teorias mais clássicas que tentam/tentaram dar conta de explicar a gênese das línguas crioulas. Após termos visto um pouco de cada uma, discutiremos acerca de recentes questionamentos que têm colocado em questão muito do conhecimento tradicional estabelecido acerca dessas línguas.

1.4.2 As teorias acerca das línguas crioulas

Já introduzimos o conceito de “ciclo de vida” que foi – e ainda é – amplamente difundido (BLOOMFIELD, 1933, p. 472–474; HALL, 1962; BICKERTON, 1981, 1983, 1984, 1988, 1990, 1999, 2008). Em muitos de nossos livros de introdução à Linguística ou em dicionários de Linguística, é bastante comum que os crioulos sejam explicados exclusivamente nos termos desse ciclo. Mais adiante veremos que essa noção é hoje bastante questionada por uma corrente de pesquisadores. Segundo a noção do ciclo de vida dos crioulos evoluíram de *pidgins*. Assim, estabelece-se o *pidgin* como o início do ciclo. Um *pidgin*, nessa visão, seria uma língua que surge pela necessidade de transações comerciais, por exemplo. Seu uso, argumenta-se, se restringiria a uma esfera específica da sociedade. Sua estrutura gramatical seria simples, rudimentar.

Essa língua reduzida, cujo surgimento resulta do contato de línguas, segundo algumas teorias, começa a tomar forma, sendo o léxico provido pela língua de maior prestígio (chamada de superestrato), e a gramática provida pela(s) língua(s) de menor prestígio (chamada(s) de substrato). As línguas de maior prestígio, conforme atesta a história, são, em sua maioria, línguas europeias. As de menor prestígio, por outro lado, são línguas africanas, no caso dos crioulos do Atlântico. Com o tempo, os *pidgins* passam a fazer parte de várias esferas da sociedade, ao passo que as crianças são expostas ao *pidgin* e o adquirem como idioma materno. Esse processo tem sido chamado *nativização* ou *crioulização* (HOLM, 2000, p. 7).

Nesse momento, o *pidgin* passa a ser um crioulo. A diferença básica, portanto, entre um *pidgin* e um crioulo é o fato de os crioulos terem falantes nativos, e *pidgins* não. Mas o ciclo de vida de que estamos falando continua. Se um crioulo permanece em contato com sua língua lexificadora (o superestrato), a tendência é que ele passe pelo processo de *descrioulização*.

A descrioulização é o processo de perda das “características crioulas” e a aproximação a características da língua europeia lexificadora. De acordo com Holm (2000: 10), alguns sugerem que exemplos destas línguas pós-crioulas seriam o inglês vernacular afro-americano e o português brasileiro vernacular. Muitas coisas haveria a dizer se fosse a descrioulização o nosso tópico de interesse. Em resumo, concordamos com Patrick (1999) que chama a atenção para o fato de a noção de descrioulização permanecer ainda incerta e insuficientemente distinguida de processos comuns de mudança linguística, além de não ser adequadamente sustentada pelas investigações diacrônicas disponíveis. Recomenda-se a leitura de Mayeux (2019, pp. 27-48) para uma visão geral da noção de descrioulização que conclui ser inadequada a base para tal artifício aplicado especificamente aos crioulos, afinal essas línguas não passariam por processos específicos aos crioulos.

Muitas teorias surgiram desde o início dos estudos do contato linguístico que tiveram o intuito de propor como se teria dado a gênese dessas línguas. A seguir comentaremos algumas das principais propostas. Veremos as seguintes teorias/hipóteses: Teoria da Monogênese (WHINNOM, 1956; TAYLOR, 1959; THOMPSON, 1961), o Bioprograma Linguístico (BICKERTON, 1981, 1983, 1984, 1988, 1990, 1999, 2008), a Hipótese da Relexificação (MUYSKEN, 1981; LEFEBVRE, 1998). O que desde já se pode dizer é que a essas ideias subjaz a noção de que os crioulos passam por processos específicos, de alguma forma colocando-as à parte de línguas que não emergiram do contato de línguas. Começemos pela Teoria da Monogênese.

1.4.2.1 Teoria da Monogênese

Whinnom (1956), em seu livro sobre o crioulo espanhol das Filipinas, propõe que esse crioulo teria se formado a partir do crioulo português da ilha indonésia de Ternate, que teria sido levado às Filipinas no século XVII. Eis um trecho da obra de Whinnom (1956, p. 21; n. 21):

As semelhanças na gramática e na sintaxe, e até mesmo no vocabulário entre os vernáculos de contato espanhóis nas Filipinas e o indo-português são tantas – e não são atribuíveis a um substrato comum – que podemos ter certeza de que o Ternateño se desenvolveu a partir do *pidgin* português comum dos mares orientais. (Tradução nossa.)⁵

Ao contribuir com mais dados e revisar o trabalho de Whinnom (1956), Taylor (1959) e Thompson (1961) apontaram outras similaridades entre crioulos. Começa assim a tomar forma o que veio a ficar conhecido como Teoria da Monogênese, já não defendida hoje em dia.

A proposta da Teoria da Monogênese é a de que muitos dos *pidgins* e crioulos teriam uma origem comum: um *pidgin* de léxico português que surgiu no século XV, na África, e que teria sido posteriormente relexificado em *pidgins* com base em outras línguas europeias, resultando em várias das línguas crioulas conhecidas modernamente (HOLM, 2000). Conforme comenta Couto (2017), “as ideias da monogênese e da relexificação passaram a ser uma [sic] das ideias mais atrativas da crioulistica”. Em termos simples, a hipótese da relexificação propõe a explicação de que a formação dessas línguas – que resultam do contato linguístico – se dá pela utilização do léxico de uma língua e da gramática de outra. Mais à frente, a relexificação voltará a ser abordada em detalhes. Antes, no entanto, vejamos a Hipótese do Bioprograma Linguístico, que, apesar de controversa, foi também bastante difundida.

1.4.2.2 A Hipótese do Bioprograma Linguístico

Com Bickerton (1981, 1983, 1984, 1988, 1990, 1999, 2008) tem início o que ficou conhecido como a Hipótese do Bioprograma Linguístico (HBL). Enfatizando determinadas características que seriam comuns a essas línguas, Bickerton (1984, p. 173) procura atribuir essas similaridades a um programa biolinguístico acessível às crianças que crescem em uma comunidade em que há intenso contato linguístico. A ideia de ter a linguagem como parte biológica tem a ver com o que sugere Chomsky (1981, 1982) sobre uma Gramática Universal. Bickerton (1983, p. 68), após comentar sobre a Gramática Universal, diz:

⁵ Trecho original: “*The similarities in grammar and syntax, and even of vocabulary between the Spanish contact vernaculars in the Philippines and Indo-Portuguese are so many – and they are not attributable to a common substratum – that we can be quite certain that Ternateño did develop out of the common Portuguese pidgin of the Eastern Seas.*”

As evidências advindas das línguas crioulas sugerem que a aquisição de primeira língua é mediada por um dispositivo inato de um tipo diferente. Em vez de disponibilizar uma gama de modelos gramaticais, o dispositivo fornece à criança um modelo gramatical único e bastante específico. Foi apenas em comunidades de língua *pidgin*, onde não havia nenhum modelo gramatical que pudesse competir com a gramática inata da criança, que o modelo de gramática inata não foi por fim suprimido. A gramática inata foi então revestida em qualquer vocabulário que estivesse disponível localmente e deu origem às línguas crioulas que conhecemos hoje. (Tradução nossa.)⁶

DeGraff (1999) comenta que a HBL foi “a primeira tentativa gerativista de elucidar e explicitar a gênese dos crioulos combinando a crioulição com a aquisição de língua materna”. A hipótese de Bickerton não foi bem aceita por todos na comunidade acadêmica, incluindo o próprio DeGraff (2003, 2005) que tem rejeitado qualquer hipótese que coloque a formação de línguas crioulas como uma exceção a outras línguas.

1.4.2.3 Hipótese da Relexificação

Passemos a tratar da Hipótese da Relexificação, já brevemente mencionada ao tratarmos da Teoria da Monogênese. O termo *relexificação* foi cunhado por Stewart (1962). O primeiro a formular essa hipótese em termos formais, contudo, foi Muysken (1981). Muysken (1981) é conhecido por sua pesquisa sobre a *media lengua* (ISO 639-3: *meu*), uma língua mista, falada no Equador, que teve o léxico substituído pelo do espanhol. Desse modo, a Hipótese da Relexificação ajudaria a explicar o processo em que se mantém o léxico de uma língua, mas a gramática de outra.

Um dos trabalhos mais conhecidos dentro dessa hipótese é o de Lefebvre (1998), que tem como foco justamente o crioulo haitiano. Lefebvre (1998) explica o conceito de relexificação, conforme formalizado por Muysken (1981), da seguinte maneira:

A relexificação é, portanto, um processo mental que constrói novas entradas lexicais copiando as entradas lexicais de um léxico já estabelecido e

⁶ Trecho original: “*The evidence from creole languages suggests that first-language acquisition is mediated by an innate device of a rather different kind. Instead of making a range of grammatical models available, the device provides the child with a single and fairly specific grammatical model. It was only in pidgin-speaking communities, where there was no grammatical model that could compete with the child’s innate grammar, that the innate grammar model was not eventually suppressed. The innate grammar was then clothed in whatever vocabulary was locally available and gave rise to the creole languages heard today.*”

substituindo suas representações fonológicas por representações derivadas de outra língua. (Tradução nossa.)⁷

Entende-se que: há um léxico pré-existente (da L1 dos falantes) e os falantes entram em contato com outro léxico (de uma L2). A relexificação é orientada semanticamente, é necessário haver relação semântica entre os itens lexicais. O que se prediz é que esses itens terão as propriedades semânticas e sintáticas de uma língua (o substrato) e a representação fonética da língua lexificadora (o superestrato). Em resumo, Lefebvre (1998) propõe que o crioulo haitiano seria o fongbe (ISO 639-3: fon), ou seja, teria a gramática dessa língua, com o léxico francês.

1.4.2.4 Crioulos e *pidgins*: a que famílias pertencem?

Outras propostas teóricas surgiram para tentar explicar satisfatoriamente o processo de formação de crioulos e *pidgins*. Muitas delas, no entanto, deixam de considerar os fatores sociais do contato linguístico que também refletem na formação dessas línguas. Em uma dessas propostas reconhece-se a importância de observar os fatores sociais e ecológicos de como se dá o contato. Trata-se de Thomason e Kaufman (1988, p. 35), onde se lê:

É a história sociolinguística dos falantes, e não a estrutura de sua língua, que é o principal determinante do resultado linguístico do contato linguístico. Considerações puramente linguísticas são relevantes, mas estritamente secundárias em geral. (Tradução nossa.)⁸

Apesar de reconhecer a importância dos fatores sociais, que hoje têm sido vistos como imprescindíveis para compreender melhor o contato linguístico, poucas informações sociolinguísticas aparecem no modelo de Thomason e Kaufman (1988). Seu ponto de vista é o da linguística histórica e o que se pretende é propor um modelo de análise que permita prever, até certo ponto, as interferências linguísticas que podem resultar do contato de línguas. Ainda assim, Thomason e Kaufman (1988) são mais conhecidos, não por seu modelo de análise, mas

⁷ Trecho original: “*Relexification is thus a mental process that builds new lexical entries by copying the lexical entries of an already established lexicon and replacing their phonological representations with representations derived from another language.*”

⁸ Trecho original: “*It is the sociolinguistic history of the speakers, and not the structure of their language, that is the primary determinant of the linguistic outcome of language contact. Purely linguistic considerations are relevant but strictly secondary overall.*”

pelo que dizem a respeito da relação genética de crioulos e *pidgins* com as línguas que participaram de sua formação.

Segundo a proposta de Thomason e Kaufman (1988), os crioulos e *pidgins* não se formaram por transmissão normal: houve uma ruptura de transmissão, que resultou em aprendizagem imperfeita de L2. Essa transmissão “anormal” (termo usado pelos autores!) quebra, portanto, na visão desses autores, a filiação genética dos crioulos e *pidgins* tanto com as línguas de substrato quanto com as línguas de superestrato. Portanto, não cabe espaço para os crioulos e *pidgins* em uma *Stammbaumtheorie*.

Algumas das ideias vistas até aqui contribuíram para as visões de que crioulos teriam ‘processos específicos’ em razão da formação dessas línguas por meio do contato linguístico. Essas ideias permanecem, ainda que se distanciem das propostas iniciais, permanecem fortes modernamente em autores como McWhorter (1998), Parkvall (2008) e Bakker *et al.* (2011). Não raro, nos livros de introdução à Linguística ou dicionário de Linguística, os crioulos são explicados exclusivamente a partir dessas perspectivas. Vejamos mais a respeito das críticas que esses modelos têm recebido.

1.4.2.5 Críticas ao excepcionalismo dos crioulos

A partir do que consideramos na seção anterior, ficou evidente que as línguas que resultaram do contato linguístico têm sido classificadas e explicadas por meio de teorias específicas que, explícita ou implicitamente, as tomam como sendo de algum modo excepcional. Ferreira e Alleyne (2007, p. 326) comentam:

Ao longo da história da crioulistica, assumiu-se que as línguas crioulas (de qualquer base lexical) constituem um grupo especializado de línguas que exigem teorias e princípios especiais fora dos quadros gerais estabelecidos pela ciência linguística para lidar com as línguas do mundo. (Tradução nossa.)⁹

Mais recentemente, os modelos excepcionalistas têm recebido críticas e as ideias tradicionais desses modelos têm sido repensadas por um grupo de linguistas que se dedica ao estudo do contato de línguas e/ou tipologia linguística. DeGraff (2005), por exemplo, traz a

⁹ Trecho original: “*Throughout the history of Creole Linguistics, it has been assumed that creole languages (of whatever lexical base) constitute a specialised group of languages requiring special theories and principles outside the general frameworks established by the science of linguistics to deal with the languages of the world.*”

atenção para o início dos estudos linguísticos acerca das línguas crioulas e comenta que desde sempre se presumiu que essas línguas fossem de algum modo exóticas, excepcionais. DeGraff (2005, p. 533) comenta:

Apesar de sua base histórica no colonialismo e na escravidão e suas falhas científicas e sociológicas, o Excepcionalismo dos Crioulos ainda está consagrado no estabelecimento linguístico moderno e em sua literatura clássica. (Tradução nossa.)¹⁰

Esse linguista, que é falante nativo de crioulo haitiano, argumenta, com base em documentação histórica, que o termo crioulo, mesmo antes de passar a designar línguas, já tinha um “sabor de exceção”, em suas próprias palavras, e este “sabor” foi passado para o estudo científico das línguas naturais. Veja o que diz DeGraff (2005, p. 537):

O excepcionalismo crioulo começa com a bagagem epistemológica que é contida pelo próprio termo "crioulo" (...). Esta bagagem excepcionalista, um legado das suposições raciais-teóricas que foram promovidas como parte e parte da missão civilizadora da Europa na África e nas Américas, foi fortemente arrastada pelo tempo e pelo espaço, e ainda é central em muitos trabalhos na crioulistica contemporânea, independentemente de orientação teórica. (Tradução nossa.)¹¹

As novas perspectivas que têm ganhado força rejeitam as explicações *sui generis* aplicadas a essas línguas e passa a vê-las sob o mesmo olhar que se tem para com as línguas que não são rotuladas ‘crioulas’. A partir dessa ruptura, as próprias classificações “crioulo” e “*pidgin*” passam a ser redefinidas. Não mais se enxergam essas classificações como etapas de um ciclo de vida pela qual essas línguas passam.

Mufwene (2001, 2003, 2015) propõe que esses termos sejam vistos apenas como referentes à sócio-história dessas línguas. Trazendo a atenção para a história dos povos que falam línguas crioulas, Mufwene (2001, 2003, 2015) traça diversas semelhanças, como o fato de terem sido colônias em que a atividade primária era a plantação de cana-de-açúcar ou de arroz. A partir dessa perspectiva, o termo "crioulo" é uma designação puramente sócio-

¹⁰ Trecho original: “*Despite its historical basis in colonialism and slavery and its scientific and sociological flaws, Creole Exceptionalism is still enshrined in the modern linguistics establishment and its classic literature.*”

¹¹ Trecho original: “*Creole Exceptionalism begins with the epistemological baggage that is entailed by the very term “Creole” (...). This exceptionalist baggage, a legacy of the race-theoretical assumptions that were promoted as part and parcel of Europe’s mission civilizatrice in Africa and the Americas, has been forcefully dragged across time and space, and it is still central to much work in contemporary creolistics, independent of theoretical orientation.*”

histórica, contrariando a tradição de considerar esta classificação no sentido tipológico-estrutural. Esse olhar que muitos pesquisadores têm adotado em relação às línguas crioulas tem, sem dúvida, contribuído também para o avanço teórico da linguística e tem nos ensinado sobre mudança linguística.

Mayeux (2019), em seu estudo histórico e sociolinguístico a respeito do crioulo da Luisiana, conclui sua tese dizendo:

Esta tese constata que a mudança induzida pelo contato no crioulo da Luisiana não se comporta de forma específica aos crioulos. [...] O contato e a mudança linguística nas línguas crioulas são mais bem caracterizados por meio de estruturas teóricas existentes e não através de noções específicas aos crioulos, como a descrioulização. A intenção desta tese não é descartar décadas de trabalho sobre a descrioulização; em vez disso, essa tese demonstra que o trabalho sobre descrioulização pode ser integrado em um quadro não seja específico aos crioulos para dar conta do contato, variação e mudança e, portanto, contribuir para a nossa compreensão dos fatores universais que modulam esses fenômenos. (Tradução nossa.)¹²

Muito temos aprendido também com o trabalho de tipólogos que aceitam pôr de lado as concepções tradicionalmente aceitas sobre as línguas crioulas. Por exemplo, em Blasi, Michaelis e Haspelmath (2017), vemos um estudo tipológico empiricamente fundamentado que resultou no avanço da compreensão sobre as similaridades entre muitas das línguas classificadas como crioulas. Tal estudo mostrou que a maioria dessas línguas têm uma história muito parecida, especialmente no que diz respeito à sua ancestralidade linguística: são a maior parte (se não todas) resultado do contato de línguas do oeste europeu com línguas do oeste africano. Blasi, Michaelis e Haspelmath (2017) mostram que a transmissão de gramática se dá de maneira robusta mesmo no contexto em que se formaram as línguas crioulas. Esse estudo desafia as noções tão propagadas a respeito da ruptura da transmissão linguística regular, aprendizagem imperfeita e uma fase *pidgin*, que não é atestada no caso de muitos crioulos.

Comentando o debate acerca dos crioulos, Meakins (2022) traz à atenção a crítica comumente feita pelos que defendem o excepcionalismo dessas línguas de que esse debate está marcado por um choque entre uma objetividade e uma ideologia (cf. BAKKER, 2014; GIL,

¹² Trecho original: *This thesis finds that contact-induced change in Louisiana Creole does not proceed in a creole-specific fashion. It is therefore argued that language contact and change in creole languages is better characterized through existing theoretical frameworks and not through the creole-specific notion of decreolization. The intention of this thesis is not to dismiss decades of work on decreolization; rather, this thesis demonstrates that work on decreolization can be integrated into a non-creole-specific account of language contact, variation and change and so contribute to our understanding of the universal factors which modulate these phenomena.*

2014; MCWHORTER, 2018). O que vemos, no entanto, ao analisar de perto toda a metodologia empregada, que supostamente confirma a classe tipológica crioula postulada, é que tais investigações estão fortemente enviesadas e precisam ser repensadas e refeitas. Meakins (2022) comenta:

Em última análise, essa questão remonta à ideologia. É enganoso acreditar que os conjuntos de dados são objetos puramente imparciais. Em vez disso, devem ser vistos como construções discursivas que, neste caso, perpetuaram o olhar normativo da Europa Ocidental, seja esse o intuito consciente dos crioulistas ou não. (Tradução nossa.)¹³

O trabalho de descrição dessas línguas quando feito livre de ideias pré-concebidas esclarece de maneira significativa muitas questões. Para o bem da ciência, esse trabalho já começou a ser feito, e muitos são os casos em que as evidências têm apontado que estávamos errados sobre o que acreditávamos a respeito do contato de línguas. Estudos tipológicos como o de Ansaldo e Matthews (2007) argumentam que muitas das ideias ainda propagadas sobre os crioulos são mitos, a saber, o mito da simplicidade, o mito da descrioulização, o mito da diacronia excepcional e outros.

A questão que fica é: será que o “debate crioulo” tem solução? A seguir exploraremos essa questão.

1.5 A pergunta que fica: o “debate crioulo” tem solução?

Será que há uma solução para o “debate crioulo”? Quer haja, quer não, é preciso reconhecer que há muito a fazer em termos de descrição básica para muitas das línguas *pidgins* e crioulas. Nenhum linguista questionaria a importância da descrição linguística, afinal é sobre ela que as teorias podem se apoiar. Ainda assim, das cerca de sete mil línguas faladas hoje, temos à nossa disposição descrições apenas de um terço delas (BAKKER, 2010, pp. 101-102). No caso específico das línguas crioulas, para o qual há um intenso debate acontecendo, a descrição linguística terá muito a contribuir.

¹³ Trecho original: “Ultimately, this issue circles back to ideology. It is disingenuous to believe that datasets are purely unbiased objects. Instead, they must be seen as discursive constructs which, in this case, have perpetuated the normative Western European gaze, whether it is the conscious agenda of creolists or not.”

Ainda que não tenhamos a pretensão de solucionar nada aqui, queremos enfatizar o seguinte: um olhar atento nos levará a concluir que se não prestarmos atenção à descrição dessas línguas, levando em conta seus aspectos históricos e sociais, ficaremos longe de chegar a uma conclusão, ou "solução", se houver uma. Usaremos alguns fatos específicos do crioulo haitiano para discorrer mais sobre isso.

Para começar, devemos comentar alguns assuntos relacionados à Linguística Histórica e Sociolinguística das línguas crioulas em geral. Em nosso entendimento, parte da tradição da Linguística Histórica limita o estudo diacrônico dessas línguas. Particularmente, argumentamos que, o fato de a tradição em Linguística Histórica ser a de classificar línguas crioulas como excepcionais, tratando mudança por contato como exceção e não regra, resulta no cenário que vemos em que as línguas crioulas são insuficientemente descritas, não conhecemos sua diacronia, e não explicamos suas “irregularidades”. Também estão estagnados os estudos sociolinguísticos dessas línguas. Esse cenário conjugado com o fato de que algumas teorias, sobretudo gerativistas, prestam pouca ou nenhuma atenção à variação sociolinguística, como se não importassem à descrição da língua, faz com que prevaleça a noção excepcionalista.

A conclusão a que chegamos é a de que tais fatores é que fazem perpetuar as ideias de que os crioulos “se comportam” de maneira excepcional. As línguas crioulas emergiram particularmente a partir da mudança induzida pelo contato e esse tipo de mudança (ou seja, mudança devido a fatores externos) desafia os métodos da Linguística Histórica.

Mesmo em trabalho como de Thomason e Kaufman (1988), onde se diz reconhecer “a histórica sociolinguística dos falantes e não a estrutura de suas línguas como fatores determinantes do resultado do contato linguístico”, afirma-se que a mudança induzida pelo contato deve ser considerada "anormal".

É também do trabalho de Thomason e Kaufman (1988) que outras ideias populares nos estudos dos crioulos se originam, como a da “ruptura na transmissão” e “aprendizado imperfeito”. Diz-se que a chamada "ruptura na transmissão linguística regular" tem impacto na filiação genética da língua. Esse raciocínio levou os autores a estabelecer que as línguas crioulas não estão geneticamente relacionadas a nenhuma das línguas que participaram de seu surgimento. Sem dúvida, a atitude negativa que permeou a Linguística Histórica em relação à mudança induzida pelo contato como sendo excepcional, enraizada em uma visão eurocêntrica da ecologia linguística, também levou à conclusão dos crioulos como sendo línguas excepcionais. O que não se encaixa no modelo geralmente é considerado exótico e corrompido, e nunca um sinal de que o modelo falhou e deve ser melhorado.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos os desafios teóricos impostos pela mudança induzida por contato, queremos enfatizar a conclusão de Mayeux (2019) de que as línguas crioulas têm de ser observadas por meio de quadros teóricos existentes e aplicáveis a todas as línguas e não por meio de teorias específicas aos crioulos cujas origens remontam a ideias preconcebidas baseadas numa noção excepcionalista.

A fim de exemplificar o que queremos dizer quando apontamos que o excepcionalismo tem deixado suas marcas na descrição linguística, limitando o que se pode fazer nesse respeito, trazemos à discussão o caso do tratamento da nasalidade no crioulo haitiano.

Ao lidar com tópicos relativos à nasalidade no crioulo haitiano, Tinelli (1974) comenta de maneira geral sobre os crioulos:

A distribuição sistemática da nasalidade em crioulos é comumente descrita como anárquica, confusa e difícil de explicar, sincrônica e historicamente. **A conclusão implícita é que a crioulização é um tipo especial de evolução, que tem como uma das principais características a extrema irregularidade.** (Tradução nossa. Grifo nosso.)¹⁴

Fenômenos relativos a nasalidade são bem explicados em muitas línguas ou por meio de processos diacrônicos ou variação sociolinguística. Assim, é possível entender as aparentes irregularidades que sejam apontadas. Isso, no entanto, jamais foi feito para o crioulo haitiano. Em diversas ocasiões, linguistas que trataram do tópico “nasalidade” em crioulo haitiano nunca deram a devida atenção a tudo o que possa estar em jogo, como processos diacrônicos e a variação linguística. Como resultado, a língua é rotulada com “irregular” com respeito à nasalidade. Tinelli (1974, p. 348), alguém que tentou dar conta das alegadas irregularidades no que diz respeito à nasalidade no crioulo haitiano, comenta:

A confusão extrema que muitas vezes acompanha os tratamentos de nasalidade em crioulos franceses (...) [aparece] quando se permite que a étimo francês influencie a análise de padrões fonológicos do crioulo haitiano. Nem sempre fica claro, em algumas descrições, se o ponto de vista é sincrônico ou diacrônico.¹⁵

¹⁴ Trecho original: “*The systemic distribution of nasality in creoles is commonly described as anarchic, confusing, and difficult to account for, synchronically and historically. The implicit conclusion is that creolization is a special type of evolution, one of whose main characteristics is extreme irregularity*”.

¹⁵ Trecho original: “*The extreme confusion which often accompanies treatments of nasality in French creoles (. . .) [appears] when the structure of the French etymon is allowed to influence the analysis of Haitian phonological patterns. It is not always clear, in some descriptions, whether the viewpoint is synchronic or diachronic.*”

Muitos dos trabalhos descritivos de línguas crioulas foram feitos nos anos de 1950 e 1960, e essas línguas foram vistas com as lentes do excepcionalismo, o que deixou marcas em suas descrições. Mesmo hoje, linguistas que tomam para si a classificação de “excepcionalistas” e/ou “distintivistas” não concordam com tais ideias. Além disso, um olhar atento ao estado da arte da descrição da fonologia dessas línguas revela problemas de ordem metodológica. Não há, por exemplo, estudos experimentais ou instrumentais para a fonologia de muitas dessas línguas. O que há são descrições puramente impressionísticas. Trataremos desse tema no próximo capítulo.

Infelizmente, as línguas crioulas, de maneira geral, ainda são significativamente subestudadas. Ademais, a concepção de que fatores sociais são externos à língua, ou de pouca importância para a língua, criou a tradição de separar a língua de seu contexto social. Mas as línguas acontecem em contextos sociais, e não concebemos aqui separá-los. Acreditamos que essa separação nos fará ficar com um retrato incompleto de como uma dada língua realmente é.

Desde que as línguas crioulas começaram a ser estudadas, elas têm sido vistas sob o prisma excepcionalista. Mas quando nos dispomos a vê-las com as lentes que usamos para qualquer outra língua, e levamos em conta sua história, seu contexto social, então teremos o quadro completo. Essa é a atitude que adotamos no presente trabalho e esperamos que essa atitude nos fará desvendar problemas ainda não resolvidos, e nos fará pensar em como resolvê-los.

Em suma, concordamos com Singler (2009, pp. 345-346):

À medida que um número crescente de crioulistas produz gramáticas aprofundadas de crioulos específicos, são as diferenças que parecem proeminentes. Além disso, os esforços para comparar crioulos – especialmente se muitos crioulos estiverem envolvidos – muitas vezes parecem como que agredir o sistema de um determinado crioulo simplesmente pelo interesse de facilitar a comparação. Certamente há semelhanças que requerem explicação, mas elas não são nem tão numerosas nem tão profundas nem tão inesperadas que requeiram teorias extraordinárias. (Tradução nossa.)¹⁶

¹⁶ Trecho original: “As growing numbers of creolists produce in-depth grammars of individual creoles, it is the differences that seem prominent. Further, efforts to compare creoles – especially if very many creoles are involved – often seem to do violence to a given creole’s system simply in the interest of facilitating comparison. Certainly there are similarities that require explanation, but they are neither so numerous nor so profound nor so unexpected as to require extraordinary theories.”

No capítulo seguinte apresentaremos de perto o atual estado da arte da descrição fonológica do crioulo haitiano. É a partir dessa visita à literatura da fonologia do crioulo haitiano que escolheremos uma das questões com que lidar no presente trabalho.

2 A fonologia do crioulo haitiano: o estado da arte

2.1 Introdução

Ao introduzir o crioulo haitiano em uma obra de referência, publicada algumas décadas atrás, Muysken e Veenstra (1994, p. 153) comentam que, dada a importância histórica e demográfica dessa língua, à época, essa foi uma das línguas crioulas mais bem estudadas.

De fato, é bem provável que o crioulo haitiano seja um dos mais bem estudados dentre os crioulos, ainda que essa afirmação tenha sido feita há quase 30 anos. Interpretamos isso, no entanto, como algo preocupante, uma vez que, conforme se pretende mostrar nesta pesquisa, mesmo o que já foi estudado sobre o crioulo haitiano ainda é muito pouco.

O objeto do presente estudo é o sistema fonético-fonológico do crioulo haitiano. Quando adentramos nos estudos da Fonética e Fonologia das línguas crioulas, nossa tendência é concordar com Smith (2009, p. 98) de que esse tem sido um “campo negligenciado”. Isso ficará mais evidente ao longo deste capítulo, uma vez que revisitaremos o que já foi feito em termos de descrição do sistema sonoro do crioulo haitiano.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: (i) estabeleceremos as bases que me motivam a empreender esta revisita à descrição do sistema fonético-fonológico do crioulo haitiano; (ii) em seguida passaremos a apresentar as principais descrições que precedem a presente pesquisa, comentando-as em detalhes. Por fim, (iii) elegeremos um problema de pesquisa que será delimitado mais detalhadamente no Capítulo 3.

2.2 Por que visitar o sistema fonético-fonológico do crioulo haitiano

Quem pretende estudar uma língua crioula inevitavelmente também se vê em meio a um debate sobre essas línguas. Como já se abordou no Capítulo 1, aqui se adota uma visão não-excepcionalista sobre línguas crioulas (cf. DEGRAFF, 2005). Acreditamos que a visão tradicional, que os põe à parte das línguas que não recebem este mesmo rótulo, tem impactado a descrição dessas línguas, conforme já discutido no capítulo anterior.

A descrição do sistema fonético-fonológico de uma língua é uma das primeiras tarefas de um linguista que se propõe a documentar e descrever uma língua de que não se sabe muito ou nada. Esta tarefa nunca foi fácil, e sempre esteve sujeita a erros de diversas naturezas. O avanço nos estudos da linguagem (i.e., o avanço das teorias e das metodologias empregadas para o estudo científico da linguagem) contribui para a descrição precisa das línguas faladas em todo o mundo, desde que se lance mão de todo o arcabouço teórico-metodológico desenvolvido ao longo de muitos anos de pesquisa em Linguística.

No caso do crioulo haitiano, até onde pudemos constatar, nenhuma das propostas sobre o sistema fonético-fonológico está alicerçada em análises instrumentais e/ou experimentais, e questões importantes sobre as metodologias usadas em campo não são claras e nos fazem levantar questionamentos de diversas ordens.

Há duas principais razões para o cenário que descrevemos: (i) os principais textos que serão analisados aqui datam dos anos 50 e 70, o que nos leva a pensar sobre a dificuldade de conduzir análises acústicas sem o conhecimento e a tecnologia que hoje temos, e também (ii) o afastamento da fonética e da fonologia cada vez mais acentuado desde Trubetzkoy (1939). Apenas nos anos 80 começa a ser questionada que a fronteira entre a Fonética e Fonologia seja tão nítida como se propunha. Tem início, então, um empenho de aproximação destas duas disciplinas. A partir daí é que começa a tomar forma a posição metodológica que se conhece como Fonologia de Laboratório. Retomaremos essa discussão mais detalhadamente no Capítulo 6.

É justamente nessa questão que mora o primeiro argumento que sustenta a necessidade de revisitar a descrição do sistema fonético-fonológico do crioulo haitiano: a necessidade de alicerçar o que já se descreveu por meio de comprovações experimentais e de voltar a questões ainda não resolvidas devido à falta do emprego de abordagens teórico-metodológicas que hoje são amplamente empregadas para tratar os dados com o devido rigor. Deixar que o arsenal empírico-quantitativo da fonética nos auxilie dentro da fonologia é o principal objetivo do estudo que é aqui proposto. Isso se mostra ainda mais necessário tendo em vista que o pouco que há sobre a fonologia do crioulo haitiano baseia-se numa fonética impressionística, e não instrumental.

No presente trabalho, encaramos a relação Fonética–Fonologia como Ladefoged (2003), pp. 1-2):

Sem algum conhecimento dos sons, não se pode descrever a fonologia de uma língua. Trata-se de um problema do tipo “quem veio primeiro? O ovo ou a galinha?”. A fonologia precisa estar clara antes que se faça uma descrição significativa da fonética; e sem uma descrição dos sons, não se pode ir muito longe com a fonologia. [...] Nunca se deve confiar totalmente na descrição de outrem acerca dos sons da língua que é seu objeto de investigação. Pode ser que descreveram um outro dialeto, ou que a língua tenha mudado desde a primeira descrição. Ou, pode ser que fizeram uma descrição errada. (Tradução nossa.)¹⁷

Prosseguimos, assim, com nossa revisita à literatura da fonologia do crioulo haitiano. Passamos agora a fazer uma análise de cada uma das propostas já feitas para o sistema fonético-fonológico do crioulo haitiano. Antes, contudo, damos algumas explicações sobre como procederemos com a apresentação dessa revisita.

2.3 Descrições do sistema fonético-fonológico do crioulo haitiano

As propostas que aqui serão analisadas foram levantadas principalmente a partir da própria citação mútua dos autores, que muitas vezes comparam suas propostas àsquelas precedentes. Também se consultou o *The Atlas of Pidgins and Creole Language Structures Online* (<https://apics-online.info>) para o levantamento dos autores que já trataram da fonologia do crioulo haitiano. O texto mais antigo encontrado é de Robert Hall Jr., que data de 1953. O mais atual é o de Jean-Robert Cadely, que data de 2002. Nem todos os autores que serão analisados propuseram uma descrição do inventário total de fonemas, mas todos abordaram pelo menos algum aspecto da fonologia com o objetivo de verificar o estatuto fonológico de determinados segmentos mais controversos.

A metodologia para análise constitui de uma apresentação do autor, de detalhes da metodologia empregada por eles, e da apresentação da proposta. Em muitos casos foi necessário citação íntegra de trechos que merecem atenção cuidadosa. Igualmente se mostrou necessário

¹⁷ Trecho original: “*Without some knowledge of the sounds, you cannot describe the phonology of a language. It is a chicken and egg problem. The phonology has to be clear before you make a meaningful description of the phonetics; and without a description of the sounds, you cannot get very far with the phonology. [...] You should never fully trust anyone else’s description of the sounds of the language you are investigating. They may have been describing a different dialect, or the language might have changed since their account of it. Or they might have been wrong.*”

replicar integralmente alguns quadros tal como foram apresentados nos textos originais, visto que estas informações importavam diretamente para os questionamentos levantados. Todos os nossos comentários e questionamentos são levantados após a apresentação de cada proposta. Ao final do capítulo, forneceremos uma visão geral detalhada de tudo o que pretendo revisitar levando em consideração as propostas aqui analisadas.

Desde já, é preciso fazer um alerta ao leitor. Nos comentários a cada um dos autores que propomos revisitar, nossa voz se faz presente de maneira que, por vezes, foge dos padrões da escrita científica com os quais estamos acostumados. Ainda assim, vemos a necessidade de manter nossa voz nesses casos. Não se pode ignorar que esta pesquisa surge a partir de nossa experiência pessoal com o crioulo haitiano nos últimos oito anos. Entendemos que os comentários que fazemos podem contribuir no sentido de levantar questões que poderão ser investigadas por aqueles que se dispuserem a isso. Em resumo, pedimos que tomem nossos comentários pelo que eles realmente são: intuições de alguém que tem treinamento em Fonética e Fonologia e fala com fluência o crioulo haitiano. Essas inquietações podem levantar temas para aprofundamento em pesquisas futuras, mas não nos comprometemos aqui com a averiguação de todas as questões que levantaremos. A quem se dedicar a alguma das questões que trazemos aqui, registramos antecipadamente nosso agradecimento, pois também estará fazendo avançar a descrição do crioulo haitiano. Tome-se como proposta nossa apenas a questão eleita como nosso objeto de pesquisa, devidamente delimitada no Capítulo 3.

Na seção em que apresentamos cada uma das descrições, tivemos o cuidado de usar os símbolos fonéticos em conformidade com a apresentação original, e evitamos fazer qualquer tipo de adequação ou modernização. Se fizemos, indicamos claramente nossa intervenção. Desse modo, na seção onde apresentamos a proposta de cada autor, os usos de barras (/), colchetes ([]), ou a falta destas indicações, bem como a representação ortográfica de algumas palavras, seguem os originais. Quanto à seção em que comentamos cada uma das descrições, recai sobre nós a culpa de alguma confusão ou incoerência com essas representações e/ou usos de símbolos que porventura se identifique. Por fim, queremos também esclarecer que o uso de aspas duplas nas seções que se seguem é um recurso que indica citação direta apenas. Em alguns casos, usamos ‘*sic*’ para enfatizar que atenção deve ser dada a alguma colocação ou para pontuar algum estranhamento.

2.3.1 Robert A. Hall Jr. (1953)

Em Hall (1953) encontramos dez páginas dedicadas à fonologia do crioulo haitiano. Em três páginas Hall (1953) alista, sem muitas explicações, e mesmo sem fornecer pares mínimos, quais são os fonemas do crioulo haitiano e seus alofones. Depois, são identificados os padrões silábicos do idioma, os principais *clusters* consonantais, e uma comparação das propostas de ortografias disponíveis até então.

Hall (1953) não fala sobre como foi sua interação com seus informantes, mas descreve algumas informações sobre seus oito informantes. Três de Porto Príncipe, dois do Sudeste, um do Sul, um do Norte, um sem identificação de origem. São identificadas suas profissões, como Chefe do Departamento de Educação do Haiti, camareira, jornalista, enfermeira, sacerdote vodu, antropólogo e cozinheiro. São informadas as idades aproximadas, todos na faixa dos 30 anos de idade. Além desses, Hall (1953) enfatiza que são todos falantes nativos. Diz-se ter incluído também dados de “diversos haitianos cujas falas foram ouvidas em contato casual e em locais públicos”.

Hall (1953) prossegue introduzindo os fonemas que, segundo ele, totalizam vinte e seis, incluindo vogais, semivogais e consoantes. Antes de introduzir a lista de fonemas elaborada por Hall (1953), devo esclarecer que ele usa [˜] em suas transcrições fonéticas para sinalizar articulação frouxa (*lax*) e [ˆ] para indicar articulação tensa (*tense*). Para as transcrições fonológicas, usa-se o acento grave /˘/ para indicar articulação frouxa, sendo a tensa deixada sem qualquer marcação. Sobre o fonema /è/ para representar a vogal fonética [ɛ], e sobre o fonema /ò/ para representar [ɔ]. Hall (1953) explica:

A estrutura fonêmica do crioulo mostra três tipos de contraste: altura da língua (alta, média, baixa); posição da língua (anterior-não arredondada, posterior-arredondada); e tensão (tenso, frouxo). Esse terceiro contraste aplica-se apenas às vogais médias orais, e é simbolizada em nossa transcrição fonêmica por /˘/. (Tradução nossa.)¹⁸

¹⁸ Trecho original: “*The phonemic structure of Creole shows three types of contrast: tongue height (high, mid, low); tongue position (front-unrounded, back-rounded); and tenseness (tense, lax). This third contrast applies only to the oral mid-vowels, and is symbolized in our phonemic transcription by /˘/.*”

Hall (1953) apresenta as seguintes notações fonológicas para as vogais orais para o crioulo haitiano: /i e è a ò o u/. Essas vogais são realizadas foneticamente, respectivamente, como [i, e, ε, a, ɔ, o, u].

Hall (1953) também menciona a ocorrência “ocasional” de /y ø œ ə/ em “empréstimos ou pronúncias imitadas do francês-padrão”. Segundo Hall (1953), na pronúncia “comum” /y/ é substituído por /i/, /ø/ e /ə/ por /e/, e /œ/ por /è/. Esta explicação é exemplificada da seguinte maneira: /lyk/ ‘Lucas’ [‘lyk]; /œ.ɪ.øz/ ‘feliz’ [œ‘.ɪ.øz]; /favœ/ ‘favor’ [fa‘vœ]; na pronúncia comum ocorrem como /lik/, /èrez/ e /favè/.

Passando para a questão da nasalização, Hall (1953) diz que “o componente da nasalização ocorre em conexão com as cinco vogais básicas”, a saber, /i e a o u/, e as transcreve assim: /ĩ ã õ ã ã ã/ que são realizadas foneticamente como [ĩ ã õ ã ã ã].

Sobre as semivogais, Hall (1953) identifica as seguintes: /j/ e /w/ que são realizadas foneticamente como [j] e [w]. E também se menciona o segmento [ɥ], o qual só seria usado “ocasionalmente (...) em pronúncias galicizantes”.

Passando para as consoantes, Hall (1953) alista 17 fonemas e suas realizações fonéticas, da seguinte maneira: /p b t d k g f v s z š ž m n ɲ l r/ que foneticamente são [p b t/s d/dʒ k g f v s z ʃ ʒ m n ɲ l ʀ].

Hall (1953) apenas apresenta os fonemas, não discorre sobre suas escolhas. Após apresentar sua descrição, são dados alguns exemplos de grupos consonantais tautossilábicos. Apenas chamarei a atenção para alguns, os que depois devo comentar. Hall (1953) inclui o grupo /s/ + oclusiva surda como usado em empréstimos do francês apenas. Também se apresenta a sequência /s/ + oclusiva surda + líquida como uma sequência possível em empréstimos do francês. Apresenta-se /m/ + /s/ que é exemplificado com /msje/ ‘sir, gentleman, Mr.’. Também /t/ + /š/, que é exemplificado com /tšònèl/ ‘parasita’. Por último, é alistada a sequência /b/ + /m/, que se exemplifica com /bmatè/ ‘manhã’. Em coda, só se cogita da ocorrência de /lt/ e /ks/, exemplificados, respectivamente, com /kilt/ ‘culto, adoração’ e /taks/ ‘taxa’.

2.3.1.1 Comentários a Robert A. Hall Jr. (1953)

Prosseguirei com os comentários sobre os segmentos na ordem em que aparecem em Hall (1953): (i) as vogais orais, (ii) as vogais nasalizadas, (iii) as semivogais e (iv) as consoantes.

Quanto às vogais orais, não há muitas controvérsias a respeito do status de [i e ε a o o u] que se opõem e, portanto, temos os fonemas /i e ε a o o u/¹⁹. Há controvérsia, no entanto, com os segmentos [y ø œ], mas Hall (1953) não os inclui no inventário de fonemas. Para estes segmentos, que acreditamos ocorrer com maior frequência do que sugere Hall (1953), daremos mais detalhes na conclusão deste capítulo. Entendemos que a melhor abordagem para entender o uso de [y ø œ] como alofones de /i e ε/, respectivamente, será olhar para questões de ordem sociolinguística. Ao mesmo tempo que sabemos que essas vogais aparecem na língua, é preciso também reconhecer a impossibilidade de oposição destes segmentos com outros que difiram apenas no arredondamento. Para muitas teorias fonológicas, o arredondamento não será um traço fonologicamente relevante para as vogais anteriores.

Quanto às nasais, Hall (1953) diz que a nasalidade é um “componente que ocorre em conexão com as cinco vogais básicas”, [i e a o u] e postula os fonemas /ĩ ã õ ã õ ã/. Da nossa experiência com o idioma, [ĩ] e [ã] só ocorrem por assimilação. Será proveitoso também notar que o grau de nasalidade entre [ã ã ã] e [ĩ ã], mesmo de oitiva, é nítido, e será proveitoso investigar esse aspecto acusticamente. Desse modo, discordamos das transcrições de Hall (1953) quando se apresentam [ĩ ã] sem uma consoante nasal no contexto. Também se menciona a produção “opcional” de uma consoante homorgânica no contexto $\tilde{V} _ C$.

Passando para as consoantes, Hall (1953) identifica as africadas alveolares [tʃ dʒ]²⁰ como alofones de /t/ e /d/, o que esperamos se confirmar se realizada uma investigação por análise acústica. Para /n/ só se propõe o alofone [n], mas é possível que encontre também [ŋ] diante de oclusiva velar, se realizada uma análise para isso. Postula-se o fonema /ɲ/ com o alofone [j], mas não se cogita a possibilidade da desnasalização que resultaria em [j], o que esperaríamos encontrar. A relação de [ɲ] ou [j] e [j] ainda precisa ser bastante aprofundada, em termos de fonética e fonologia.

A /l/ se atribui o alofone [ʌ] no contexto que fonologicamente ele transcreve /lj/. [l] aparece nos demais contextos. Hall (1953) não dá detalhes sobre essa observação. De qualquer

¹⁹ O que Hall (1953) transcreve como os fonemas /è ò/, transcreveremos /ε o/.

²⁰ Hall (1953) transcreve como [tʃ dʒ].

maneira, olhemos para o exemplo utilizado, ‘água’ /dljo/ [ˈɟlo], o que nós transcreveríamos como [dlo]. Com isso, apontamos que essa questão carece de inspeção instrumental.

Quanto a /r/ se atribui o alofone [ɹ]. Em nota de rodapé, Hall (1953) comenta que este segmento é [h], no Sul. Infelizmente, não se menciona em lugar algum a consoante que se pretendeu simbolizar por [ɹ]. É difícil pensar que se trata da aproximante alveolar, conforme se vê no Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 2005) mais recente. O mais comum para o crioulo haitiano tem sido a transcrição com o símbolo de fricativa velar sonora, representada por [ɣ]. Hall (1953) transcreve /r/ mesmo diante de vogais arredondadas. Resta ainda estabelecer instrumentalmente qual é o rótico associado ao grafema <r> em crioulo haitiano.

Também é notável a variação que Hall (1953) descreve entre [ɹ] e [h], o que nós até hoje não observamos, ainda que já tenhamos lidado com haitianos de todas as partes. O que sim é notável é que [h] e [ɣ] se opõem, como em [hɛn] ‘ódio’ e [ɣɛn] ‘rainha’. Mais detalhes serão comentados na conclusão deste capítulo.

Para não deixar de comentar, brevemente trago à discussão observações em Hall (1953) acerca de duas estruturas silábicas apresentadas. Em primeiro lugar, a estrutura CCCVC, que é exemplificada com /skrib/ ‘escriba’, é classificada como presente apenas em “galicismos”. É preciso de rever e aprofundar essa questão, uma vez que a estrutura CCCVC pode provar ser mais frequente do que cogitou Hall (1953). Outra transcrição de Hall (1953) que chama a atenção é /bmatẽ/ ‘manhã’. Acreditamos ser um equívoco a transcrição de /bm/ [bm], para [maˈtẽ] ‘manhã’.

Passemos agora a conhecer a proposta de D’Ans (1968) e a analisá-la.

2.3.2 André-Marcel D’Ans (1968)

Visto que não foi possível conseguir o texto de D’Ans (nem em formato físico, nem digital), os comentários abaixo são baseados nas resenhas de Robert A. Hall Jr. e Morris Goodman. Ambos os autores têm obras sobre o crioulo haitiano.

O texto aqui comentado é o livro *Le créole français d’Haïti: étude des unités d’articulation, d’expansion et de communication* de André-Marcel D’Ans, de 1968. A primeira

seção deste texto é dedicada à fonologia do crioulo haitiano. D'Ans (1968) trata-se de um texto essencialmente descritivo do crioulo haitiano. Assim é que D'Ans (1968, p. 30) afirma:

O presente estudo é essencialmente sincrônico e descritivo. Ele não constitui, direta ou indiretamente, a exemplificação de nenhuma teoria genética, sociológica, histórica ou outra. (Tradução nossa.)²¹

D'Ans (1968) deixa claro que sua metodologia e terminologia são baseadas em Martinet (1960). Os informantes que colaboraram no estudo de D'Ans são haitianos, residentes da República do Congo, de classe alta, provindos de um ambiente intelectual e urbano.

Diferentemente da descrição prévia à sua, D'Ans (1968) não inclui os fonemas /ĩ ã/ como parte do sistema fonológico do crioulo haitiano, fato que chama a atenção de Hall (1970) e de Goodman (1970) em suas resenhas de D'Ans (1968). Nada se argumenta para a omissão de estatuto fonológico a /ĩ/ e /ã/.

Para o fato de a descrição de D'Ans (1968) fornecer um quadro de vogais nasais que não inclui as vogais altas /ĩ/ e /ã/, Goodman (1970) propõe como razão principal a escolha dos informantes. Em Goodman (1970), lemos:

A principal distinção entre as variedades mais ou menos cultivadas dos crioulos está na fonologia (a primeira articulação, para usar a terminologia de Martinet adotada pelo autor) em vez de na estrutura gramatical (a segunda articulação). Consequentemente, esse trabalho apresenta uma descrição fonológica um tanto diferente da dos seus predecessores. (Tradução nossa.)²²

No que diz respeito às consoantes, chamam a atenção transcrições como /foR/ 'forte' e /peR/ 'padre' cujas transcrições fonéticas aparecem como [fɔʁ] e [peʁ], respectivamente. Assim, a argumentação é a de que [ɔ] é alofone de /o/ e [ɛ] de /e/ em sílabas travadas.

²¹ Trecho original: "La presente étude se veut essentiellement synchronique et descriptive. Elle ne constitue, directement ni indirectement, l'illustration d'aucune théorie génétique, sociologique, historique ou autre."

²² Trecho original: "The principal distinction between the more and the less cultivated varieties of Creole is in phonology (la première articulation, to use the author's Martinet-derived terminology) rather than grammatical structure (la deuxième articulation). Consequently, this work presents a somewhat different phonological description from that of its predecessors."

2.3.2.1 Comentários a André-Marcel D’Ans (1968)

Até o presente momento, nossa tendência é acompanhar D’Ans (1968) na não inclusão de /ĩ/ e /ũ/ como fonemas. Entendemos que [ĩ] e [ũ] só aparecem por razão de assimilação, ou seja, junto a consoantes nasais. Não se deve desprezar o comentário de Goodman (1970) sobre a possível diferença na descrição de D’Ans se dever ao fato de as descrições anteriores se terem baseado em informantes de classes mais baixas e esta ter sido exclusivamente baseada em dados de informantes de classe alta, o que pode significar maior influência do francês, por diversas razões. Ainda assim, sugerimos que essa questão seja investigada instrumentalmente.

Nos parece bastante interessante a intuição e descrição de D’Ans (1968) sobre um /R/ em coda e sobre ao status de [ɛ] e [ɔ]. A partir da nossa experiência com o idioma, o que dá a impressão auditiva de um rótico, pode sim ser um *schwa* assilábico, algo parecido com o que se descreve para o dialeto carioca, no português brasileiro (cf. ARANTES et al., 2019). Mostra-se de grande importância a verificação acústica e, por que não, por técnicas de imagem, para essa questão. Sem discutir aprofundadamente a pertinência da postulação de um /R/ subjacente em palavras com [ɛ] e [ɔ], admitimos que a colocação de D’Ans (1968) tem fundamento, e cabe em alguns modelos teóricos, sendo que essas vogais aparecem apenas em sílabas travadas, ou abertas em que no étimo são travadas com o /R/.

Passemos agora a conhecer e comentar as propostas de Gérard Alphonse-Férère.

2.3.3 Gérard Alphonse-Férère (1972, 1975, 1977, 1983)

Aqui serão analisados os textos que constam do Quadro 1. Todos são de autoria de Gérard Alphonse-Férère, sendo o texto de 1972 escrito também por Bruce Lee Johnson.

Quadro 1 - Textos de Alphonse-Férère

ano	título
1972	Haitian Creole: Surface phonology

1975	Affricates in Haitian Creole: a new solution
1977	Neglected front rounded phonemes in Haitian Creole
1983	Nasalized vowels and semiconsonants in Haitian Creole

Gérard Alphonse-Férère é haitiano, falante nativo de crioulo haitiano, professor emérito do Saint Joseph’s College, Filadelfia, EUA. Em 1974, pela Universidade da Pensilvânia, Alphonse-Férère defendeu sua tese de doutorado, intitulada *Haitian Creole Sound-System, Form-Classes, Texts*. Suas contribuições mais citadas, no entanto, são as que constam do Quadro 5. Todos os textos de Alphonse-Férère são curtos (1972: cinco páginas; 1975: três páginas; 1977: cinco páginas; 1983: seis páginas) e não se dão detalhes sobre a metodologia para a obtenção dos dados discutidos e muito pouco se fala sobre quem são os informantes que colaboraram na pesquisa.

Johnson e Alphonse-Férère (1972) comentam aspectos gerais da fonologia do crioulo haitiano, adotando-se a seguinte divisão: (i) Consoantes; (ii) Vogais; (iii) Suprasegmentais; (iv) Comparação da análise proposta com a de Hall (1953). Seguiremos a mesma ordem para apresentar a proposta de Johnson e Alphonse-Férère (1972), e depois faremos nossos comentários à proposta seguindo a mesma sequência.

Os autores informam que se restringiram ao “proletariado de Porto Príncipe”, mas que suas análises se aplicam também aos outros dialetos. Informam também que ignoraram algumas variações que são “subfonêmicas”. Omitiram, por exemplo, “referência aos chamados dialetos ‘galicizantes’, e excluíram do sistema os segmentos /y ø œ ʉ/, que ocorrem esporadicamente na fala de alguns indivíduos”.

Na seção “consoantes”, apresenta-se o seguinte quadro de segmentos contrastivos:

Quadro 2 - Consoantes segundo Johnson e Alphonse-Férère (1972)

p	t	c	k
b	d	ʃ	g
f	s	ʒ	
v	z	ʒ	
m	n		



Johnson e Alphonse-Férère (1972) explicam que /g/ é realizado foneticamente como [ŋ] quando em coda, e antecedido de vogal nasal. Explicam também que ocasionalmente se ouve [ŋ̃g] em pronúncia enfática.

Aponta-se também que /t d/ são africadas quando precedem /j/ e /i/, sendo realizadas como [tʃ dʒ]. Também /c ʝ/ são africadas, sendo realizadas foneticamente como [tʃ dʒ].

O fonema /r/ é descrito como uma fricativa velar ou aproximante, que os autores representam pelo símbolo [ɣ].

O fonema /j/ é representado como sendo realizado foneticamente [j̃] quando precedido de vogal nasal.

Seguindo para a seção “vogais”, os autores mostram que há sete segmentos vocálicos contrastivos, a saber, /i e ε a o u/, e uma nasal silábica /ɱ/.

Aponta-se a realização de /a/ como [ɐ] quando final e átono.

Para os segmentos nasais, propõem-se cinco: [ĩ], [ẽ ~ æ̃], [ã ~ ẽ̃], [ũ], [õ]; os autores dizem que “é preferível tratá-las como /i e a u o/ + /~/. Mais adiante, justificam esta escolha por ser mais econômica, do contrário seria necessário reconhecer mais cinco segmentos.

/ẽ/ é foneticamente [ẽ] ou [ẽĩ] quando precede /j/. Mas é realizado como [ẽ̃ ~ æ̃] nos demais contextos.

Os autores descrevem que diante de uma oclusiva vozeada, “uma nasal, homorgânica, é inserida depois de uma vogal nasal”. Para exemplificar, usam as transcrições [ãm'ba] ‘embaixo’ e [pĩŋ'ga] ‘atenção!’.

Johnson e Alphonse-Férère (1972, p. 36) dizem que o crioulo haitiano apresenta um mesmo fenômeno presente no jeje (ISO 639-3: ewe) e no hindi. Eis a citação direta:

O crioulo haitiano exhibe o mesmo fenômeno que Jones (1956: 99-100) registra para o jeje e o hindi, que é a nasalização incidental e deliberada antes de /m

n/; assim fimê, 'fumar', é pronunciado ou como /fi'mê/ ou como /fi'mê/, mas nâm, 'alma', é sempre /'nâm/. (Tradução nossa.)²³

Por fim, os autores dizem que há a ocorrência de vogais longas “em fronteiras de morfemas”. Esta afirmação é exemplificada com /kɔmesã/ ‘o comerciante’, que “é morfologicamente {kɔmesã} + {la}”²⁴.

A seção Suprasegmentais tem apenas quatro breves itens que não abordaremos aqui. Prosseguiremos com a seção em que Johnson e Férère comparam sua análise à de Hall (1953).

Os autores dizem que a diferença principal de sua análise e a de Hall (1953, p. 37) é a adição de /c ʝ m/ e o tratamento de [ɲ ɳ]. Comentam também que

É claro que /c ʝ/ não pode ser tomada como as realizações de /tj dj/. /tj/ e /c/, /dj/ e /j/ alternam em itens como tyònél, 'parasita', e dyab, 'diabo', mas Pétio (sobrenome) e rádio, 'rádio', são sempre /pe'tjô/, /ra'djo/. Nesse ponto, nossa análise concorda com a de Hall. Mas não vemos nada na estrutura da língua que sugira que [tʃ dʒ] sejam fonologicamente *clusters*; em vez disso, a interpretação da unidade é indicada aqui. (Tradução nossa.)²⁵

Comentando sobre o que Hall (1953) cogita como o um aparecimento opcional de [ɲ] após uma vogal nasal(izada), Johnson e Alphonse-Férère (1972) dizem não verificar o mesmo. Pelo contrário, dizem que é possível achar pares mínimos como /do'mê/ ‘dorso da mão’, e /do'mê[ɲ]/ ‘um nome próprio’. Também /malê/ ‘astuto’ e /malê[ɲ]/ ‘ferida aberta’; /trê/ ‘trem’, e /trê[ɲ]/ ‘cajado’. Prosseguem dizendo que não se acham nos dados exemplos de [Ṽg], exceto como variante de [Ṽɲ], e não há ocorrências de [Vɲ]. Concluindo que [g] e [ɲ] estão “obviamente” (*sic*) em distribuição complementar.

²³ Trecho original: “*Haitian Creole exhibits the same phenomenon that Jones (1967: 99-100) records for Ewe and Hindi, that is, incidental and deliberate nasalization before /m n/; thus fimê, ‘to smoke’, is pronounced either as /fi'mê/ or as /fi'mê/, but nâm, ‘soul’, is always /'nâm/.*”

²⁴ O morfema de artigo definido no crioulo haitiano tem o alomorfe {an}, foneticamente [ã], quando sucede uma vogal nasal ou nasalizada.

²⁵ Trecho original: “*It is clear that /c ʝ/ cannot be taken as the realizations of /tj dj/. /tj/ and /c/, /dj/ and /j/ do alternate in such items as tyònél, ‘parasite’, and dyab, ‘devil’, but Pétio (a surname) and radio, ‘radio’, are always /pe'tjô/, /ra'djo/. To this extent our analysis agrees with Hall’s. But we see nothing in the structure of the language that suggests [tʃ dʒ] are phonologically clusters; rather, unit interpretation is indicated here.*”

De acordo com Johnson e Alphonse-Férère (1972), [ɲ] e [j] também estão em distribuição complementar. Os autores apontam que [ɲ] aparece apenas após vogais nasais e [j] em todos os outros possíveis contextos. Apontam também que “os estudantes desnasalizam /ɲ/ depois de vogais orais; *agneau*, por exemplo, é pronunciado [a'jo]”.

Com respeito à nasal bilabial silábica [ɱ] proposta pelos autores, deem atenção ao parágrafo na íntegra:

Relacionado a esse problema está a questão da análise de [ɱ]. Fomos forçados à conclusão de que [ɱ] é fonologicamente distinto de todos os outros segmentos pela razão óbvia: se [ɱ] for atribuído a /m/, não existirão regras estritamente fonéticas envolvendo acento ou junção ou ambiente segmental que prediga quando /m/ será silábico e quando não será. Assim, os dois ['mwẽ], 'menos', e [ɱ'we], 'Eu vejo', são fonologicamente /'mwẽ/ e /ɱ'we/, respectivamente. (Tradução nossa, p. 38)²⁶

Passarei agora a comentar a proposta em Alphonse-Férère (1975) para as africadas do crioulo haitiano. Em primeiro, Alphonse-Férère cita os tratamentos que precedem sua proposta, a saber, os de Hall (1953), Valdman (1964) e D'Ans (1968).

D'Ans (1968) adota uma solução combinando os fonemas /d+z/, e diz que teria analisado similarmente o correspondente surdo/não vozeado se o tivesse achado em seu corpus.

Hall (1953) não discute de maneira explícita as africadas, mas na página 21, lista a sequência /tʃ/ em /tʃɔnel/ 'parasite', como exemplo. /dʒ/, listado como fonema em D'Ans (1968), aparece como /dj/ em Hall (1953), e é exemplificado com /djab/ 'diabo'. Valdman (1964) propõe /č/ e /ž/.

Alphonse-Férère (1975) fornece sua lista de palavras usadas com nove informantes. Cada palavra foi apresentada com duas pronúncias e, de acordo com o autor, os informantes aceitaram todas as pronúncias. Visto que será proveitoso retomar aspectos da escolha de palavras adiante, replico na íntegra as palavras usadas:

[tʃa'tʃa] ou [tsja'tsja] maraca

²⁶ Trecho original: “Related to this problem is the question of the analysis of [ɱ]. We have been forced to the conclusion that [ɱ] is phonologically distinct from all other segments for the obvious reason: if [ɱ] is assigned to /m/, there exists no strictly phonetic rules involving stress or juncture or segmental environment which will predict when /m/ is syllabic and when it is not. Thus the pair ['mwẽ], 'less', and [ɱ'we], 'I see', are phonologically /'mwẽ/ and /ɱ'we/, respectively.”

[tʃõ'neɪ]	ou	[tsjõ'neɪ]	parasita
[tʃa'ka]	ou	[tsja'ka]	comida nativa
['tʃul]	ou	['tsjul]	ladies' man
[tʃo'fil]	ou	[tsjo'fil]	Teófilo (nome próprio)
[pe'tʃõ]	ou	[pe'tsjõ]	Pétion (nome próprio)
[ra'tʃɛ]	ou	[ra'tsjɛ]	ratoeira
[dʒe'vo]	ou	[dzje'vo]	sala de iniciação
['dʒab]	ou	['dzjab]	diabo
[dʒõ'dʒõ]	ou	[dzjõ'dzjõ]	cogumelo
['dʒɔl]	ou	['dzjɔl]	boca
[ra'dʒo]	ou	[ra'dzjo]	rádio
['dʒaz]	ou	['dzjaz]	jazz
[bõ'dʒe]	ou	[bõ'dzje]	Deus

Férère (1975) chama a atenção para o fato de que mesmo as duas pronúncias para ‘rádio’ e ‘Pétion’ foram aceitas, divergindo do informante que consultaram em Johnson e Férère (1972) que aceitou apenas [ra'dzjo] e [pe'tsjõ].

Também é oportuno replicar aqui a lista com as palavras que foram aceitas com uma única pronúncia:

[kaot'fu] ‘borracha’ foi aceito, mas não [kao'tʃju]
 [pɔt'ʃãm] ‘room door’, mas não [pɔ'tʃjãm]
 [pot'ʃãm] ‘night pot’, mas não [po'tʃjãm]
 [adʒy'dã] ‘warrant office’, mas não [adʒy'dã]
 [adʒi'dã] ‘warrant office’, mas não [adʒi'dã]
 [adʒek'tif] ‘adjetivo’, mas não [adʒek'tif]

Alphonse-Férère (1975) diz que observando é possível notar uma regularidade e “reconhecer que para cada palavra com [tʃ] ou [dʒ] há uma variante com [tsj] ou [dzj]”. Esses últimos dados, no entanto, “quebram esta uniformidade de alternâncias”.

Em conclusão, Alphonse-Férère (1975) sugere que nas palavras onde há as duas possibilidades, há “verdadeiras africadas” (*sic*), que podem ser realizadas como [tʃ] ou [tsj] e [dʒ] e [dzj]. Nos casos em que não se aceitaram as duas pronúncias, no entanto, conteriam as sequências [t] + [ʃ] e [d] + [ʒ], que “o ouvinte atento pode facilmente perceber”.

Passemos a analisar Alphonse-Férère (1977) onde se trata dos “fonemas arredondados negligenciados”, como sugere o título. Como os outros, o texto é breve, composto de cinco páginas. Começa-se destacando que todas as descrições formais disponíveis até então estabelecem que os fonemas vocálicos orais do crioulo haitiano são /i e ε a ɔ o u/. Se há menção a vogais anteriores arredondadas, estas são tratadas sempre como exceções ou empréstimos. Alphonse-Férère (1977) passa a comentar Hall (1953) em que se diz que as vogais anteriores arredondadas ocorrem apenas ocasionalmente, em palavras que são consideradas galicismos, ou seja, empréstimos do francês. Hall (1953) diz que na pronúncia “normal” (*sic*), estas vogais são substituídas pelas correspondentes não arredondadas.

Também a análise de D’Ans (1968) é destacada por Alphonse-Férère (1977). D’Ans (1968) estabelece um inventário fonético do qual constam também as vogais anteriores arredondadas e reconhece que elas devem fazer parte do inventário fonêmico, baseando-se em seu *corpus*, mas decide eliminá-las por três razões: (i) todos seus informantes pertenciam aos ciclos urbanos escolarizados, (ii) a análise de Hall em que tais vogais são descritas como galicismos, e (iii) a opinião de Jourdain (1956), “de que o uso de vogais anteriores arredondadas no crioulo da Martinica é uma mudança que aconteceu após o começo do século”.

Mais adiante, Alphonse-Férère (1977, p. 24) explicita que

As opiniões de Hall de que D’Ans usa em seu apoio são errôneas e foram contraditas pelas descobertas mais recentes do trabalho de campo de Albert Valdman, de acordo com quem as vogais arredondadas da frente são usadas por pessoas que absolutamente não sabem francês. (Tradução nossa.)²⁷

Alphonse-Férère (1977) comenta que pôde eliciar material não apenas de informantes escolarizados, mas também de não escolarizados, e se surpreendeu com a frequência da ocorrência de vogais anteriores arredondadas. Assim, passa a fazer suas considerações sobre essa questão.

²⁷ Trecho original: “Hall’s views that D’Ans calls to his support are erroneous and have been contradicted by the more recent field work findings of Albert Valdman, according to whom the front rounded vowels are used by people who know absolutely no French.”

Alphonse-Férère (1977) propõe a inclusão dos fonemas /y ø œ/ no inventário do crioulo haitiano. Os correspondentes fonéticos desses fonemas são, respectivamente, [y ø œ]. Os seguintes dados são apresentados em Férère (1977).

Férère (1977) propõe então que palavras que contenham /y ø œ/ sempre têm uma representação fonêmica correspondente em que aparecem também /i e ε/, mas o inverso não seria possível. Para exemplificar, Férère (1977) faz os seguintes contrastes:

/byro/ pode ser também /birô/

/plym/ pode ser também /plim/

mas...

/siro/ nunca poderá ser /syro/

/liv/ nunca poderá ser /lyv/

Alphonse-Férère (1977, p. 25) prossegue com os seguintes detalhes:

A maneira óbvia de contornar uma sobreposição total é propor que (1) cada palavra com uma vogal anterior arredondada em sua representação fonêmica é pareada com uma representação adicional que contém a vogal anterior não arredondada correspondente, e (2) que os morf fonemas | y | | ø | | œ | são mapeados nos fonemas /y i/, /ø e/ e /œ ε/ respectivamente, ao passo que os morf fonemas | i | | e | | ε | são sempre, e apenas, mapeados nos fonemas /i/ /e/ /ε/. (Tradução nossa.)²⁸

Passemos agora ao que Alphonse-Férère (1977) apresenta como “semiconsoante anterior arredondada”, a aproximante labiopalatal sonora, representada por [ɥ]. Novamente se traz à atenção que o estatuto desse segmento é controverso. Em Hall (1953) a proposta é de que se trata de ocorrências “ocasionais”, em formas “galicizantes”. Assim é que Hall (1953) explica que é possível /ɥit/ ou /wit/ ‘oito’. Alphonse-Férère (1977, p. 6) argumenta sua investigação mostrou que a questão dessa alternância está longe de ser tão simples e que o uso de /ɥ/ é mais amplo do que sugerido por Hall.

²⁸ Trecho original: “*The obvious way to circumvent complete overlapping is to claim (1) that each word with a front rounded vowel in its phonemic representation is matched by an additional representation containing the corresponding front unrounded vowel, and (2) that the morphophonemes | y | | ø | | œ | are mapped on to the phonemes /y i/, /ø e/ and /œ ε/ respectively, while the morphophonemes | i | | e | | ε | are always and only mapped on to the phonemes /i/ /e/ /ε/.*”

Alphonse-Férère (1977) fornece os seguintes dados:

		/ɥ/ ~ /w/	
/zɥit/	~	/zwit/	‘ostra’
/ɥit/	~	/wit/	‘oito’
/kɥit/	~	/kwit/	‘cozinhar’
/lãnɥit/	~	/lãnwit/	‘noite’
/zegɥi/	~	/zegwi/	‘agulha’
/sɥe/	~	/swe/	‘suar’
/minɥi/	~	/minwi/	‘meia-noite’
/nɥi/	~	/nwi/	‘noite’

Cabe agora dar atenção ao comentário de Alphonse-Férère (1977, p. 27) na íntegra:

É importante observar que durante todo o curso das eliciações os informantes usaram consistentemente as formas que continham /ɥ/ em vez da outra forma. Além disso, curiosamente, as formas

/wit/ 'oito'

/kwit/ 'para cozinhar'

/nwi/ 'para incomodar'

/minwi/ 'meia-noite'

foram **aceitas com relutância** quando as mencionei, e se aceitas, foram rotuladas de "rurais" pelos informantes que preferiram usar:

/ɥit/ /kɥit/ /nɥi/ /minɥi/ (Tradução nossa. Grifo nosso.)²⁹

Alphonse-Férère (1977) conclui dizendo que não foi descoberta uma condição fonológica que represente todas as ocorrências possíveis da alternância /ɥ/ ~ /w/.

Por fim, chegamos a Alphonse-Férère (1983) em que são discutidas as “vogais e semiconsoantes nasalizadas” do crioulo haitiano. Como sempre, Alphonse-Férère (1983)

²⁹ Trecho original: “It is important to remark that during the whole course of the elicitations the informants used consistently the forms containing /ɥ/ instead of the alternates. Also, interestingly enough, the alternates /wit/ ‘eight’ /kwit/ ‘to cook’ /nwi/ ‘to bother’ /minwi/ ‘midnight’ were reluctantly accepted when I mentioned them, and if accepted, they were labelled ‘rural’ by the informants who preferred to use: /ɥit/ /kɥit/ /nɥi/ /minɥi/”

aponta para suas análises com as de Hall (1953), D’Ans (1968) e Valdman ((VALDMAN, 1970)) antes de propor o seu tratamento.

Hall (1953) diz que “a nasalização ocorre em conexão com as cinco vogais básicas do crioulo”, a saber, /i e a o u/. Os exemplos de Hall (1953) são /pĩga/ ‘não!’, /ědjě/ ‘Indiano’, /ãtre/ ‘entrar’, /õz/ ‘onze’, /ũgã/ ‘sacerdote vodu’. Hall (1953) reconhece /j w/ como semivogais, mas nada fala sobre a possibilidade da nasalização destas.

D’Ans (1968) registra /Ë Æ Õ/³⁰ e rejeita /ĩ/ e /ũ/, dada a impossibilidade de oposição para a demonstração de pares mínimos.

Valdman (1970) registra [ẽ], [ã], [õ], usando os seguintes exemplos: [mẽnẽ] ‘conduzir’, [gãgã] ‘sacerdote vodu’ e [tõtõ] ‘tio’. À ocorrência de [ĩ] e [ũ], Valdman (1970) atribui a assimilação. Valdman (1970) reconhece [w] como uma semivogal, mas /j/ classifica como consoante. Não há semivogais ou semiconsoantes nasalizadas na análise de Valdman (1970).

Ao introduzir sua proposta, Férère (1983, p. 78) comenta que “as vogais nasalizadas do crioulo haitiano e suas semivogais ou semiconsoantes continuam seriamente subanalisadas”.

Alphonse-Férère (1983) retoma e reafirma que o inventário de fonemas vocálicos orais é o seguinte: /i y e ø ε œ a o u/. A esse inventário, propõe que o inventário para as nasais seja: /ĩ ẽ ã õ ãũ/. E exemplifica com os seguintes dados:

/ĩ/	[ĩ]	/ũsĩ/	‘sacerdote vodu’	/usi/	‘você tem certeza’	
/ẽ/	[ẽ]	[ɛ]	/pẽ/	‘pão’	/pe/	‘cale a boca’
/œ/	[õ]	[œ]	/lalœ/	‘alume’	/lalœ/	‘será a hora de’
/ã/	[ã]	/tã/	‘tempo’	/ta/	‘tarde’	
/õ/	[õ]	[õ]	/rõ/	‘redondo’	/ro/	‘alto’
/ũ/	[ũ]	/ũfũ/	‘templo vodu’	/ufũ/	‘você é forte’	

³⁰ Sem o texto de D’Ans (1968) não é possível afirmar com muita certeza, mas outros autores que o mencionam dizem que ele propõe essas vogais como arquifonemas. Resta ver seu texto para entender sua proposta.

Em conclusão, Alphonse-Férère (1983) interpreta esses fonemas como uma sequência Vogal Oral + “traço de nasalização”. Esta interpretação é dada em razão de “economia”.

Voltando-se para o que Alphonse-Férère (1983) prefere chamar de semiconsoante, em vez de semivogal, baseando-se em Hockett (1955), passa-se a considerar [w̃] e [j̃]. Quanto a [w̃], se diz que não há evidências para reconhecer um fonema /w̃/, ainda que [w̃] possa aparecer por razão de assimilação.

Quanto a [j̃], Férère (1983) propõe o fonema /j̃/ que também é analisado como a sequência [j] + “traço de nasalização”. Hall (1953) e D’Ans (1968) listam o fonema /ɲ/ cuja realização fonética representam com [j̃]. Valdman (1970) lista o fone [ɲ], o que para Alphonse-Férère (1983) não é o mais adequado, tendo em vista o grau de constrição.

2.3.3.1 Comentários a Gérard Alphonse-Férère

Prosseguiremos com os comentários na seguinte ordem: (i) consoantes, (ii) vogais orais, (iii) vogais nasais, (iv) glides³¹.

Johnson e Alphonse-Férère (1972) propõem que o fonema /g/ tem como alofone [ŋ] quando antecedido por vogal nasal. Temos de discordar de Johnson e Alphonse-Férère (1972). Pelo menos para o que ouvimos hoje crioulo haitiano, sempre há a realização de [g] nesses contextos. Se o crioulo haitiano permite [g] e [gʷ] foneticamente, resta analisar. Entendemos que [ŋ] é alofone de /n/, quando precede segmento velar, o que se explica facilmente por uma questão de homorganicidade.

Passemos a considerações sobre as africadas. Inicialmente, em Johnson e Alphonse-Férère (1972), temos [ts] e [dz] como alofones de /t/, diante de [j] e [i]. Concordamos com a análise. No entanto, também são inseridos os fonemas /c/ e /j/ cujas realizações fonéticas são transcritas, respectivamente, como [tʃ] e [dʒ]. O cenário muda drasticamente em Alphonse-

³¹ O que autores tratam ora como semivogal, ora como semiconsoante, tratarei como *glides*, mas será possível uma discussão mais detalhada após a coleta e análise dos dados.

Férère (1975) quando se propõe que [tsj] e [dzj] estão variação livre com [tʃ] e [dʒ], respectivamente³².

Alphonse-Férère (1975) fala sobre esta variação livre entre as africadas [tʃ] ~ [ts] e [dʒ] ~ [dz]. Novamente, precisamos reforçar a necessidade de investigação mais aprofundada para essa afirmação. Quanto a [tʃ] e [dʒ], Alphonse-Férère (1975) propõe uma divisão em “africadas verdadeiras” e sequência de segmentos, a saber, segmento oclusivo seguido de segmento fricativo. Concordamos com Alphonse-Férère (1975) em sua afirmação, até porque, nas palavras que exemplificam uma sequência de segmentos, esses segmentos estão em sílabas diferentes! Alphonse-Férère (1975) tentou mostrar que palavras como [ad.ʒek.tʃif] e [ad.ʒi.dã] teriam africadas, sem notar que a oclusiva ocupa a coda da primeira sílaba, ao passo que a fricativa ocupa o ataque da segunda sílaba. Em palavras como [tʃa.tʃa] é que temos o verdadeiro desafio de identificar ou uma sequência de segmentos ou uma africada.

Em Alphonse-Férère (1983), propõe-se o fonema /j/ no lugar de /ɲ/, conforme fizera Hall (1953) e D’Ans (1968). Em termos fonéticos, é necessário ainda determinar se o crioulo haitiano tem o segmento [ɲ] ou [j], ou os dois. Em matéria de fonologia, ainda resta explicar a distribuição desses mesmos segmentos, e também de [j] e [ʒ]. Acreditamos que não haverá como fugir de observações diacrônicas para entender [j]. Também é preciso levar em conta se o segmento [j] corresponde a um /j/ subjacente, a depender da teoria que for assumida. Na conclusão deste capítulo retomaremos esse ponto. De modo breve, vemos quatro possibilidades para o aparecimento de [j], se assumirmos uma teoria como a que usou o autor em questão: (i) [j] corresponde a um /j/ subjacente, como em /jo/ [jo] ‘3P.PL’ (que contrasta com /wo/ [wo] ‘alto’), (ii) [j] pode ser um *glide* epentético, presente, portanto, apenas foneticamente; seria o caso de /reel/ [ɣeʒel] ‘real’, e (iii) [j] é resultado da desnasalização de /ɲ/ (ou /j/, resta aprofundar as análises), como no exemplo citado em Alphonse-Férère (1983) [a'jo] ‘cordeiro’ (que também pode ser pronunciado [a'ɲo] ~ [a'jo]), cuja representação subjacente seria /aɲo/ ~ /aʒo/ (não nos comprometemos com nenhuma). Por último, (iv) [j] parece estar em variação livre com [ʒ] quando em final de palavra [ʒ] sucede a vogal [a], o que torna possível pronúncias variantes como [mesaʒ] ~ [mesaj] ‘mensagem’. Não é arriscado comentar que isso se verificar em todas as palavras que acabam em [aʒ]. Essa variação livre tem se estendido de tal modo que hoje já se ouve palavras que terminam em [aj] serem pronunciadas com [aʒ]; é o caso de /laʒ/ [laʒ]

³² Alphonse-Férère (1975) usa as transcrições [tʃ] [dʒ] [tʃ] [dʒ], que nós representaremos como [ts] [dz] [tʃ] [dʒ], visto que ele conclui que estas são de fato africadas. A [ts] [dz] ele conclui que sempre as acompanha [j].

‘idade’, que, de acordo com o que vimos, também permite a pronúncia [laj], que se confunde com /laj/ [laj] ‘alho’, que agora já se tem ouvido com a pronúncia variante [laʒ]. Há outros casos de uma possível neutralização em relação ao vozeamento que traremos na conclusão deste capítulo, mas que não foram registradas por Alphonse-Férère (1972, 1975, 1977, 1983).

Passemos para as vogais orais. Não há grandes questões a colocar a respeito de /i e ε a ɔ o u/. Quanto à inclusão de /y ø œ/, interessa-nos pensar. De fato, nossa experiência nos faz concordar com a ocorrência frequente dessas vogais, mesmo na fala de falantes monolíngues e, diferente do que relata Alphonse-Férère (1977), acreditamos que podem ocorrer mesmo onde não ocorrem em francês, por motivo de hipercorreção, o que voltaremos a explorar. O fato a que devemos dar atenção é: não se faz oposição entre vogais anteriores arredondadas e não arredondadas.

Passando para as vogais nasais, começamos retomando o comentário em Johnson e Alphonse-Férère (1972) sobre vogais longas que ocorreriam em casos como {kɔmɛsã} + {la} ‘o comerciante’ [kɔmɛsã:]. Vale a pena distinguir uma verdadeira vogal longa de uma sequência de vogais idênticas. Este último cenário nos parecer ser o mais adequado, [kɔ.mɛ.sã.ã]. Cada /ã/ sendo núcleo de uma sílaba fonológica³³.

Sobre o inventário de vogais nasais, levando em conta o entendimento fonológico mais tradicional para a identificação de fonemas, nós acompanhamos os autores que postulam três segmentos nasais fonêmicos, a saber, /ẽ/ [ẽ], /ã/ [ã], /õ/ [õ]. Entendemos que [ĩ] e [ũ] podem ocorrer, em diferente grau de nasalidade, por assimilação. Visto que outros autores voltarão na questão das vogais nasais, voltaremos a comentar mais adiante o tema, especialmente na consideração de Cadely (2002).

Chegamos aos *glides*. Restringiremos aqui nossos comentários aqui à aproximante labiopalatal vozeada representada por [ɥ]. Nossa experiência nos leva a sugerir que esse segmento é frequente no crioulo haitiano, fazendo parte da fala de todos os falantes. Ele ocorre especialmente no ditongo [ɥi].

A questão colocada é a alternância de [ɥi] com [wi]. Alphonse-Férère (1977) comenta que seus informantes aceitaram todas as palavras de sua lista nas duas formas possíveis, [ɥi] e [wi]. Também se esclarece que, para algumas palavras, a variante com [wi] foi

³³ O crioulo haitiano parece ter, no entanto, consoantes geminadas. Na verdade, falsas geminadas, que ocorrem na junção de palavras.

aceita com relutância. Entendemos muito bem essa colocação, visto que pronúncias como [wit] ‘oito’ são prontamente corrigidas por haitianos. Sem muito temor de errar, acreditamos que os falantes aceitem apenas [ɥit], daí a relutância encontrada. Isso é algo que o estudante de crioulo haitiano como L2 descobre muito rápido, assim que é introduzido aos números e diz [wit] em vez de [ɥit], e é imediatamente corrigido pelo nativo³⁴.

Chegamos ao fim dos comentários aos textos de Alphonse-Férère (1972, 1975, 1977, 1983), mas devemos prosseguir com as propostas de Albert Valdman.

2.3.4 Albert Valdman (1978)

Em *Le créole: structure, statut et origine*, Valdman (1978) tenta apresentar um sistema fonológico que valeria “grosso modo para a maioria dos crioulos franceses”. Em todo o texto se faz comparação com o francês, ainda que não se indique qual francês, mas nos dá a entender que se trata do francês moderno. Isso se justifica em Valdman (1978, p. 51) da seguinte maneira:

Uma vez que o crioulo está intimamente relacionado com o francês do ponto de vista histórico e sociolinguístico, não se poderia descrever sua estrutura sem se permitir observações comparativas, ou, usar um termo mais comum, contrastivas. (Tradução nossa.)³⁵

Como tem sido no caso das outras descrições da fonologia do crioulo haitiano, não é possível saber muito sobre a metodologia empregada para a descrição proposta, mas vamos aos dados.

Começa-se pela apresentação das consoantes. O sistema de consoantes do crioulo haitiano conforme aparece em Valdman (1978) é apresentado da seguinte maneira:

³⁴ [wit] remete a um nome próprio, equivalente a “Rute”, nunca ao numeral oito (8), segundo muitos haitianos com quem convivemos.

³⁵ Trecho original: “Puisque le créole est étroitement apparenté au français du point de vue historique et sociolinguistique, on ne pourrait décrire sa structure sans se permettre des remarques comparatives, ou, pour employer un terme plus courant, contrastive.”

Quadro 3 - Consoantes, segundo Valdman (1978)

TIPO DE SOM	LABIAL	DENTAL	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OBSTRUINTE					
OCLUSIVA	surda	p	t		k
	sonora	b	d		g
AFRICADA	surda			č	
	sonora			ǰ	
FRICATIVA	surda	f	s	š	
	sonora			ž	
SOANTE					
NASAL	m	n	(ɲ)	(ŋ)	
ESPIRANTE			r		h
LATERAL		l			
SEMIVOCÁLICA	w		j (ɥ)		

A esta apresentação das consoantes, Valdman (1978) acrescenta os seguintes comentários: (i) /č/ e /ǰ/ são “marginais, no sentido que eles se acham em empréstimos recentes ou que eles alternam com os grupos compostos de oclusivas dentais + /j/ ou vogal anterior”; (ii) também /r/ e /h/ são marginais pois só aparecem em ataque; (iii) também são marginais a nasal palatal /ɲ/, a velar /ŋ/ e a semivogal /ɥ/, sendo que esta última só aparece diante de /i/. Sobre /ɥ/, Valdman (1978) diz que falantes monolíngues frequentemente usam /w/ por /ɥ/.

Quanto às vogais, apresenta-se um quadro com dez vogais que se opõem em anterior vs posterior, oral vs nasal, e por quatro oposições de graus de abertura, sendo fechada vs meio-fechada, meio-aberta vs aberta. A seguir reproduzimos a descrição proposta por Valdman (1978):

Quadro 4 - Vogais, segundo Valdman (1978)

	oral		nasal	
	anterior	posterior	anterior	posterior
fechada	i	u	(ĩ)	(ũ)
meio-fechada	e	o	ẽ [ẽ]	õ [õ]
meio-aberta	ɛ	ɔ		
aberta		a		ã [ã]

Para as vogais orais, os contrastes se exemplificam com o uso de pares mínimos. Para explicar a notação fonética [ẽ], [ã] e [õ], Valdman (1978) traz valores de obtidos a partir de análise acústica dessas vogais, para “os dois primeiros formantes”. Os resultados são apresentados da seguinte maneira, sem maiores explicações.

Quadro 5 - Valores de F1 e F2 para as vogais nasais, segundo Valdman (1978)

	francês		crioulo	
	F1	F2	F1	F2
ẽ	550 Hz	1 700 Hz	700 Hz	2 200 Hz
õ	450 Hz	800 Hz	700 Hz	1 100 Hz
ã	500 Hz	1 100 Hz	950 Hz	1 400 Hz

A partir desses dados, Valdman (1978) destaca que essas diferenças acústicas justificam a transcrição fonética [ẽ] (diferente da francesa [ɛ̃]), [õ] e [ã] para indicar uma centralização e abertura mais reduzida.

Valdman (1978) prossegue com exemplos de contraste oral vs nasal, em posição final e diante de consoante nasal. Os exemplos fornecidos em Valdman (1978) são reproduzidos os seguintes:

Quadro 6 - Oposição de vogais orais e nasais, segundo Valdman (1978)

posição final				diante de consoante nasal			
ve	"voto"	vẽ	"vinte"			ven	"nosso voto"
vɛ	"copo"			vẽ	"veia"	vɛn	"nosso copo"
mo	"palavra"	nõ	"nome"	mõn	"mundo"	mon	"nossa palavra"
mɔ	"morto"					mɔn	"aborrecido"
sa	"isso"	sã	"sangue"	sãn	"cinzas"		
šat	"gato"	šã	"campo"	šãm	"quarto"	šam	"feitiço"

Com os dados acima, Valdman (1978) pretendeu mostrar a possibilidade de vogal nasal em fim de palavra, que cria contrastes com suas correspondentes orais. Também mostrou a possibilidade de contraste entre vogal nasal e vogal oral diante de consoantes nasais. Quanto às vogais altas [ĩ] e [ũ], Valdman (1978) reconhece a impossibilidade de contraste. Assim, Valdman (1978) sugere que a transcrição fonológica das palavras acima transcritas foneticamente não deve incluir a nasalidade de /i/ e /u/.

Passo, agora, a tecer alguns comentários.

2.3.4.1 Comentários a Albert Valdman

Em primeiro lugar, é preciso mencionar que a comparação do crioulo haitiano com o francês moderno deve ser feita com cuidado. Mas compartilhamos da ideia de que será necessário olhar para o francês (falado à época da colonização) para tentar ter um quadro maior dos fatos em alguns momentos mais do que em outros.

Pouco se argumenta sobre a inclusão de /č/ e /j/ como fonemas da língua. Mas será preciso retornar a essa questão. Em outro momento se falou mais detalhadamente sobre a inclusão destes fonemas e das africadas [tʃ] e [dʒ] e, por isso, deixaremos de comentá-las aqui.

Tampouco se explicam em detalhes da dita marginalidade dos segmentos [ɲ] e [ŋ], apenas se fala sobre seu aparecimento restrito à coda silábica. Quanto à aproximante labiopalatal vozeada [ɥ], já comentamos sobre sua ocorrência no ditongo [ɥi] e que sua variação por [wi] nem sempre ocorre sem consequências semânticas.

No que diz respeito ao quadro de vogais orais, Valdman (1978) apresenta sete fonemas orais, como se tem feito em praticamente todas as descrições precedentes à sua. Mas será importante verificar e argumentar mais a respeito de a língua realmente ter fonologicamente os quatro contrastes de abertura sugeridos, se levados em conta os apontamentos de D'Ans (1968).

No que diz respeito às vogais nasais, acreditamos que Valdman (1978) captou bem alguns detalhes que deverão ser levados em conta para a compreensão do funcionamento fonológico de [ĩ] e [ũ]. Chama nossa atenção a transcrição fonética de Valdman (1978) como em [pĩga] ‘atenção para não...’ que é transcrita em outros autores como [pĩnga]. Não acreditamos haver [ĩ] e [ũ] onde não houver também uma consoante nasal no contexto. Desse modo, a transcrição de Valdman (1978) parece mais acurada do que a de outros. Não se mencionam detalhes sobre esta transcrição ter base em análise acústica, mas é notável que Valdman (1978) é o único que menciona em algum momento ter empregado uma verificação instrumental.

2.3.5 Henri Tinelli (1981)

Aqui apresentaremos, e depois comentaremos, o livro *Creole Phonology* de Henri Tinelli (1981). Tinelli (1981) foi escolhido pelo fato de reunir Tinelli (1970³⁶ e 1974).

Tinelli (1981) dedica 17 capítulos à seção que se intitula “Fonologia subjacente”. A maioria desses 17 capítulos tem apenas uma página, tendo o maior capítulo seis páginas. Os capítulos não contêm argumentação detalhada, basicamente apresentam regras fonológicas. Todo o livro é inspirado no modelo de Chomsky e Halle (1968).

³⁶ Trata-se da tese de doutorado de Henri Tinelli, defendida na Universidade de Michigan, com o título *Generative phonology of Haitian Creole*.

É no capítulo 7 que Tinelli (1981) apresenta (em uma página) dois quadros, um de vogais e outro de consoantes, para apresentar os “fonemas sistemáticos” do crioulo haitiano. O Quadro 1 reproduz o sistema de vogais, e o Quadro 2 reproduz o sistema de consoantes, conforme apresentados em Tinelli (1981).

Quadro 7 - Vogais em Tinelli, 1981

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u	ĩ	ẽ	ã	õ	ũ
silábico				+			+					
consonantal	-	-										
obstruente												
fricativo												
oclusão									-			
nasal	-	-	-	-	-	+	+					+
alto	+	+	-	-	-	+		+				+
médio	-	+	-	+	+	-		+	+	+		
agudo	+	+	+		-			+	+	-		
labial							+			-	+	+
vozeado												

Quadro 8 - Consoantes em Tinelli, 1981

	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	m	n	ɲ	l	r	j	w	h	
silábico																			-	-	
consonantal																		+	-		-
obstruente				+														-	-		
fricativo							+	+	+	+	+	+									
oclusão	+	+	+	+		+							+	+	+	+	-				
nasal		-											+	+		-					
alto					+	+			-	-	+	+			-						+
médio																					
agudo			+	+	-	-			+	+					+	+				+	
labial	+	+					+	+					+								+
vozeado	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+									-

Tinelli (1981) não facilita muito nossa tarefa de tecer análises de todas as escolhas feitas, pois apenas apresenta o sistema, sem argumentar muito sobre este sistema. É sobretudo em questões da nasalidade que ele faz mais comentários. Especialmente em Tinelli (1974) tratou-se da nasalidade no crioulo haitiano.

Tinelli (1974, p. 343) faz a seguinte colocação que será oportuna mencionar agora e retomar mais em outro momento:

A distribuição sistemática da nasalidade em crioulos é comumente descrita como anárquica, confusa e difícil de explicar, sincrônica e historicamente. A conclusão implícita é que a criouliização é um tipo especial de evolução, que tem como uma das principais características a extrema irregularidade. (Tradução nossa.)³⁷

Mais à frente, Tinelli (1974) diz que sua impressão é que os processos de nasalização do crioulo haitiano não são tão irregulares assim. De fato, “são em muitos casos regulares”. E acrescenta que “este é um domínio do estudo de crioulos onde a fonética acústica pode fornecer resultados interessantes”.

Tinelli (1974) traz a atenção para que não seja desconsiderado que “a nasalidade encontrada na estrutura superficial pode ser lexical ou transformacional”. A nasalidade lexical é aquela que também está presente no étimo francês ou o resultado de uma mudança histórica, onde uma vogal oral do francês passou a nasalizada em crioulo haitiano. Os outros casos se encaixam em explicações por meio de regras de nasalização (progressiva ou regressiva). Tinelli (1974, 1981) apresenta a nasalização regressiva e progressiva como bastante produtivas em crioulo haitiano, mas será melhor aprofundar-se em suas propostas em outro momento.

2.3.5.1 Comentários a Henri Tinelli

Meus comentários vão se concentrar no tratamento de Tinelli (1981, 1974) sobre a nasalidade, pois vemos contribuições muito importantes, mas que ainda carecem de aprofundamento.

Primeiro, é muito importante a insistência de separar o que está na sincronia da língua do que foi o resultado de um processo diacrônico. Fazemos nossas as palavras de Tinelli (1974, p. 348):

³⁷ Trecho original: “The systemic distribution of nasality in creoles is commonly described as anarchic, confusing and difficult to account for, synchronically and historically. The implicit conclusion is that creolization is a special type of evolution, one of whose main characteristics is extreme irregularity.”

A confusão extrema que muitas vezes acompanha os tratamentos de nasalidade em crioulos franceses (...) [aparece] quando se permite que a étimo francês influencie a análise de padrões fonológicos do crioulo haitiano. Nem sempre fica claro, em algumas descrições, se o ponto de vista é sincrônico ou diacrônico. (Tradução nossa.)³⁸

Para complementar, vale também dar atenção a Tinelli (1974, p. 349) em perceber que

O resultado geral dessas mudanças diacrônicas é que as vogais nasais superficiais ainda podem ter duas fontes sincrônicas diferentes em francês — ela pode ser derivada pela transformação de uma vogal oral subjacente, por exemplo, /plen/ → [plɛ̃] ~ [plɛn], ou pode ser inerentemente nasal, como em /tâp/ → [tâ] 'time' — enquanto é sempre inerentemente nasal no haitiano: /plɛ̃n/ → [plɛ̃] ~ [plɛ̃n], /tâ/ → [tâ]. (Tradução nossa.)³⁹

O que se tem feito até agora é comparar o crioulo haitiano ao francês moderno sem se dar conta de que uma vogal nasal(izada) tem as possíveis explicações: (i) é verificável no étimo; (ii) surgiu em um processo histórico, que não é mais produtivo; (iii) é resultado de um processo sincrônico.

Apesar de as considerações de Tinelli (1974) serem muito pertinentes para selecionar os dados corretamente, cada qual com sua história particular com relação à nasalidade, ainda se reconhece que o processo de nasalização regressiva seja frequente na língua. Na verdade, concordamos as observações de Cadely (1981) sobre a assimilação de nasalidade ser menos frequente do que se tem proposto.

Além da separação sincronia vs diacronia, cuja importância é enfatizada por Tinelli (1974), é preciso também comentar sobre o fato de a presença de nasalidade comumente ser associada à fala de monolíngues e a ausência da nasalidade ser associada a falantes bilíngues que, portanto, estariam fazendo usos de empréstimos. Nosso entendimento é que esse pensamento precisa ser revisto. Tinelli (1974) sugere, por exemplo, que falantes monolíngues

³⁸ Trecho original: “*The extreme confusion which often accompanies treatments of nasality in French creoles (...) [appears] when the structure of the French etymon is allowed to influence the analysis of Haitian phonological patterns. It is not always clear, in some descriptions, whether the viewpoint is synchronic or diachronic.*”

³⁹ Trecho original: “*The overall result of those diachronic changes is that the superficial nasal vowels can still have two different synchronic sources in French — it may be derived by transformation from an underlying oral vowel, e.g., /plen/ → [plɛ̃] ~ [plɛn], or it may be inherently nasal, as in /tâp/ → [tâ] ‘time’ — whereas it is always inherently nasal in Haitian: /plɛ̃n/ → [plɛ̃] ~ [plɛ̃n], /tâ/ → [tâ].*”

tendem a usar formas como [madãm] em vez de [madam]. Sua tradução para [madãm] é “esposa, senhora”. Ora, [madãm] e [madam] são pares mínimos! Diferente do que Tinelli (1974) sugere, ao menos no uso moderno com que estamos familiarizados, [madãm] significa “esposa”, e [madam] significa “senhora”. Ambas as formas aparecem na fala de todos os haitianos, pois estamos diante de itens lexicais diferentes.

Consideremos agora a proposta de Jean Robert Cadely.

2.3.6 Jean Robert Cadely (1988, 2002)

Apesar de não ter sido possível achar muitos detalhes biográficos sobre Jean-Robert Cadely, foi possível confirmar que se trata de um linguista de nacionalidade haitiana. Aqui nos deteremos em Cadely (1988, 2002).

Cadely (2002) argumenta sobre o “estatuto das vogais nasais do crioulo haitiano”. Esse texto revisa até mesmo o que se propôs em Cadely (1994)⁴⁰. Começa-se mostrando o inventário fonético do crioulo haitiano, no qual se acham as seguintes vogais: [ĩ ẽ⁴¹ ã õ ù]. Passa-se, então, a uma pequena lista de pares mínimos para ilustrar o status fonêmico de [ã ẽ õ]. Admite-se a impossibilidade de pares mínimos com [ĩ ù] e o fato de sempre aparecerem em contexto com consoante nasal adjacente. Ainda assim, explica-se que isso não impediu a inserção dos fonemas /ĩ/ e /ũ/ nas propostas em Cadely (1994), Tinelli (1974) e Annestin (1987).

Em sua nova proposta, Cadely (2002) revisita boa parte da literatura sobre a assimilação de nasalidade em crioulo haitiano. Em Cadely (2002, p. 438), lemos:

Pesquisas anteriores sobre o fenômeno da assimilação nasal em crioulos franceses (Jourdain, 1956; Taylor, 1957) e em crioulo haitiano em particular (d'Ans, 1968; Tinelli, 1974; Valdman, 1978; Annestin, 1987) são unânimes em reconhecer que uma regra de nasalização regressiva se aplica em

⁴⁰ I.e., a tese de doutorado de Cadely, intitulada “*Aspects de la phonologie du créole haitien*”, defendida na Université du Québec à Montréal.

⁴¹ Cadely (2002) adota um circunflexo em vez de um til sobre o símbolo [e] para indicar a nasalidade, mas não argumenta uma razão especial, o que nos leva a pensar apenas em uma limitação do computador (ou da interação do autor com a inserção do símbolo [ẽ]).

[algumas] formas (...) enquanto [outras] são bastante afetadas por uma regra de nasalização progressiva. (Tradução nossa.)⁴²

Citando Tinelli (1974), Cadely (2002) diz que comumente se entende que há apenas algumas exceções à regra de assimilação que se acredita fazer parte do sistema fonológico do crioulo haitiano. Cadely (2002, p. 438) prossegue com o seguinte comentário:

Empiricamente, mostramos que a nasalização de vogais antes das consoantes nasais não tem o alcance geral atribuído a ela e que, de fato, a regra tem mais exceções do que exemplos. (Tradução nossa.)⁴³

Essa colocação é de grande importância e voltaremos a comentá-la. Por ora, precisa-se apenas enfatizar que apesar do aparente consenso sobre esta regra de nasalização regressiva, Cadely (2002) a questiona, levantando o fato de haver mais exceções do que se propôs até então. Isso leva Cadely (2002) a fazer a colocação de que “a esmagadora maioria dos itens lexicais do crioulo haitiano não acompanha esta generalização”.

Cadely (2002) conclui que:

Ao contrário das pesquisas anteriores, mostramos que (...) a nasalização não é feita automaticamente em crioulo haitiano. O fenômeno "mostra grande complexidade" e as regras para levá-lo em conta não podem ser formuladas de forma absoluta. (...) Mostramos que a natureza instável e imprevisível da assimilação nasal se deve ao fenômeno da mudança linguística que está sendo desenvolvido. (Tradução nossa.)⁴⁴

Como se vê, ainda que tenha sido mais perspicaz do que outros que tentaram explicar fatos de nasalidade no crioulo haitiano, Cadely (2002) ainda vê a nasalização como

⁴² Trecho original: “*Les recherches antérieures sur le phénomène d’assimilation nasal dans les créoles français (Jourdain, 1956; Taylor, 1957) et en créole haïtien en particulier (d’Ans, 1968; Tinelli, 1974; Valdman, 1978; Annestin, 1987) sont unanimes à reconnaître qu’une règle de nasalisation régressive s’applique dans [quelques] (...) formes tandis que [autres] sont plutôt affectées par une règle de nasalisation progressive.*”

⁴³ Trecho original: “*Sur le plan empirique, nous montrons que la nasalisation de voyelles devant consonnes nasales n’a pas la portée générale qui lui est attribuée et qu’en fait, la règle comporte plus d’exceptions qu’on n’en trouve d’exemples.*”

⁴⁴ Trecho original: “*Contrairement aux recherches antérieures, nous avons montré que (...) la nasalisation n’est pas un fait automatique en créole haïtien. Le phénomène “montre une grande complexité” et les règles pour en tenir compte ne peuvent être formulées de manière absolue. (...) Nous avons montré que le caractère instable et imprévisible de l’assimilation nasale est dû à un phénomène de changement linguistique qui est en cours de développement.*”

“instável e imprevisível”. Cadely (2002) encerra sua argumentação propondo que as vogais nasais do crioulo haitiano são “elementos complexos formados de uma combinação de vogal oral seguida de uma consoante nasal flutuante”.

A argumentação sobre nasalidade que se encontra em Cadely (2002) foi comentada de maneira mais objetiva, abrindo mão de comentários detalhados porque isso se fará mais à frente. Ainda assim, não se pode deixar de notar uma intuição de Cadely (2002) que se contrapõe à de outros (veja GOODMAN, 1970; TINELLI, 1974; VALDMAN, 1978) sobre a nasalização (ou ausência dela) estar associada de algum modo a “estrato social do interlocutor”. Assim, parece que prevaleceu uma ideia de que a regra de nasalização regressiva seria mais frequente em falantes monolíngues. Em Valdman (1991) se lê:

Um dos traços que distinguem as variedades de crioulo haitiano em uso entre monolíngues rurais é uma maior frequência de assimilação de vogais para consoantes nasais vizinhas. (Tradução nossa.)⁴⁵

Comentando Valdman (1991), Cadely (2002, p. 440) diz:

A nasalização é, portanto, percebida como uma característica, um "shibboleth" da fala dos monolíngues enquanto a não-nasalização reflete, pelo contrário, um certo "afrancesamento" comum aos bilíngues. Essa visão "reducionista" do fenômeno, no entanto, não é corroborada pelos dados que vamos apresentar. (Tradução nossa.)⁴⁶

Será útil ter em mente este comentário para complementar alguns pontos que serão levantados. Agora, será proveitoso passar para a apresentação da proposta em Cadely (1988) sobre a distribuição dos segmentos [ɣ] e [w].

Cadely (2002) começa enfatizando que já existe um consenso de que sobre “as mudanças de realização superficial do fonema /ɣ/”. Na proposta de Dejean (1980) atribui-se “esta mudança à transformação de palavras francesas com a sequência r + [+ arredondado] em

⁴⁵ Trecho original: “[l’]un des traits qui distingue les variétés du créole haitien en usage chez les unilingues ruraux est une plus grande fréquence de l’assimilation des voyelles aux consonnes nasales avoisinantes.”

⁴⁶ Trecho original: “La nasalisation est ainsi perçue comme une caractéristique, un “shibboleth” du parler des monolingues tandis que la non-nasalisation reflète, au contraire, une certaine “francisation” commune aux bilingues. Cette vision “réductionniste” du phénomène ne se trouve, toutefois, pas corroborée par les données que nous allons présenter.”

[w]”. Em Tinelli (1970) se fala de um processo de labialização de /y/ também diante de segmento [+ arredondado].

Cadely (2002) explica que o segmento [ɥ] aparece apenas em posição inicial de sílaba, seguida de vogais não arredondadas apenas. Não se encontra [ɥ] em final de sílaba. Quanto ao segmento [w], verifica-se sua existência tanto em ataque quanto em coda. Assim, /y/ e /w/ seriam fonemas diferentes. Mas pede explicação o fato da impossibilidade de [ɥ] diante de vogais arredondadas. Prossegue-se com explicações das propostas de Tinelli (1970) e Dejean (1980), mas estas já foram comentadas nas seções referentes a estes autores.

O trabalho de Cadely (1988) inspira-se especialmente em Kaye e Lowenstamm (1984) e Kaye *et al.* (1985). Por ora, deixaremos comentários teóricos para outra seção desta dissertação. Portanto, prossigo para a conclusão de Cadely (1988).

Argumentando que a estrutura silábica do crioulo haitiano permita ataques complexos compostos apenas da sequência obstruinte + soante, Cadely (1988, p. 135) conclui:

A distribuição incompleta de [ɥ] e sua ausência diante dos segmentos [+arredondados] nos forçam a postular, como hipótese de trabalho, que é uma semivogal. (Tradução nossa.)⁴⁷

Seja comum ou não a interpretação fonológica de [ɥ] como semivogal, esta conclusão de Cadely (1988) será importante para algumas reflexões que faremos. Assim, encerramos a apresentação (brevíssima) de Cadely (1988) e passamos aos comentários.

2.3.6.1 Comentários a Jean-Robert Cadely

Voltando às vogais nasais, acompanhamos Cadely (2002) em observar que não há [ĩ] e [ũ] onde não há consoante nasal, ou seja, essas vogais só ocorrem por assimilação. Acompanhamos também as observações de Cadely (2002) sobre o processo de nasalização regressiva no crioulo haitiano ser menos comum do que se tem comumente proposto. Em vez de serem poucos

⁴⁷ Trecho original: “*La distribution lacunaire de [ɥ] et son absence devant les segments [+arrondis] nous obligent à postuler, comme hypothèse de travail, qu’il s’agit d’une semi-voyelle.*”

vocábulos que fogem à regra, nossa experiência com o idioma nos leva à conclusão de que o raro é ter esta regra aplicada.

Será importante não descartar o fato de haver alguma mudança em curso na língua que explique alternâncias possíveis em que não há contraste entre uma vogal oral ou nasal(izada). Será importante entender também que a mudança pode estar relacionada a fatos sociais que merecem ser investigados. Igualmente será importante fazer uma investigação com itens lexicais escolhidos e separados a dedo, coisa que não se fez até agora. Quero dizer que uma vogal nasal(izada) se pode explicar, a depender do modelo teórico, por razões, como: (i) trata-se de uma vogal nasal (/Ṽ/) na sincronia da língua; (ii) um processo histórico de nasalização; (iii) um processo sincrônico de nasalização; (iv) uma flutuação por razão de mudança em curso na língua; (v) uma flutuação diafásica ou diastrática (haja vista o prestígio do francês, ainda que a maioria dos falantes seja monolíngue).

Falemos da relação dos segmentos [ɣ] e [w]. [ɣ] não se acha em ataque de sílaba cujo núcleo tenha uma vogal [+arredondada]. A primeira questão a levantar é se o segmento tem sido transcrito apropriadamente. Devemos cogitar as seguintes possibilidades: (i) de fato temos uma fricativa velar, representada por [ɣ], que ocorre como [ɣ] diante de segmentos de traço [+arredondado]; (ii) temos, na verdade, uma aproximante velar [ɥ] (que facilmente se confunde com [ɣ]). Diante de segmentos de traço [+arredondado] espera-se que a consoante (ou aproximante) seja labializada, um fato explicado pela coarticulação. Ou seja, teremos ou uma fricativa velar vozeada abaixada labializada [ɣ^w] ou aproximante velar vozeada “labializada” [ɥ^w]. Parece que será frutífero investigar se o segmento que tem sido transcrito [ɣ] é na verdade uma aproximante⁴⁸ e não fricativa.

Será oportuno retomar alguns desses pontos na conclusão, ampliando-os e exemplificando-os. Assim, passemos à conclusão.

2.4 Considerações gerais

Espero que tenha sido possível representar de modo geral o estado atual da descrição do sistema fonético-fonológico do crioulo haitiano. Espero também que tenha sido possível mostrar quais

⁴⁸ Nas palavras de Cadely (1988), uma semivogal.

são algumas das nossas principais implicâncias com pontos específicos dessas descrições. Essas implicâncias não são diretamente ligadas a pontos de vista teóricos, mas, sobretudo, com os próprios dados, conforme já dissemos no começo do capítulo.

Supondo que todas as transcrições fonéticas encontradas estivessem pautadas em análises fonético-acústicas, nosso trabalho seria facilitado. Seria possível saber que a língua mudou, ou que nós tivemos contato com um dialeto diferente do descrito na literatura. E também que os haitianos com quem temos testado algumas pronúncias não falam o mesmo dialeto descrito. Bem, não nos resta opção a não ser desconfiar, como incentiva Ladefoged (2003).

Nesta seção de conclusão devemos ampliar alguns dos comentários que já fizemos ao longo do capítulo ao apresentar as várias propostas de descrição da fonologia do crioulo haitiano. Antes, contudo, devemos fazer algumas observações gerais.

A comparação com o francês moderno. O que se tem visto fazer é comparar toda e qualquer forma do crioulo haitiano com o francês moderno. O francês ainda tem influência sobre o crioulo haitiano, em especial entre a elite, e é possível uma comparação, se feita com parcimônia e bem justificada. Mas a maior parte do léxico do crioulo haitiano tem seu étimo numa outra variedade, que pode coincidir ou não com a atual em certos pontos. Assim, é preciso muito cuidado. Para dar um exemplo fora da fonologia, considere o caso do complementizador nulo no crioulo haitiano. Comparação com o francês moderno levaria à interpretação da perda do complementizador. Mas, ao olhar para o francês do século XVII veríamos que o complementizador {que} era opcional (NYROP, 1930 *apud* ABOH e DEGRAFF, 2016).

Sincronia e diacronia. Fazer uma descrição sincrônica, em alguns momentos, envolve separar o que é diacrônico, o que é histórico. Isso não tem sido feito com o rigor devido, como aponta Tinelli (1974). É comum que se apresente como exemplo de assimilação uma nasalização que pode ser recuperada quando se verifica étimo do exemplo fornecido. Também é comum que se indique um processo de assimilação de nasalização (em vogal e consoante) que foi pontual (i.e., histórico), e não ocorre mais na língua. O que não se puder entender sincronicamente terá de ser aberto a hipóteses diacrônicas. E antes de apontar qualquer processo, deve-se perguntar se o processo é de fato sincrônico ou se ter o francês moderno em mente é o que está conduzindo a análise.

Novamente, o francês e o crioulo. Agora pensando do ponto de vista social, não se pode deixar de lado que é o francês a língua de prestígio ainda hoje. Assim, formas que imitam o francês podem ser empregadas por razões sociais que devem ser levadas em conta para a formulação de hipóteses. Ainda assim, é preciso não desconsiderar que aproximadamente 95% dos haitianos são monolíngues, só se comunicam em crioulo haitiano. Assim é que Dejean (1983) defende que o conceito de diglossia, achado em Ferguson (1959), não se aplica ao Haiti. Não é simples traçar uma fronteira entre um registro acroletal e o francês. Mas, não se pode rotular formas como galicizantes sem ao menos estabelecer critérios para isso. Assim, é preciso tomar cuidado ao decidir o que se vai encarar como empréstimo do francês, e isso tem sido feito de maneira equivocada.

Tendo colocado esses pontos, e visto cada um dos autores que trataram da descrição da fonologia do crioulo haitiano, passemos a comentar de modo geral os segmentos. Adotamos a seguinte sequência: (i) vogais orais; (ii) vogais nasais; (iii) consoantes oclusivas; (iv) consoantes fricativas; (v) africadas; (vi) consoantes nasais; (vii) aproximantes. Ao final, teremos definido um desses tópicos para tratar como nosso tema de pesquisa, e justificaremos nossa escolha no capítulo seguinte.

2.4.1 Vogais orais

Não existem muitas discussões sobre as vogais orais do crioulo haitiano. Geralmente se dá como inventário de fonemas /i e ε a ɔ o u/, cujas realizações fonéticas são, respectivamente, [i e ε a ɔ o u]. O único a levantar a hipótese de [ε] e [ɔ] serem alofones de /e/ e /o/, respectivamente é D'Ans (1968). Mas, talvez, D'Ans (1968) tenha em mente o francês moderno que tem as vogais [ε] e [ɔ] em sílabas fechadas, e [e] e [o] em sílabas abertas. A explicação de D'Ans (1968) para o aparecimento das vogais [ε] e [ɔ] em sílabas abertas é propor uma sílaba fechada fonologicamente. Assim é que ele transcreve [fɔ] 'forte' e [pε] 'padre' fonologicamente como /foR/ e /peR/.

Não se pode descartar essas considerações, mas é importante também pensar se esta colocação se sustenta. Postular este /R/ seria, de algum modo, dizer que os falantes têm alguma informação diacrônica (um /R/ latente?) em sua representação fonológica desses itens. Isso carece de investigação e argumentação.

Sobre [y ø œ], acreditamos ser a melhor análise aquela que capte fatores sociais. Dado o prestígio do francês, essas vogais aparecem mesmo na fala de monolíngues. Estas vogais podem aparecer até mesmo onde não aparecem em francês, ao que os haitianos costumam se referir com a expressão ‘fè sirèt’, o que explicamos no próximo capítulo.

2.4.2 Vogais nasais

Acreditamos ter ficado evidente que não há consenso sobre as vogais nasais do crioulo haitiano. Mais do que qualquer coisa, será preciso começar com o objetivo de investigar a produtividade da assimilação de nasalidade no crioulo haitiano. Como já disse algumas vezes, uma vogal nasal pode estar no étimo, pode ter surgido no curso da história da língua, e pode ser resultado de um processo fonológico produtivo na sincronia da língua.

A assimilação da nasalidade também se vê nas oclusivas vozeadas, em que no étimo eram precedidas por vogal nasal(izada). Exemplificamos com ‘junto’ fr. *ensemble* > [ãsam], ‘mundo’ fr. *monde* > [mõn]. Mas isso parece ter ficado na história. Assim como os outros processos que resultaram na nasalização de vogais que acredito serem improdutivos hoje.

O que se pode fazer no sentido de entender quais são os processos de nasalização que fazem parte da fonologia do crioulo haitiano sincronicamente é testar pseudopalavras/logatomas. Testes experimentais com pseudopalavras poderão nos guiar em entender a nasalidade no crioulo haitiano.

Devemos comentar que nossa descrença na produtividade da nasalização por assimilação no crioulo haitiano se deve, em boa parte, de experiência de ensino de crioulo haitiano a brasileiros (em que o processo de nasalização se vê nitidamente no processo de aprendizagem de L2) e de ensino de português a haitianos (onde não se vê a nasalização).

Sobre [ĩ] e [ũ], relembramos a impossibilidade de oposição com [i] e [u], e o fato de aparecerem exclusivamente onde também se acha uma consoante nasal no contexto.

2.4.3 Consoantes oclusivas

Aos segmentos [p b t d k g] se tem atribuído valor fonêmico, e se postulam, respectivamente, os fonemas /p b t d k g/. Os fonemas /t/ e /d/ são realizados como as africadas [tʃ] e [dʒ] diante de [i] e [j], fato que não parece controverso. Apenas é preciso mencionar que, por vezes, se transcreve [tʃ] e [dʒ] por [ts] e [dz].

A /g/ já se atribuiu o alofone [ŋ] no contexto em que é antecedido por vogal nasal(izada) (cf. JOHNSON; ALPHONSE-FÉRÈRE, 1972). Isso faria sentido, levando em conta as transformações históricas em que vemos uma assimilação de nasalidade de uma oclusiva antecédida por vogal nasal(izada). Ainda assim, isso teria ficado na história e não constituiria um processo fonológico da sincronia do crioulo haitiano. Nossa observação tende a analisar [ŋ] como a realização de /n/, em que há uma assimilação de ponto de articulação.

2.4.4 Consoantes fricativas

Tratarei aqui dos segmentos [f v s z ʃ ʒ]. Os segmentos [ɣ h] serão agrupados como aproximantes.

Existem alguns casos que, para nós, são idiossincráticos, mas para os quais não se pode deixar de argumentar. Falamos especificamente da alternância de [f] ~ [v] em palavras como [viv] ~ [vif] ‘vivo’, ou de [s] e [ʒ] em [sɔʒe] ~ [ʃɔʒe] ‘lembrar’.

Será preciso colecionar mais itens para compor um *corpus* que permita uma análise mais abrangente, mas citamos as seguintes razões principais para não ver nestes itens um processo fonológico: (i) alguns desses itens aparecem apenas em expressões idiomáticas; (ii) aparentemente são de frequência baixa, tanto no sentido de serem encontrados em poucos itens lexicais, quanto no fato de aparecerem esporadicamente na fala de alguns falantes.

Existe uma alternância específica que merece ser investigada. Trata-se da alternância de [ʒ] com [j]. Esta alternância aparece em um contexto com duas características muito específicas: final de palavra, quando [ʒ] sucede [a]. Assim, não é arriscado afirmar que todas as palavras como terminação em [aʒ] podem também ser pronunciadas [aj]. Haverá casos em que talvez uma forma tenha se fixado mais que a outra, e seja de frequência significativa na língua. Ainda assim, a alternância é possível mesmo nesses casos.

O que de interessante se vê sobre a alternância de [aʒ] e [aj] é que hoje também já se acham palavras que terminam [aj] sendo pronunciadas com [aʒ]. Assim, a variação tinha uma direção bem específica, mas, talvez por hipercorreção, já se vê nos dois sentidos. Para exemplificar, o item ‘idade’ [laʒ], também se ouve comumente como [laj]. Isso criou uma homonímia com ‘alho’ [laj], e já se ouve haitianos que dizem [laʒ] para ‘alho’, ainda que sejam corrigidos por seus compatriotas. Será uma mudança em curso?

2.4.5 Africadas

As africadas alveolares [tʃ] e [dʒ] parecem não suscitar muita controvérsia e são analisadas como realizações de /t/ diante de /i/ ou /j/.

Quanto às africadas palatais [tʃ] e [dʒ], Johnson e Alphonse-Férère (1972), Alphonse-Férère (1975) e Valdman (1978) associam-nas aos fonemas /c/ e /j/. Estas africadas podem aparecer diante de qualquer uma das vogais, como em ‘maraca’ [tʃatʃa], ‘checar’ [tʃeke]. Parecem ser pouquíssimos os vocábulos em que podemos encontrar estas africadas. É necessário levantar a questão sobre defender ou não seu lugar na fonologia, ou simplesmente interpretar estas africadas como *clusters*.

2.4.6 Consoantes nasais

As nasais do crioulo haitiano são [m n ɲ ŋ]. A [m] e [n] parece ser consenso entendê-las como a realização de /m/ e /n/. A nasal velar [ŋ] foi proposta em Johnson e Alphonse-Férère (1972) como alofone de /g/ em contexto em que sucede uma vogal nasal. Ninguém cita [ŋ] como alofone de /n/, o que fica como algo mais a ser investigado.

Há questionamentos sobre [ɲ] ser, na verdade, uma aproximante nasal(izada), [j̃]. É isto que se vê em Hall (1953) e Alphonse-Férère (1983). Entre [ɲ] (ou, [j̃]) e [j] existe uma variação que parece ser livre quanto à nasalização. É possível dizer ‘campanha’ [kãpaɲ]⁴⁹ ou

⁴⁹ O que aqui transcrevemos com [ɲ] poderia também ser transcrito com [j̃], restará a fonética acústica nos guiar para a representação mais adequada.

[kãpaj]; ‘senhor, Deus’ [seɲɛ] ou [sejɛ]. Mas não parece haver a possibilidade de [ij], apenas [ĩɲ]. Isso vemos pela nasalidade obrigatória em ‘linha’ [lĩɲ], ‘sinal’ [sĩɲ], que acreditamos serem ilícitas as pronúncias *[lij] ou *[sij]. Essa é uma variação que deve ser levantada para investigação.

2.4.7 Aproximantes

Aqui agrupo os seguintes segmentos: [l j w ɥ ɣ h]. [l] é uma aproximante lateral e tem sido associada ao fonema /l/, sobre o qual há consenso. [j] parece ser alofone de /ʒ/ e/ ou /ɲ/, mas também se opõe a outros segmentos e parece associar-se ao fonema /j/.

[w] e [ɥ] têm sido descritos como estando em variação livre, como propôs Alphonse-Férère (1977), apesar de admitir um uso consistente e a relutância dos informantes em aceitar formas com [wi] no lugar de [ɥi]. De fato, é notável o uso consistente dos falantes do ditongo [ɥi]⁵⁰. Alphonse-Férère (1977) cita que em alguns casos a relutância foi maior em aceitar a pronúncia [wi]. Este é o caso de ‘oito’ que só pode ser pronunciado [ɥit]. Dizer [wit] remete ao nome próprio <Rit>. Assim, o ditongo [ɥi] parece ter seu lugar na fonologia, resta investigá-lo e aprofundar a discussão.

Quanto a [ɣ], que tem sido descrito foneticamente como fricativa velar sonora, cuja ocorrência aparentemente é restrita ao ataque de sílaba cujo núcleo seja [- arredondado], trazemos alguns questionamentos. Foneticamente, é possível que não tenhamos [ɣ], mas sim [ɥ], uma aproximante velar. A labialização que sugere Tinelli (1981) vemos como um processo de coarticulação. Uma aproximante velar que seja labializada ([ɥ^w]) por coarticulação soará como [w].

Se o crioulo haitiano tem a fricativa velar sonora [ɣ], por que não tem a fricativa velar surda [x]? Ou será que nunca se documentou? Quanto ao segmento [h], por que tem sido omitido ou colocado como marginal? Sendo [h] um fone comum em alguns dialetos do português, já presenciei os ruídos que trazem para a intercompreensão a troca de [ɣ] por [h],

⁵⁰ Visto que [ɥ] parece ocorrer apenas diante de [i], tratamos do ditongo [ɥi].

bem como verifiquei pares mínimos como ‘rainha’ [ɣɛn] e ‘ódio’ [hɛn]. Assim, [h] parece ter seu lugar na fonologia do crioulo haitiano.

2.5 Conclusão

Encerramos aqui nossos comentários. Tudo o que comentamos até aqui são percepções que tivemos ao longo do tempo, usando o crioulo haitiano com falantes ao longo dos últimos oito anos. Essas percepções, são impressionísticas também. Mas queremos sair desse estado e contribuir com o avanço de uma dessas muitas questões por meio da verificação instrumental e experimental.

Elegemos como nosso objeto de pesquisa as vogais anteriores arredondadas. No próximo capítulo, justificamos nossa escolha e delimitamos nossos objetivos.

3 Arredondamento das vogais anteriores: um índice social (?)

3.1 Introdução

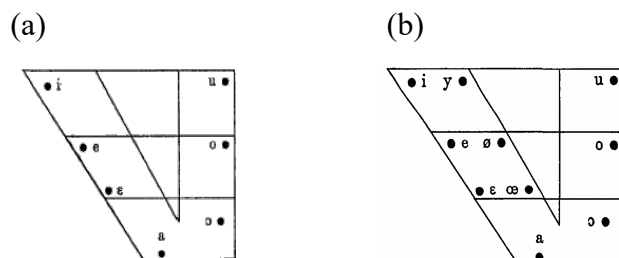
A partir do que foi possível ver do estado da arte da descrição fonológica do crioulo haitiano, muitas questões há que permanecem sem resposta por falta de investigação instrumental e/ou experimental. A descrição fonético-fonológica do crioulo haitiano estagnou-se no tempo, apesar dos avanços teórico-metodológicos.

Como é o caso de muitas línguas minoritizadas, também vimos que são escassos os estudos de variação linguística – histórica e social – para o crioulo haitiano. Além dos muitos estigmas associados a línguas minoritizadas, associamos essa falta de estudos à conclusão de que os crioulos são línguas mais “irregulares”.

Assim, dentre as muitas questões que encontramos, ficou a nós a tarefa de eleger uma sobre a qual pudéssemos nos debruçar e propor uma verificação experimental. Dada a pandemia de COVID-19, nosso acesso a falantes ficou bastante limitado. Combinado o nosso desejo de contribuir com o avanço da descrição da fonologia do crioulo haitiano, alicerçando-a instrumental e experimentalmente, com o entendimento de que essa questão extrapola os limites da Fonética e da Fonologia, e contribui para o debate acerca das línguas crioulas, chegamos à questão das vogais anteriores arredondadas.

3.2 A delimitação do objeto de pesquisa

Alphonse-Férère (1977, pp. 24-25) chama a atenção para o fato de o inventário vocálico do crioulo haitiano ser dado como o que vemos em (a), do qual não constam vogais anteriores arredondadas. Em suas palavras, as vogais anteriores arredondadas são “vogais negligenciadas”, e um quadro “completo e exato” das vogais orais do crioulo haitiano seria como o que vemos em (b), ou seja, um que inclua as vogais anteriores arredondadas [y ø œ].



Passemos a recapitular essa questão mais de perto, revendo alguns dos comentários já apresentados no Capítulo 2.

Para Hall (1953, p. 17) os as vogais [y ø œ] ocorre apenas ocasionalmente, em “empréstimos ou pronúncias imitadas do francês-padrão”. Na pronúncia “comum”, essas vogais são sempre substituídas pelas vogais anteriores não arredondadas de altura semelhante.

D’Ans (1968, pp. 59-64 *apud* ALPHONSE-FÉRÈRE, 1977, p. 23) estabelece um inventário em que estão incluídas as vogais anteriores arredondadas baseando-se em seu próprio *corpus*, mas decide por eliminá-las devido a três razões principais: (i) seus informantes tinham as três vogais, a saber, [y ø œ], mas todos pertenciam aos círculos urbanos escolarizados; (ii) a análise de Hall (1953) dessas vogais como sendo galicismo; (iii) a opinião de Elodie Jourdain (1956, p. 59) sobre o uso dessas vogais no crioulo da Martinica ser uma mudança que ocorreu depois do começo do século.

Valdman (1966, 1969, 1978) reconhece e registra também o uso das vogais anteriores arredondadas, mesmo no caso de falantes monolíngues. Valdman (1978, pp. 59-60) comenta:

Nas variedades galicizantes encontra-se uma série de vogais anteriores labializadas – /y ø œ/ – que alterna com sua homólogas não labializadas. Desse modo, “jus” se pronuncia /ʒi/ ou /ʒy/, “œuf” como /zε/ ou /zø/, “cœur” como /kε/ ou /kœ/. [...] A maioria dos autores que descreveram esses falares veem na série de anteriores labializadas uma “regalicização” recente que, no caso do Haiti em particular onde apenas uns cinco por cento de população são capazes de se exprimir nas duas línguas, não faria parte senão apenas de uma camada minoritária de crioulófonos. **Mas não se exclui que as vogais anteriores labializadas estejam mais profundamente estabelecidas, mesmo entre crioulófonos monolíngues.** (Tradução nossa. Grifo nosso.)⁵¹

⁵¹ Trecho original: “Dans les variétés francisantes on retrouve une série de voyelles antérieures labialisées – /y ø œ/ – qui alterne avec leur homologue antérieur non-labialisée: /i e ε/, respectivement. Ainsi “jus” s’exprime-t-il par /ʒi/ ou /ʒy/, “œuf” par /zε/ ou /zø/, “cœur” par /kε/ ou /kœ/. [...] La plupart des auteurs qui ont décrit ces parlars voient dans la série antérieure labialisée une “refrancisation” récente qui, dans le cas d’Haiti en particulier où seulement cinq pour cent de la population environ est capable de s’exprimer dans les deux langues, ne ferait partie

Retomando os apontamentos de Hall (1953), D'Ans (1968) e Valdman (1966, 1969) que Alphonse-Férère (1977) argumenta sobre as vogais anteriores arredondadas serem frequentes na língua e que, portanto, devem ser incluídas no inventário de fonemas da língua. Alphonse-Férère (1977, p. 25) propõe o seguinte:

A maneira óbvia de contornar uma sobreposição total é propor que (1) cada palavra com uma vogal anterior arredondada em sua representação fonêmica é pareada com uma representação adicional que contém a vogal anterior não arredondada correspondente, e (2) que os morf fonemas | y | | ø | | œ | são mapeados nos fonemas /y i/, /ø e/ e /œ ε/ respectivamente, ao passo que os morf fonemas | i | | e | | ε | são sempre, e apenas, mapeados nos fonemas /i/ /e/ /ε/. (Tradução nossa.)⁵²

Alphonse-Férère (1977) não dá detalhes além desses a respeito de sua proposta, mas o que nos interessa é perceber que sua proposta é a de as vogais anteriores arredondadas têm representação fonêmica, não apenas alofônica como se vê nos autores que o precederam.

Dêmos atenção, no entanto, ao fato de que a proposta de Alphonse-Férère (1977) não dá conta de explicar, por exemplo, o contexto em que essas vogais surgem. Seriam em palavras específicas? Em empréstimos do francês? Ora, a maior parte do vocabulário do crioulo haitiano, uns 90%, vem do francês. O que motivaria o uso da arredondada em vez da não arredondada e vice e versa? Entendemos que essa é uma questão de ordem sociolinguística ligada a questões ideológicas herdadas do colonialismo.

3.2.1 Vogais arredondadas e heranças ideológicas

Depois de delimitar nosso objeto de investigação, passamos a procurar o que havia de literatura sociolinguística para o crioulo haitiano a fim de verificar se nossa questão já fora tratada em outro estudo. Não achamos qualquer estudo de produção e/ou percepção acerca das vogais anteriores arredondadas.

du comportement que d'une couche minoritaire des créolophones. Mais il n'est pas exclu que les voyelles antérieures labialisées soient plus profondément établies, même chez les créolophones unilingues."

⁵² Trecho original: "The obvious way to circumvent complete overlapping is to claim (1) that each word with a front rounded vowel in its phonemic representation is matched by an additional representation containing the corresponding front unrounded vowel, and (2) that the morphophonemes | y | | ø | | œ | are mapped on to the phonemes /y i/, /ø e/ and /œ ε/ respectively, while the morphophonemes | i | | e | | ε | are always and only mapped on to the phonemes /i/ /e/ /ε/."

Nossos esforços nos levaram, no entanto, a Schieffelin e Doucet (1994) que trataram, sob uma perspectiva linguístico-antropológica, de ideologias linguísticas e a formação de uma identidade nacional que, segundo defendido pelas autoras, são pano de fundo de discussões acerca de escolhas ortográficas no crioulo haitiano, como, por exemplo, a inclusão ou exclusão de uma representação ortográfica para as vogais anteriores arredondadas.

Para introduzir a questão sob consideração, Schieffelin e Doucet (1994) comentam que é importante entender os ‘dialetos sociais’ que são centrais para as discussões sobre as escolhas ortográficas. Esses dialetos sociais são divididos, tanto popularmente quanto na literatura linguística, da seguinte maneira: *kreyòl fransize* (crioulo afrancesado), *gwo kreyòl* (crioulo vulgar/popular), *kreyòl swa* (crioulo suave) e *kreyòl rèk* (crioulo ‘quase maduro’⁵³).

O linguista haitiano Vernet (1920, p. 20 *apud* SCHIEFFELIN; DOUCET, 1994, p. 179) faz um contraste entre o *gwo kreyòl*, falado pela maioria, e o *kreyòl fransize*, falado pela minoria bilíngue escolarizada. Já Fattier-Thomas, linguista francês, contrasta o *kreyòl swa*, socioleto da minoria bilíngue escolarizada, com o *kreyòl rèk*, variedade falada pela maioria monolíngue. Loffical (1979, p. 118 *apud* SCHIEFFELIN; DOUCET, 1994, p. 179) descreve o *kreyòl rèk* como “o nível sentido como o mais rude da língua”. Para uma consideração aprofundada da semântica dessas palavras que compõem essas expressões metalinguísticas, consulte-se na íntegra Schieffelin e Doucet (1994).

Acerca desses termos, Schieffelin e Doucet (1994, p. 181) comentam:

Esses termos não apenas expressam um conjunto de relações complexas com o francês, mas também atribuem valores hierárquicos às próprias variedades de crioulos, pois os estratos sociais são vistos como tendo suas próprias variedades de crioulo. (...) A França não só deixou sua língua em suas colônias, mas os colonos franceses transmitiram ideologias sociais e linguísticas amplamente compartilhadas que tiveram repercussões semelhantes em relação às atitudes em relação às variedades das línguas ali faladas, incluindo os crioulos. (...) Hoje, mesmo nas esferas científicas, um estigma persistente está ligado às línguas crioulas. (...) As descrições das línguas crioulas em alguns círculos linguísticos são semelhantes às atitudes de muitos falantes crioulos em relação às suas línguas. (Tradução nossa.)⁵⁴

⁵³ O conceito de “rèk” impõe uma dificuldade de tradução, optamos por “quase maduro”. Schieffelin e Doucet (1994) esclarecem que se trata do estado em que o fruto não está totalmente maduro, mas já pode ser colhido. Em português brasileiro, a expressão “de vez” é registrada no dicionário Houaiss com acepção bastante equivalente a essa.

⁵⁴ Trecho original: “These terms not only express a set of complex relationships to French but also assign hierarchical values to the varieties of creoles themselves, as social strata are viewed as having their own varieties of creole. (...) France not only left its language in its colonies, but French colonists transmitted broadly shared social and linguistics ideologies that have had similar repercussions regarding attitudes toward varieties of the languages spoken there, including the creoles. (...) Today, even in scientific spheres, a persistent stigma is attached

Concluímos, a partir dessas observações, com as quais concordamos com base em nossa experiência com a comunidade haitiana nos últimos oito anos, que a variedade linguística que se aproxima do francês, na literatura da crioulistica chamada “acroletal”, é a variedade de prestígio na sociedade haitiana. Valdman (1978, p. 292) comenta que é sobretudo no sistema vocálico que estão alguns dos marcadores sociais (cf. LABOV, 1972).

Diante de todo o cenário que vimos até aqui, Schieffelin e Doucet (1994, p. 188-189) passam a comentar que há grandes desentendimentos sobre se a ortografia do crioulo haitiano deveria representar ou não as vogais anteriores arredondadas [i ø œ]⁵⁵. Acerca dessas vogais, comentam:

Sejam as vogais anteriores arredondadas são a "apanage" (domínio exclusivo) de uma minoria de bilíngues escolarizados como Déjean argumenta, ou sejam elas também usadas por monolíngues como Férère, Pompilus e Lofficial afirmam, é o papel do marcador de prestígio atribuído a eles pela população que nos interessa nesse debate. (...) **Tanto para bilíngues quanto monolíngues, as vogais anteriores arredondadas têm um valor altamente marcado e simbólico.** Para os residentes de áreas urbanas escolarizados e não escolarizados, as vogais anteriores arredondadas estão associadas às vogais anteriores não arredondadas, que são consideradas suas antíteses e funcionam como marcadores de prestígio (as anteriores arredondadas sendo as formas de prestígio). (Tradução nossa. Grifo nosso.)⁵⁶

Até aqui, acreditamos ter ficado claro que as vogais em questão são usadas pelos haitianos, fazem parte de sua experiência linguística, e os falantes têm consciência delas. Fica também evidente que há em torno delas um significado social de prestígio.

Tamanha é a consciências dessas vogais na sociedade haitiana que suscitam metacomentários sobre “desvios do uso dessas vogais”, como, por exemplo, em casos de hipercorreção. Casos de hipercorreção são registrados por Déjean (1980, pp. 124-125) e Fattier-

to creole languages. (...) The descriptions of creole languages in some linguistic circles are similar to the attitudes of many creole speakers toward their languages.”

⁵⁵ Elas incluem também a vogal anterior arredondada nasal [œ̃], mas dão

⁵⁶ Trecho original: “*Whether the front rounded vowels are the “apanage” (exclusive domain) of a minority of educated bilinguals as Déjean argues, or whether they are also used by monolinguals as Férère, Pompilus and Lofficial assert, it is the role of prestige marker ascribed to them by the population that interests us in this debate. (...) For both bilinguals and monolinguals the front rounded vowels have a highly marked and symbolic value. For the educated and noneducated urban dwellers, the front rounded vowels are associated with the front unrounded vowels, which are considered their antithesis and function as prestige markers (the front rounded ones being the prestigious forms).*”

Thomas (1984, p. 41). Aos casos de hipercorreção, os haitianos dizem à pessoa que cometeu o “delize” que ela tem *bouch si* (boca azeda), ou que *fê sirèt* (fazem ‘sirèt’)⁵⁷.

Por fim, recomendamos conferir DeGraff (DEGRAFF, 2020)⁵⁸, em fala no evento Abralin Ao Vivo – *Linguists Online*, em que se aborda brevemente o tópico do uso das vogais anteriores arredondadas por meio de um vídeo gravado em uma escola do Haiti. O vídeo retrata uma professora que corrige seus alunos repetidamente enfatizando as pronúncias [ku'løɛ] em vez de [ku'le] para *couleur* ‘cor’ e [blø] em vez de [ble] para *bleu* ‘azul’.

3.3 Vogais anteriores arredondadas – nossas hipóteses

Observamos que as vogais anteriores arredondadas têm sido descritas por alguns como apenas alofones das vogais anteriores não arredondadas (HALL, 1953; D’ANS, 1968; VALDMAN, 1978). Já Alphonse-Férère (1977) reivindica o reconhecimento do estatuto fonêmico dessas vogais, dada a frequência de seu uso, apesar de reconhecer a impossibilidade pares mínimos.

Essas propostas fonológicas, no entanto, não argumentam a respeito do contexto em que essas vogais surgem. Alguns dos modelos teóricos adotados por parte dos estudos vistos aqui, como o de Chomsky e Halle (1968), não dariam conta de explicar o contexto dessas vogais, uma vez que são razões “extralinguísticas” seus condicionadores.

Os comentários sociolinguísticos e/ou linguístico-antropológicos que pudemos consultar mostraram que à alternância desses pares de vogais anteriores estão associadas noções de prestígio. São apontados como herança do colonialismo, servindo como marcadores sociais.

Aqui adotamos a perspectiva dos Modelos de Exemplares (JOHNSON, 1997; DOCHERTY; FOULKES, 2006; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001), que apresentaremos no Capítulo 6. Dentro desse modelo, a variação não é desprezada. Toda a experiência individual linguística dos falantes conta. Argumenta-se pela representação fonética detalhada, incluindo associações de ordem social, de indexação social, que possam estar associados a uma forma linguística.

⁵⁷ Em comunicação pessoal com Bambi Schieffelin, Michel DeGraff explica que uma possível etimologia da palavra ‘sirèt’ esteja associada a uma metáfora dos sons produzidos por alguém que estivesse falando enquanto comia/chupava um doce duro chamado *surette*, o que faria todas as suas vogais saírem “com biquinho”.

⁵⁸ Confira o vídeo no seguinte ponto: 1h04min47.

Assim, levando em conta o que sabemos acerca das questões associadas às vogais anteriores arredondadas no crioulo haitiano, queremos propor uma verificação experimental para discutir o lugar dessas vogais na fonologia do crioulo haitiano.

Tendo em mente o que vimos, pensamos que a investigação experimental poderá nos indicar que indivíduos que usam vogais anteriores arredondadas serão percebidos como mais INTELIGENTES, ESCOLARIZADOS e BEM-SUCEDIDOS e menos HUMILDES quando comparados com indivíduos que usam vogais anteriores não arredondadas.

Queremos investigar também, sem predizer a avaliação, como serão avaliados em relação a serem honestos e trabalhadores.

Também nos colocamos as seguintes perguntas:

- Serão os indivíduos que usam vogais anteriores arredondadas mais frequentemente identificados como RELIGIOSOS, INTELECTUAIS e METIDOS?⁵⁹
- Serão os indivíduos que usam vogais anteriores não arredondadas mais frequentemente identificados como NACIONALISTAS e POLÍTICOS?⁶⁰
- Haverá diferença de avaliação quanto a BELEZA antes os falantes, a depender de usarem ou não vogais anteriores arredondadas?

No capítulo a seguir delineamos a metodologia que será empregada na verificação experimental dessas questões. No Capítulo 5 apresentaremos objetivamente os resultados. E as discussões serão feitas no Capítulo 6.

⁵⁹ Haja vista o uso do acentuado francês em ambientes religiosos e educacionais.

⁶⁰ Haja vista a possível tentativa de aproximação da massa populacional.

4 Investigando a percepção sociolinguística: metodologia

4.1 Introdução

A partir da hipótese e objetivo estabelecidos no Capítulo 3, prosseguiremos aqui com a descrição da metodologia empregada para dar conta daquilo a que nos propusemos olhar. No Capítulo 5, apresentaremos os resultados obtidos. No Capítulo 6, faremos a discussão dos resultados.

Ao descrever todo o processo do desenho e obtenção dos dados, relataremos em detalhes também as limitações impostas devido às circunstâncias com que nos deparamos na execução do que havíamos pensado inicialmente. Incluímos aqui esses relatos detalhes porque entendemos que é de suma importância discutir as dificuldades enfrentadas em campo, afinal elas nos ensinam lições que podem ser aproveitadas por outros e podem nos fazer rever algumas práticas.

A presente pesquisa foi devidamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) pelo parecer 4.695.265, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética 46199821.6.0000.0138. Confira o Anexo I, que apresenta o modelo do Termo de Declaração Livre e Esclarecido usado por nós.

4.2 Investigando a percepção sociolinguística: decisões metodológicas

A fim de investigar a percepção sociolinguística das vogais anteriores arredondadas [y ø œ] em comparação com as vogais anteriores não arredondadas [i e ε], recorreremos aos métodos experimentais da sociolinguística.

O método que tem sido amplamente empregado para o estudo de questões como a que selecionamos para investigar é a *Técnica de Disfarces Pareados*, mais conhecida e referida na literatura por seu nome em inglês, *Matched-Guise Technique* (MGT). A MGT foi apresentada primeiramente em Lambert *et al.* (1960), com a intenção de investigar se respondentes avaliariam uma mesma pessoa de maneira distinta quanto a inteligência e

personalidade a depender da língua que estivesse usando. Desde então, essa técnica foi empregada em muitos experimentos de percepção sociolinguística, não apenas com falantes bilíngues. Veja, por exemplo, Ball e Giles (1982) para ter mais informações sobre a construção de um experimento usando essa técnica. Em Frazer (1987) o método foi usado para a avaliação de sotaques de prestígio de diferentes partes do estado de Illinois, nos EUA. Os respondentes, após ouvirem os diferentes sotaques, deviam responder à pergunta: “Você ficaria orgulhoso de um amigo ou familiar seu que falasse assim?”. Vemos, portanto, que essa técnica pareceu ideal aos nossos objetivos.

Uma vez tomada a decisão sobre o método a ser empregado, selecionamos os trechos que seriam usados como estímulos, convidamos os participantes a gravar os estímulos e demos início às sessões de gravação. Essas etapas serão discutidas adiante. É preciso adiantar aqui que, de posse das gravações, nossa avaliação das gravações foi a de que ficaram pouco naturais, o que nos obrigou a adentrar na literatura sobre a MGT e nos levou à decisão de prosseguir com uma técnica alternativa a ela, a *Verbal Guise Technique* (VGT).

Enquanto no modelo MGT um mesmo falante é avaliado em dois disfarces diferentes, no modelo VGT falantes diferentes são avaliados (cf. BAYARD et al., 2001; DEUBER; LEUNG, 2013; SALMON; GÓMEZ MENJIVAR, 2016; WESTPHAL, 2015). A VGT surgiu justamente de críticas à MGT quanto à questão de naturalidade/espontaneidade dos disfarces (veja GARRET, 2010, pp. 57-59; DEUBER; LEUNG, 2013, pp. 291-292). Ao adotar esse modelo, nos preocupamos em que os estímulos não variassem tanto a ponto de outras características dos falantes se sobressaírem à questão principal, e em certa medida, nos mantermos fiel ao critério *ceteris paribus*, ainda que se tratasse de falantes distintos.

4.2.1 O desenho do experimento e sua aplicação

A construção do experimento teve diversas fases, que dividiremos em duas fases principais: (1) a da seleção do trecho-estímulo e das sessões de gravação, e (2) a do desenho do questionário e sua aplicação.

A seguir, descreveremos cada uma dessas duas etapas, sem deixar de lado as limitações impostas pelos percalços enfrentados no trabalho de campo. Após apresentar a Fase 1, apresentaremos a análise dos áudios obtidos. E após apresentar a Fase 2, daremos os

resultados obtidos com a coleta dos dados. As considerações a respeito dos resultados serão feitas no capítulo seguinte.

4.2.1.1 Fase 1: seleção do estímulo e sessões de gravação

Selecionar trecho de texto que não contivesse conteúdo polêmico ou que influenciasse o julgamento de alguma forma. Também que não tivesse outras vogais além do par que seria testado. Era de nosso interesse testar os pares [i y], [e ø] e [o ɔ], no entanto, devido a questões de prazo, dificuldades impostas pelo baixo letramento digital dos participantes e a preocupação com a extensão da duração do experimento, optamos por prosseguir apenas com o par de vogais anteriores altas [i y].

Procuramos em diversos textos publicamente disponíveis na *internet* um trecho de texto que se enquadrasse nos propósitos estabelecidos. Sob a entrada **Literatura haitiana** (em CH, ‘Literati ayisyen’), no *site* da *Wikipedia* em crioulo haitiano (<https://ht.wikipedia.org>), encontramos um trecho que se enquadrava bem para servir de estímulo. Eis o trecho que selecionamos:

Literati sa a te toujou pwòch avèk lavi politik Ayiti. **Entelektyèl** ayisyen yo te egzamine tradisyon soti peyi Lafrans, **Etazini**, ak peyi Afrik yo. Anmenmtan istwa Ayiti (tankou istwa **Revolisyon** Ayiti) te toujou yon enspirasyon pou pou kreyasyon **literati**.⁶¹

As palavras destacadas em negrito são as palavras em que esperávamos ter as alternâncias das vogais [i] e [y]. E foi assim que aconteceu, pelo que avaliamos de oitiva, durante a sessão de gravação, e depois acusticamente, conforme será detalhado no Capítulo 5.

A seguir damos duas transcrições amplas da pronúncia desse trecho, a Transcrição 1 com a vogal [i] e a Transcrição 2 com a vogal [y].

- **Transcrição 1:**

⁶¹ Tradução: Essa literatura sempre esteve próxima da vida política do Haiti. Os intelectuais haitianos examinaram as tradições da França, dos Estados Unidos e dos países da África. Ao mesmo tempo, a história do Haiti (como a história da Revolução do Haiti) sempre foi uma inspiração para a criação de literatura.

[*liteya*'*tsi* saa te tu'zu pwoʃ a'vek la'vi poli'tsik aji'tsi || *ētelek*'*tjel* ajis'jêjo te egzamîne tryadzisjô ki sotsi peji la'fyãs | *etazi*'*ni* | ak peji a'fyikjo || âmêm'tã is'twa aji'tsi | tã'ku is'twa *yevoli*'*sjô* aji'tsi | te tu'zu jô êspiya'sjô pu kyeja'sjô *liteya*'*tsi*]

▪ **Transcrição 2:**

[*liteya*'*tsy* saa te tu'zu pwoʃ a'vek la'vi poli'tsik aji'tsi || *ētelek*'*tjel* ajis'jêjo te egzamîne tryadzisjô ki sotsi peji la'fyãs | *etazy*'*ni* | ak peji a'fyikjo || âmêm'tã is'twa aji'tsi | tã'ku is'twa *yevoly*'*sjô* aji'tsi | te tu'zu jô êspiya'sjô pu kyeja'sjô *liteya*'*tsy*]

As sessões de gravação dos estímulos foram feitas com haitianos e haitianas em suas próprias casas. Todos residem atualmente na região de Jundiaí, interior do Estado de São Paulo. Devido a problemas de saúde, não foi possível gravar com duas haitianas. Nossos esforços em substituí-las não tiveram sucesso, o que nos levou a permanecer apenas com os quatro estímulos de fala masculina. Ainda assim, registramos aqui nosso agradecimento às mulheres haitianas com quem conseguimos gravar, mas cujas gravações não foram usadas⁶².

As sessões de gravação iniciavam com as devidas explicações para os participantes a respeito do propósito geral dessa pesquisa: avançar o conhecimento que temos a respeito do sistema sonoro do crioulo haitiano.

Não eram dadas instruções específicas para a leitura do trecho em questão. Apenas os deixávamos confortáveis para ler o trecho quantas vezes fosse necessário, enfatizando que não seria um problema gravamos várias vezes, se fosse necessário.

Após a conferência das gravações da primeira versão, pedíamos para gravar uma nova vez, agora com instruções específicas. Se a primeira leitura tivesse sido julgada por nós como *kreyòl fransize*, pedíamos que fizessem agora uma versão em *kreyòl rèk*⁶³. Se julgássemos a primeira versão como em *kreyòl rèk*, pedíamos que a segunda versão fosse em *kreyòl fransize*. Nós pedíamos aos participantes que apontassem quais palavras seriam diferentes nessas versões. Todos apontaram exatamente as cinco palavras que nós prevíamos, as que foram destacadas anteriormente. Não foi necessário dar instruções além dessas, visto que os participantes demonstraram estar familiarizados com essas classificações. Por fim, pedíamos que os participantes gravassem mais uma vez, em variedade distinta da solicitada da última vez.

⁶² No total foram gravadas seis pessoas, e apenas quatro gravações foram usadas.

⁶³ Queira consultar o Capítulo 3 para relembrar os conceitos de *kreyòl fransize* e *kreyòl rèk*.

De posse de todas as gravações, julgamos que os disfarces não ficaram tão naturais quanto gostaríamos, o que nos levou à decisão do descarte das versões julgadas pouco naturais. Permanecemos apenas com as gravações iniciais, mais “espontâneas” (i.e., as gravações feitas previamente a qualquer instrução sobre que variedade de crioulo haitiano empregar na leitura) – ainda que não sejam fala espontânea –, visto que dois dos participantes falavam “naturalmente”⁶⁴ um *kreyòl fransize* em relação aos outros.

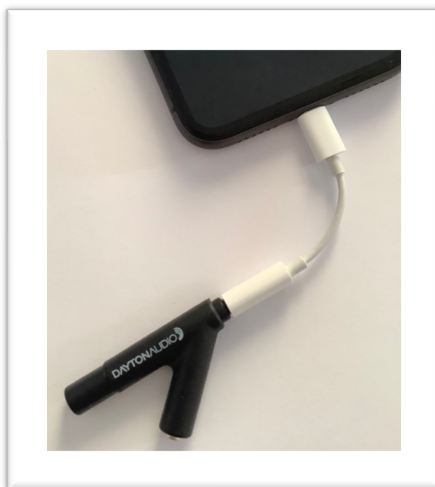
Nosso próximo passo foi partir para a verificação acústica dos áudios gravados, a fim de verificar, sobretudo, os valores das frequências formânticas das vogais de interesse. Os resultados da análise são apresentados no Capítulo 5.

A captação dos áudios foi feita com o microfone **DaytonAudio iMM-6**, acoplado a um iPhone 11 (cf. KARDOUS; SHAW; MURPHY, 2016). As especificações do microfone são as seguintes:

- Tipo de cápsula: Condensador de eletreto de precisão de 6 mm
- Resposta Polar: Verdadeiro Omnidirecional
- Resposta de Frequência: 18 Hz–20 kHz (Calibrado)
- ohms 200: impedância
- Sensibilidade a 1 KHz em 1K ohm: 10mV/Pa (-0dBV, re. 0dB = 1V/Pa)
- Máx. SPL para 1% THD @ 1000Hz: 127dB
- Relação S/N: 70 dB A ponderado (varia dependendo do dispositivo host)
- Conector: TRRS de 3.5 mm banhado a ouro

⁶⁴ Visto que estamos familiarizados com a comunidade haitiana local, é de nosso conhecimento que os dois falantes em questão já foram apontados como falantes de *kreyòl fransize*.

Figura 1 - Microfone iMM6 acoplado ao iPhone 11



Usamos o aplicativo **Easy Voice Recorder – Versão 1.1.8** (Digipom, Inc.) no iPhone 11, com as seguintes configurações:

- Formato do arquivo: .wav
- Taxa de amostragem: 44 kHz

Veja no Capítulo 5 os resultados das análises acústicas feita no *software* Praat – Versão 6.2.14 (BOERSMA; WEENINK, 2022).

Usamos também a gravação de cinco indivíduos como elementos distratores. Trata-se de cinco brasileiros que falam crioulo haitiano. Essas gravações foram feitas pelos próprios voluntários, e enviadas a nós para o uso no experimento.

4.2.1.2 Fase 2: o desenho do questionário e sua aplicação

Apresentaremos aqui o desenho e a aplicação do questionário. Faremos isso, no entanto, na ordem inversa. Comentaremos em primeiro lugar a aplicação, e depois daremos mais detalhes sobre o desenho do questionário. Entendemos que a aplicação do questionário nos deixa uma importante lição que não pode passar despercebida, mas deve ser compartilhada.

O questionário foi elaborado como formulário eletrônico pela plataforma *Microsoft Forms*. As primeiras perguntas diziam respeito a critérios de exclusão da pesquisa, e os que não

se enquadrassem eram automaticamente dispensados de responder o questionário. Os seguintes critérios qualificavam os respondentes:

- a. Ter nascido no Haiti
- b. Ter vivido no Haiti até, pelo menos, os 18 anos de idade
- c. Ser aluno da escola em que realizamos a pesquisa

Inicialmente, havíamos planejado que o questionário seria enviado eletronicamente aos participantes. No entanto, ao tentar obter respostas dessa maneira, não obtivemos sucesso, o que nos levou à aplicação presencial do questionário.

Apesar de termos fácil acesso à comunidade haitiana da região de Jundiaí, SP, com o objetivo de evitar possíveis vieses, selecionamos uma população bastante específica, que não tem familiaridade conosco. Trata-se de alunos de uma escola de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de São Paulo, SP. Essa escola tinha, à época da coleta de dados, cerca de 700 haitianos matriculados. Assim, fomos a campo para a aplicação dos questionários.

Combinamos com uma das professoras que permaneceríamos em sua sala para a aplicação dos questionários. Convidamos haitianos de outras turmas a vir até a sala em que estávamos para participar da pesquisa. Demos todas as explicações devidas, e assim começamos a aplicação com aqueles que aceitaram o convite feito para participação voluntária.

Ao começar a aplicação dos questionários, pudemos entender o porquê da falta de sucesso de obter respostas à distância: o baixíssimo letramento digital dessa população. Ainda que estivéssemos dando orientações presencialmente, o processo de obtenção das respostas chegou a demorar 1 hora para alguns, e levamos cerca de uma semana para coletar 35 respostas.

Em um primeiro momento, sugerimos que cada um dos respondentes preenchesse o formulário com seu próprio celular. Ao perceber as dificuldades, fizemos uma adaptação para o grupo seguinte. Usamos os aparelhos de que dispúnhamos para que eles pudessem completar os questionários. Tínhamos ali três aparelhos eletrônicos: um *notebook*, um *tablet* e um *desktop*. Também tínhamos um fone de ouvido para cada um desses aparelhos⁶⁵. Passamos então a fazer de três em três respondentes, o que tornou um pouco melhor a experiência da aplicação dos questionários, mas ainda requereu que auxiliássemos de perto a cada um.

⁶⁵ É preciso esclarecer também que fazíamos a devida higienização desses fones no momento da troca de respondentes.

Após o fim do primeiro dia de coleta de repostas, vimos a necessidade de dar continuidade, no dia seguinte, com questionários impressos. E assim fizemos. Nossa experiência melhorou significativamente, mas ainda tivemos a impressão de que os nossos informantes não estão acostumados com o preenchimento de formulários de maneira geral.

As dificuldades que experienciamos de fato se deve ao baixo letramento digital dos participantes e não do fato de serem alfabetizados ou não, vimos que controlamos isso. A professora que nos acolheu em sua sala de aula para a aplicação do experimento nos informava sobre quais alunos não tinham alfabetização, o que, na verdade, foi o caso de apenas um participante. Ainda assim, de modo a não constranger os participantes, pensando no caso de algum deles não ter alfabetização, fazíamos a seguinte pergunta: “você lê bem sem óculos?”. Essa estratégia é por vezes empregada pelos próprios haitianos, visto que revelar o analfabetismo é motivo de constrangimento nessa cultura. Ao único respondente não alfabetizado que tivemos, demos auxílio marcando as respostas em seu lugar, de acordo com o que ele expressava. Fizemos isso de modo a não constranger o respondente. Outra ocorrência que reforça esse nosso sentimento é o fato de duas pessoas terem recusado a participar no primeiro dia, em que usamos os questionários eletrônicos – o que respeitamos prontamente, sem insistir –, mas terem espontaneamente aceitado participar no dia seguinte, após observarem que estávamos agora com questionários impressos.

Dada uma visão geral do processo de aplicação do questionário, é preciso descrever em que consistiam os questionários.

Após as perguntas iniciais a respeito dos critérios de exclusão, os respondentes recebiam a seguinte explicação: “Quando ouvimos a voz de alguém pelo telefone, sabemos se é homem ou mulher, podemos notar se é uma criança, podemos imaginar a idade e outras características da pessoa. Vocês ouvirão nove áudios. Nove pessoas diferentes leram o mesmo trecho de texto. Vocês devem assinalar as características que acreditam que essas pessoas têm.”

Após ouvir o áudio (todos com duração média de 20 segundos), se lhes pedia que marcassem o que pensavam de cada uma das afirmações sobre a pessoa que ouviram. Eis as afirmações:

- Ele é inteligente
- Ele é honesto
- Ele é estudado (escolarizado)

- Ele é rico (financeiramente)
- Ele é trabalhador
- Ele é humilde (não é arrogante)
- Ele é bem-sucedido

A essas afirmações, os respondentes podiam marcar sua discordância, concordância ou indecisão. Essas opções, em Escala Likert, apareceram da seguinte maneira:

- Discordo fortemente
- Discordo
- Não sei
- Concordo
- Concordo fortemente

Na Figura 2, a seguir, você pode visualizar como isso aparecia em crioulo haitiano aos respondentes.

Figura 2 - Questionário sociolinguístico em escala Likert

	Mwen pa dakò ditou	Mwen pa dakò	M pa konnen	Mwen dakò	Mwen konplètman dakò
Li entèlijan	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Li onèt	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Li te fè gwo etid	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Li rich	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Li konn travay di	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Li gen imilite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Li gen sikse nan lavi l	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Após avaliar o estímulo a que foram apresentados em cada um desses aspectos, havia outras 13 características discretas que poderiam ser marcadas. Ao menos uma deveria ser marcada. As características eram⁶⁶:

- Nacionalista
- Religioso
- Bonito
- Político (pessoa que se ocupa da política do país)
- Intelectual
- Jovem
- Idoso
- Haitiano
- Estrangeiro
- Metido (literalmente, “que se gaba”)
- *Fè sirèt* (que força um sotaque francês e faz hipercorreções⁶⁷)
- Feio

A seguir, veja como aparecia aos respondentes essas categorias. No enunciado, se lê: “Marque todas as características que você acha que combinam com a pessoa que você acabou de ouvir.”

⁶⁶ A ordem em que as características aparecem aqui seguem a mesma ordem da Figura 1. Não há razão especial para a adoção dessa ordem. Essas características eram apresentadas aleatoriamente nos formulários eletrônicos.

⁶⁷ Para ter uma visão ampliada desse conceito, queira consultar o Capítulo 3.

Figura 3 - Questionário sociolinguístico com características discretas

Make tout karakteristik ou panse moun ou sot tande a genyen. *

- NASYONALIS
- RELIJE
- BÈL
- POLITISYEN
- ENTELEKTYÈL
- JÈN
- AJE
- AYISYEN
- ETRANJE
- LI VANTE TÈT LI
- FÈ SIRÈT
- PALE KREYÒL FRANSE
- LÈD

A escolha das características avaliadas em Escala Likert e das características discretas se deu, conforme comentamos no Capítulo 3, a partir dos comentários que observamos na convivência com haitianos e dos comentários de Schieffelin e Doucet (1994).

Os participantes tiveram um total de nove áudios para avaliar, visto que havia cinco estímulos distratores, gravados por brasileiros que falam crioulo haitiano. A sequência de áudios foi apresentada da seguinte forma⁶⁸:

DISTRATOR
DISTRATOR
[+ **ARRED**]
DISTRATOR
[- **ARRED**]
DISTRATOR

⁶⁸ Os estímulos são aqui representados por [-arred] ou [+arred] que dizem respeito à versão do estímulo com vogais anteriores altas arredondadas ou não arredondadas.

[+ ARRED]

[- ARRED]

DISTRATOR

Após as avaliações, os respondentes informavam os seguintes dados: idade, sexo, departamento de origem⁶⁹ e nível de escolaridade. Como última pergunta, perguntava-se ao respondente se ele se considerava uma “pessoa do interior” (*moun andeyò*, em crioulo haitiano). Esse conceito é comum na sociedade haitiana e poderia nos servir para fins de comparação nos testes estatísticos.

No capítulo seguinte, apresentamos os resultados obtidos nas duas fases do experimento aqui apresentado.

⁶⁹ Os “Departamentos” no Haiti correspondem aos “Estados” no Brasil.

5 Resultados

5.1 Introdução

No Capítulo 4, vimos em detalhes as decisões tomadas quanto à metodologia para a investigação da percepção sociolinguística das vogais anteriores arredondadas e não arredondadas do crioulo haitiano. Vimos também como se deu a aplicação prática das duas fases: (1) as sessões de gravação dos estímulos e (2) a elaboração e aplicação dos questionários. No presente capítulo, veremos os resultados das fases 1 e 2. Os resultados da Fase 1 consistem na descrição da análise acústica realizadas nas gravações. Os resultados da Fase 2 serão dados da seguinte maneira: primeiro apresentaremos a estatística descritiva do conjunto de dados coletados, e depois apresentaremos em detalhes a análise estatística inferencial feita com nossos dados. Optamos por colocar neste capítulo apenas a apresentação dos dados obtidos, sem discuti-los. A discussão e interpretação desses resultados serão feitas no Capítulo 6.

5.2 Fase 1: resultados da análise acústica

De posse das gravações que serviriam de estímulo para o preenchimento do questionário, prosseguimos com a verificação acústica instrumental a fim de observar e descrever as vogais de interesse. A análise acústica foi feita por meio do *software* Praat – versão 6.2.05 (5 de janeiro de 2022) (BOERSMA; WEENINK, 2022).

As palavras de interesse contidas no trecho-estímulo onde haveria o contraste do par de vogais anteriores [i] e [y] eram as seguintes:

- <Literati>, ‘literatura’: usadas duas vezes, esperávamos ter em duas leituras [liteya'tsi] e nas outras duas [liteya'tsy];
- <Etazini>, ‘Estados Unidos’: usada uma vez, esperávamos ter em duas leituras a pronúncia [etazi'ni] e nas outras duas [etazy'ni];
- <Revolisyon>, ‘revolução’: usada uma vez, esperávamos ter em duas leituras a pronúncia [ɣevoli'sjõ] e nas outras duas [ɣevoly'sjõ];
- <Entelekyèl>, ‘intelectual’: usada uma vez, esperávamos ter em duas leituras a pronúncia [ètelek'tjɛl] e nas outras duas [ètelek'tɥɛl]

A partir daqui faremos referência aos falantes 1, 2, 3 e 4. Os falantes 1 e 2 são os que fizeram uso da vogal anterior alta não arredondada [i]. Os falantes 3 e 4 são os que fizeram uso da vogal anterior alta arredondada [y]. Esse era o resultado esperado dada a nossa seleção dos participantes para a criação do estímulo. Tal resultado foi constatado pela verificação acústica das gravações, cujos valores de formantes das vogais-alvo estão detalhados nas Tabelas 1, 2, 3 e 4, e também plotados na Figura 4.

Os valores demonstrados nas Tabelas 1, 2, 3 e 4 a seguir foram obtidos no Praat, em espectrograma de banda larga, janela de 5 milissegundos, com o algoritmo de Burg, em frequência máxima de 5000 Hz, sendo o número de 5 formantes o número ótimo para os falantes em questão. Os valores de F1, F2 e F3 obtidos seguem nas quatro tabelas abaixo.

Tabela 1 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 1

[i]			
Falante 1			
	F1	F2	F3
literat[i]-1	286	2152	3086
literat[i]-2	261	2215	2966
Etaz[i]ni	313	2132	2670
revol[i]syon	316	2229	2561
entelekt[j]èl	352	2156	2838

Tabela 2 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 2

[i]			
Falante 2			
	F1	F2	F3
literat[i]-1	302	2130	2814
literat[i]-2	268	2274	2723
Etaz[i]ni	307	2181	2883
revol[i]syon	272	2207	2713
entelekt[j]èl	408	1988	2795

Tabela 3 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 3

[y]			
Falante 3			
	F1	F2	F3

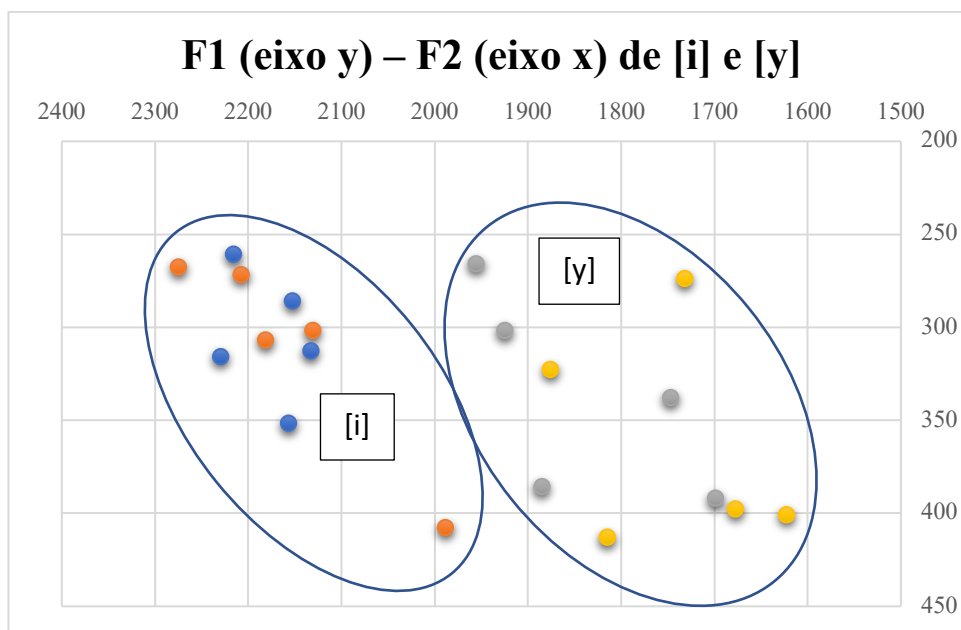
literat[y]-1	401	1622	2880
literat[y]-2	398	1677	2240
Etaz[y]ni	323	1875	2957
revol[y]syon	274	1731	2371
entelekt[u]èl	413	1814	1968

Tabela 4 - Valores de F1, F2 e F3 para o Falante 4

[y]			
Falante 4			
	F1	F2	F3
literat[y]-1	392	1698	2434
literat[y]-2	338	1746	2389
Etaz[y]ni	302	1924	2533
revol[y]syon	266	1955	2988
entelekt[u]èl	386	1884	2280

Abaixo, na Figura 4, apresentamos a plotagem dos valores brutos de F1 (eixo y) e F2 (eixo x) obtidos.

Figura 4 - Plotagem dos valores brutos de F1 (eixo y) e F2 (eixo x)



Legenda: Azul = Falante 1; Laranja = Falante 2; Cinza = Falante 3; Amarelo = Falante 4.

5.3 Fase 2: resultados das análises estatísticas

5.3.1 Análise descritiva marginal

Nesta seção, apresentamos a Análise Descritiva Marginal de cada uma das variáveis envolvidas no estudo. Para cada variável categórica, apresentamos uma tabela e um gráfico de frequências, contendo a frequência e percentual de observações para cada categoria da variável. Para cada variável numérica, apresentamos uma tabela contendo as estatísticas descritivas da variável e um gráfico de histograma. Um gráfico de histograma apresenta a frequência das observações na amostra em certos intervalos no domínio de variação da variável numérica.

As estatísticas descritivas apresentadas são, além da média:

- **Tamanho Amostral (N):** quantidade de observações na amostra;
- **Desvio Padrão (DP):** medida da variação dos dados. Quanto maior o desvio padrão, maior é a variação das observações da amostra;
- **Mínimo:** menor valor observado na amostra;
- **1º Quartil:** valor tal que 25% das observações possuem um valor na variável abaixo dele;
- **Mediana:** valor tal que 50% das observações possuem um valor da variável abaixo dele;
- **3º Quartil:** valor tal que 75% das observações possuem um valor da variável abaixo dele;
- **Máximo:** maior valor observado na amostra;
- **Intervalo Interquartil (IQ):** diferença entre o 3º e 1º Quartil.

Tabela 5 - Frequência da variável Sexo na amostra

Feminino	Masculino
8 (22.9%)	27 (77.1%)

Figura 5 - Frequência da variável Sexo na amostra

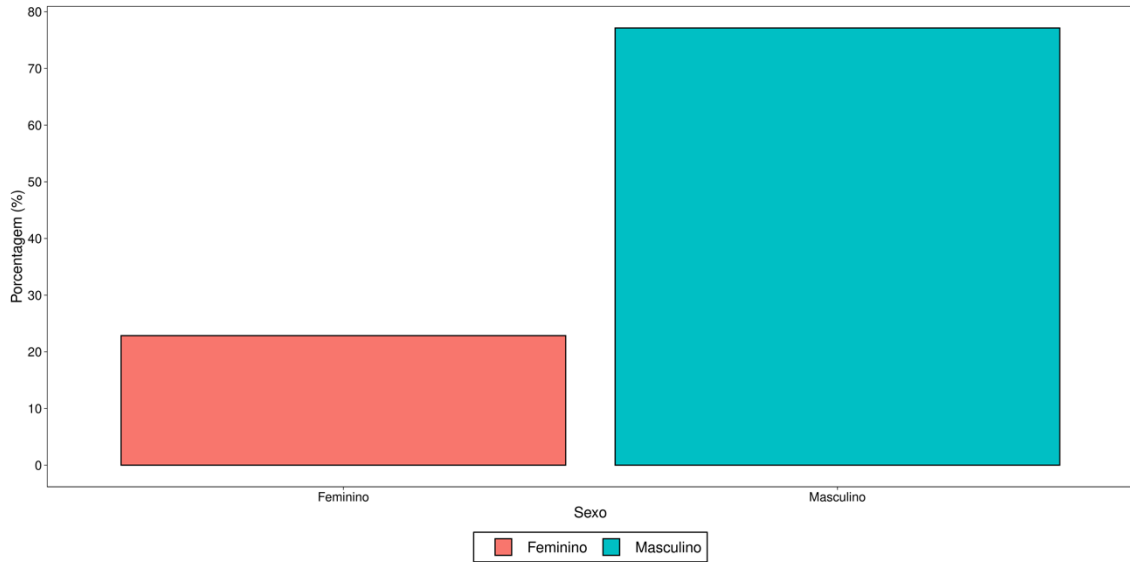


Tabela 6 - Estatísticas descritivas da variável Idade na amostra

N	Média	DP	IQ	Mínimo	1Quartil	Mediana	3Quartil	Máximo
35	34,6857143	9,00252066	10,5	22	28	33	38,5	59

Figura 6 - Histograma da variável Idade

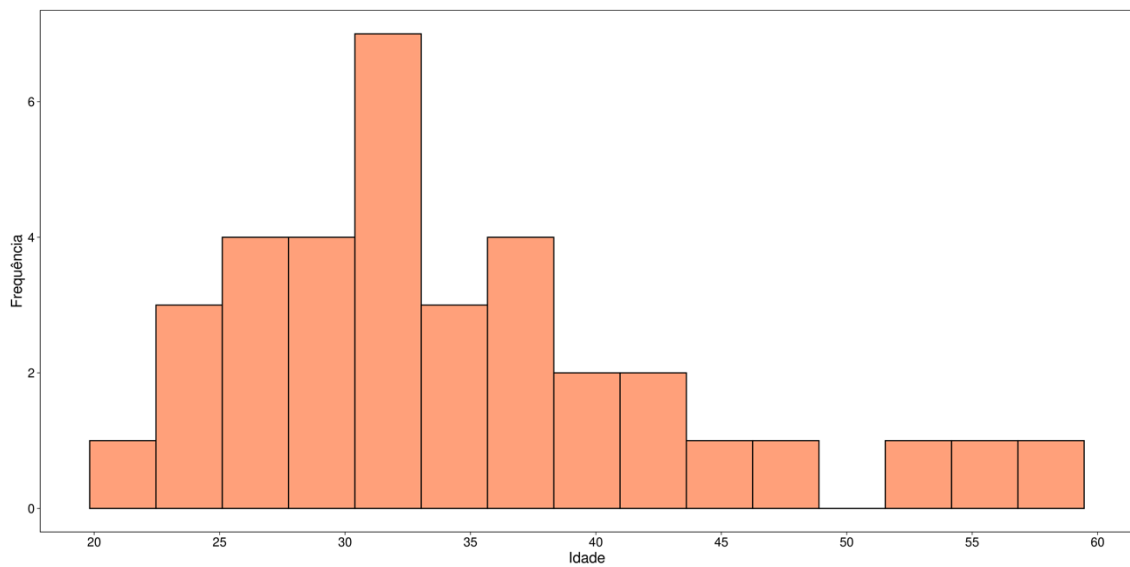


Tabela 7 - Frequência da variável Estado na amostra

Atibonit	Grandans	Lwès	Nip	Nòdwès	Sant	Sid	Sidès
2 (5.7%)	1 (2.9%)	17 (48.6%)	1 (2.9%)	1 (2.9%)	1 (2.9%)	11 (31.4%)	1 (2.9%)

Figura 7 - Frequência da variável Estado na amostra

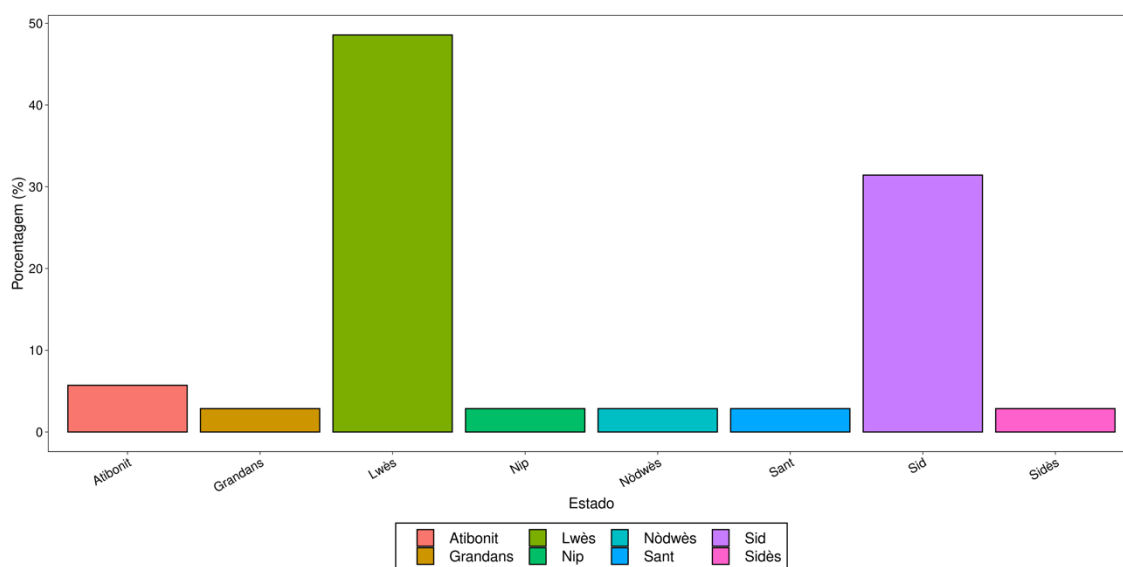


Tabela 8 - Frequência da variável Escolaridade na amostra

Primário	Secundário	Universitário
3 (8.6%)	21 (60%)	11 (31.4%)

Figura 8 - Frequência da variável Escolaridade na amostra

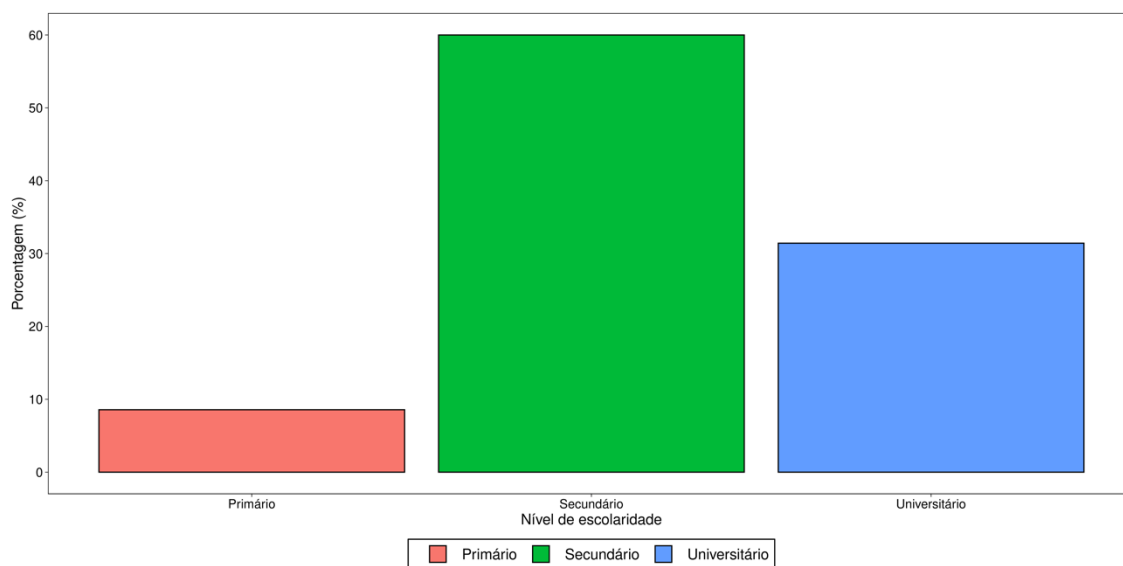
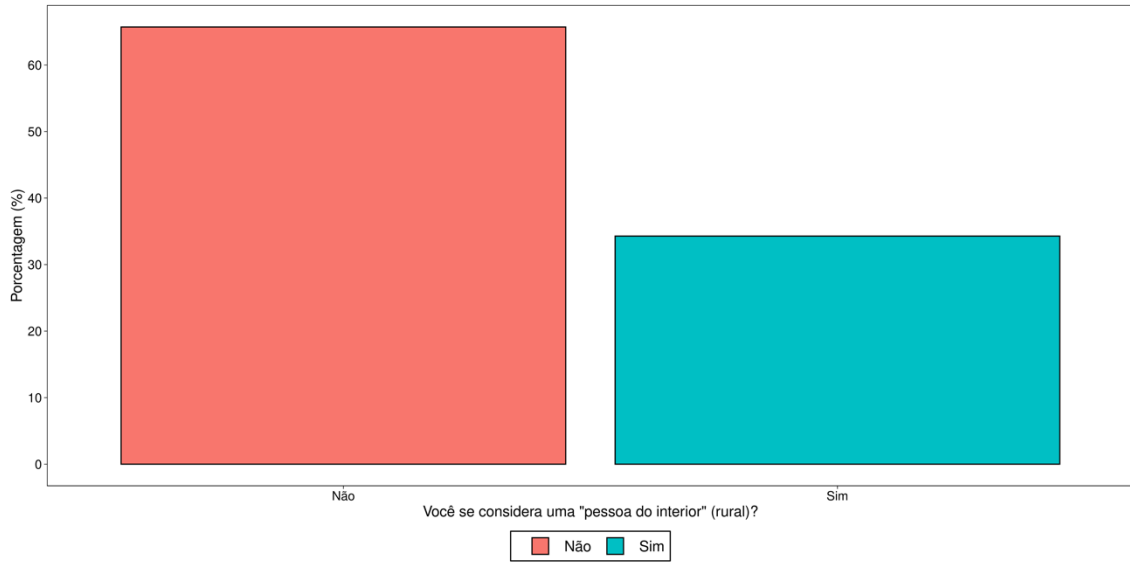


Tabela 9 - Frequência da variável “Você se considera uma pessoa do interior?” na amostra

Não	Sim
23 (65.7%)	12 (34.3%)

Figura 9 - Frequência da variável “Você se considera uma pessoa do interior?” na amostra



5.3.1.1 Dados para cada um dos falantes

5.3.1.1.1 Falante 1

Tabela 10 - Falante 1 – Frequência da variável Inteligente na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	1 (2.9%)	5 (14.3%)	9 (25.7%)	20 (57.1%)

Figura 10 - Falante 1 – Frequência da variável Inteligente na amostra

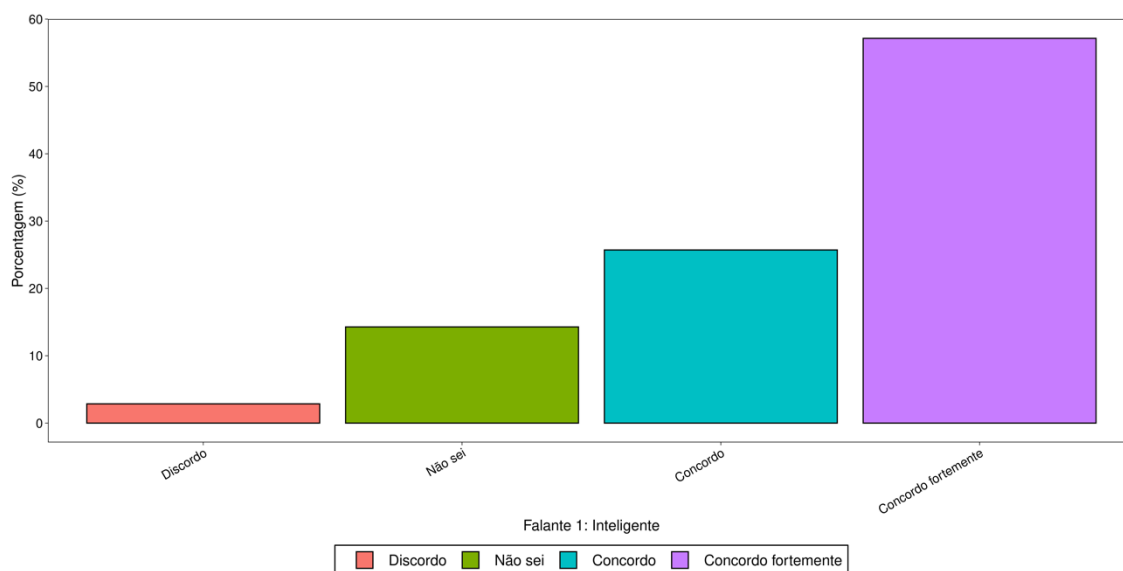


Tabela 11 - Falante 1 – Frequência da variável Honesto na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	1 (2.9%)	17 (48.6%)	7 (20%)	9 (25.7%)

Figura 11 - Falante 1 – Frequência da variável Honesto na amostra

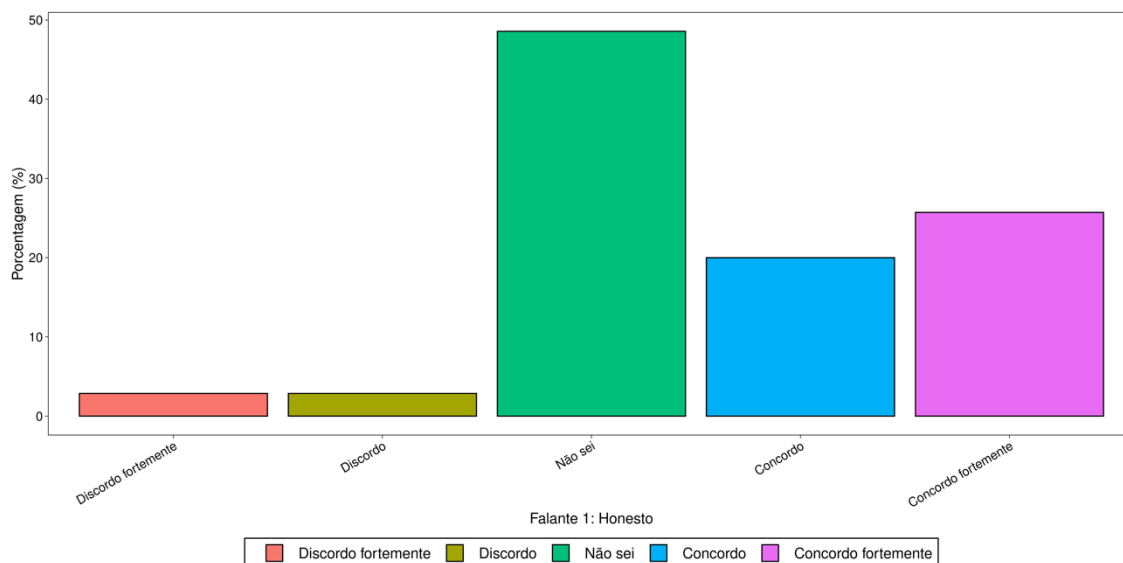


Tabela 12 - Falante 1 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
4 (11.4%)	2 (5.7%)	6 (17.1%)	8 (22.9%)	15 (42.9%)

Figura 12 - Falante 1 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

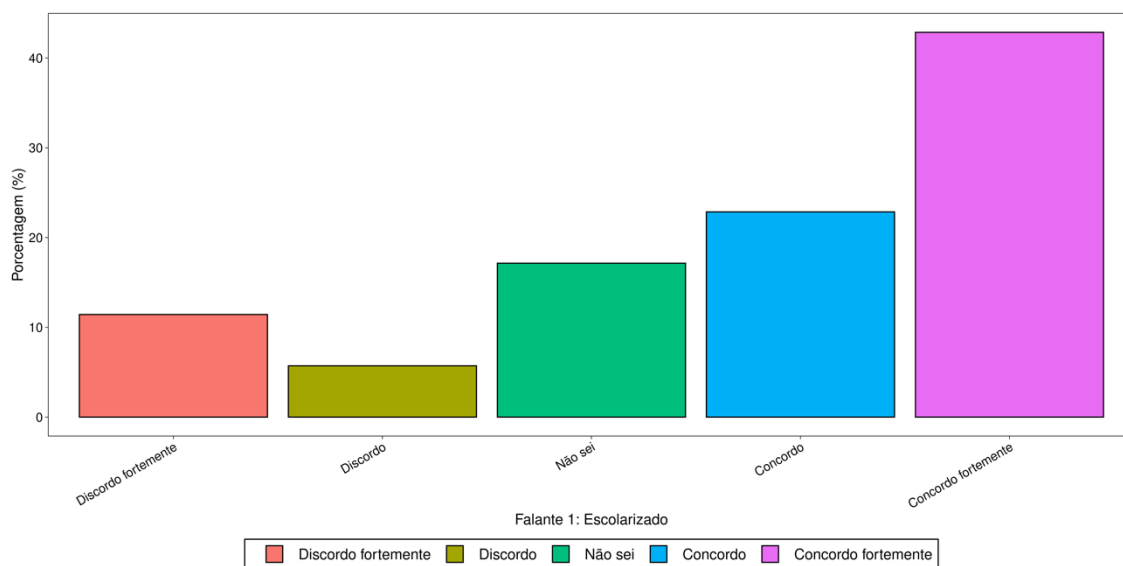


Tabela 13 - Falante 1 – Frequência da variável Rico na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
3 (8.6%)	1 (2.9%)	25 (71.4%)	3 (8.6%)	3 (8.6%)

Figura 13 - Falante 1 – Frequência da variável Rico na amostra

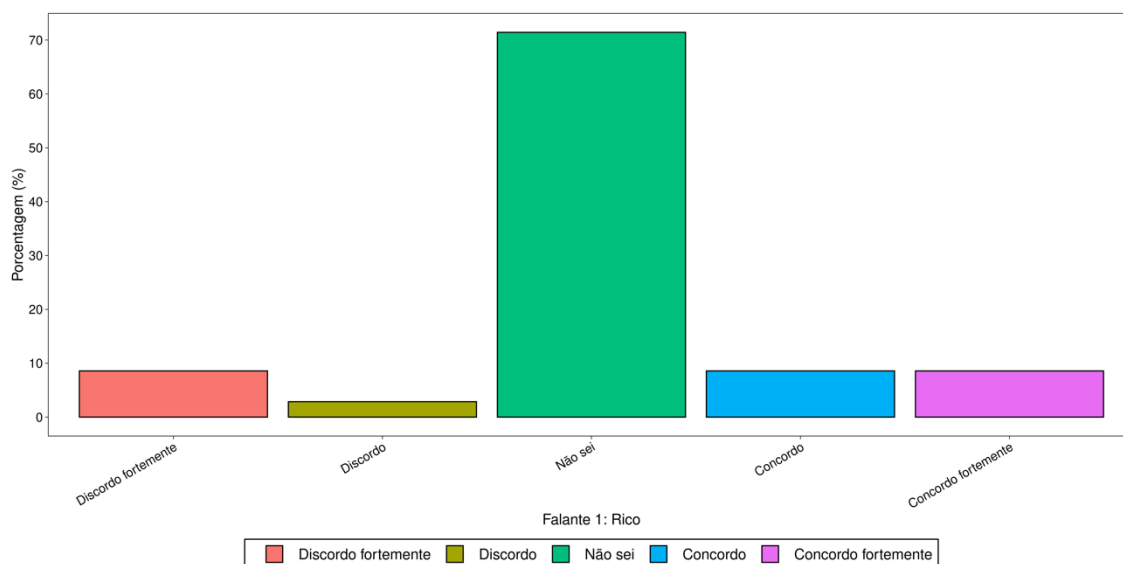


Tabela 14 - Falante 1 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	0 (0%)	14 (40%)	10 (28.6%)	10 (28.6%)

Figura 14 - Falante 1 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

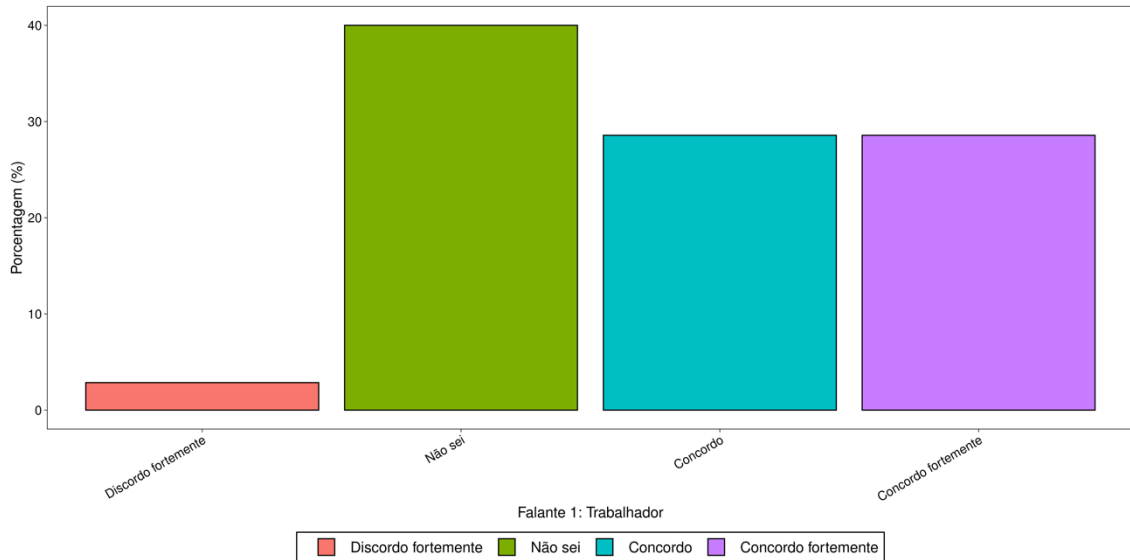


Tabela 15 - Falante 1 – Frequência da variável Humilde na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	0 (0%)	14 (40%)	13 (37.1%)	8 (22.9%)

Figura 15 - Falante 1 – Frequência da variável Humilde na amostra

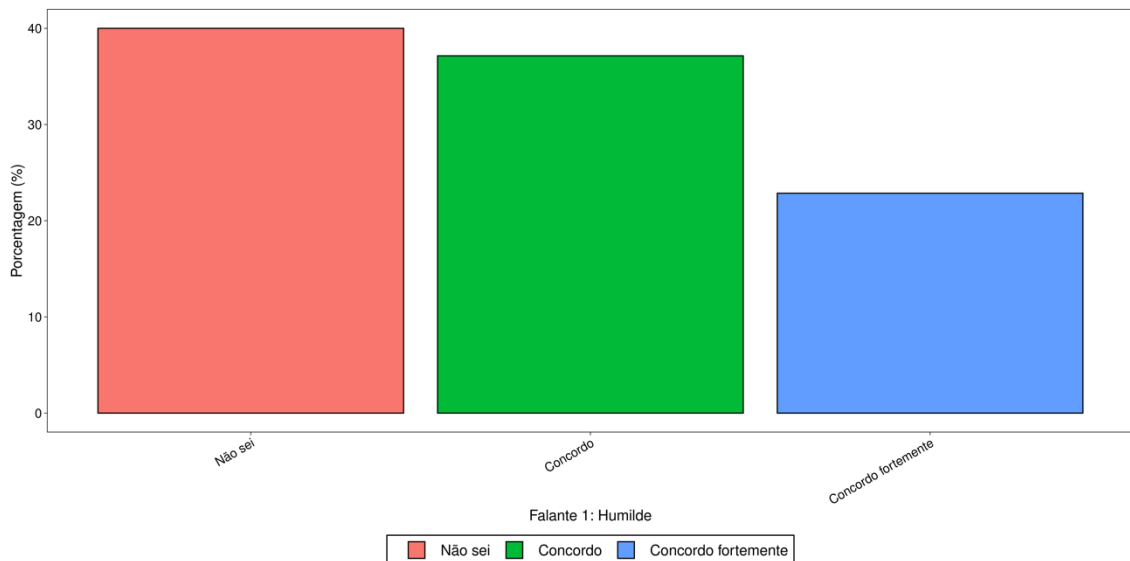
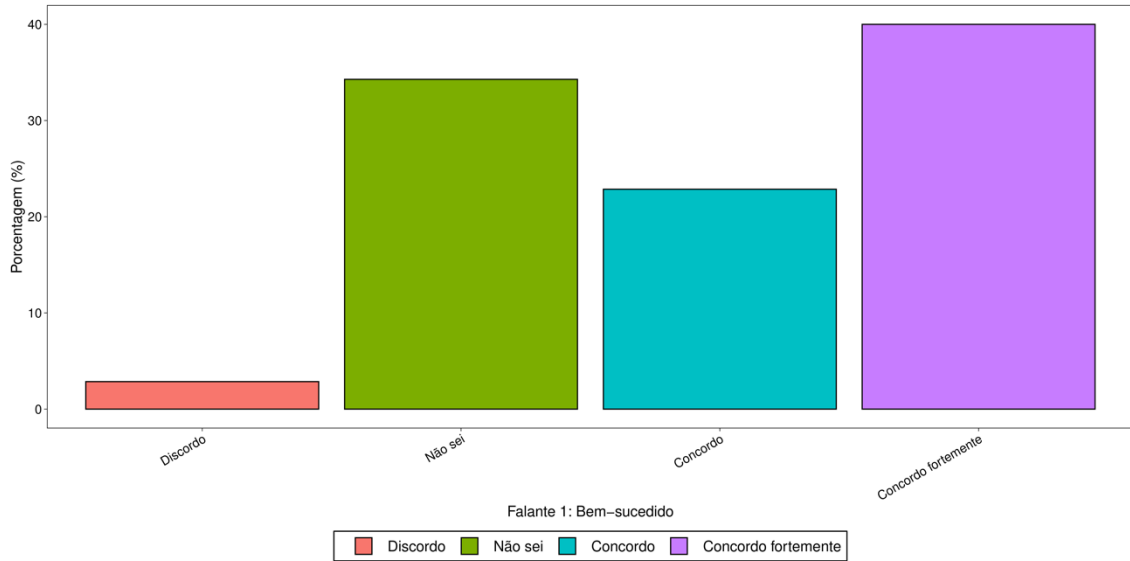


Tabela 16 - Falante 1 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	1 (2.9%)	12 (34.3%)	8 (22.9%)	14 (40%)

Figura 16 - Falante 1 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra



5.3.1.1.2 Falante 2

Tabela 17 - Falante 2 – Frequência da variável Inteligente na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	1 (2.9%)	8 (22.9%)	7 (20%)	19 (54.3%)

Figura 17 - Falante 2 – Frequência da variável Inteligente na amostra

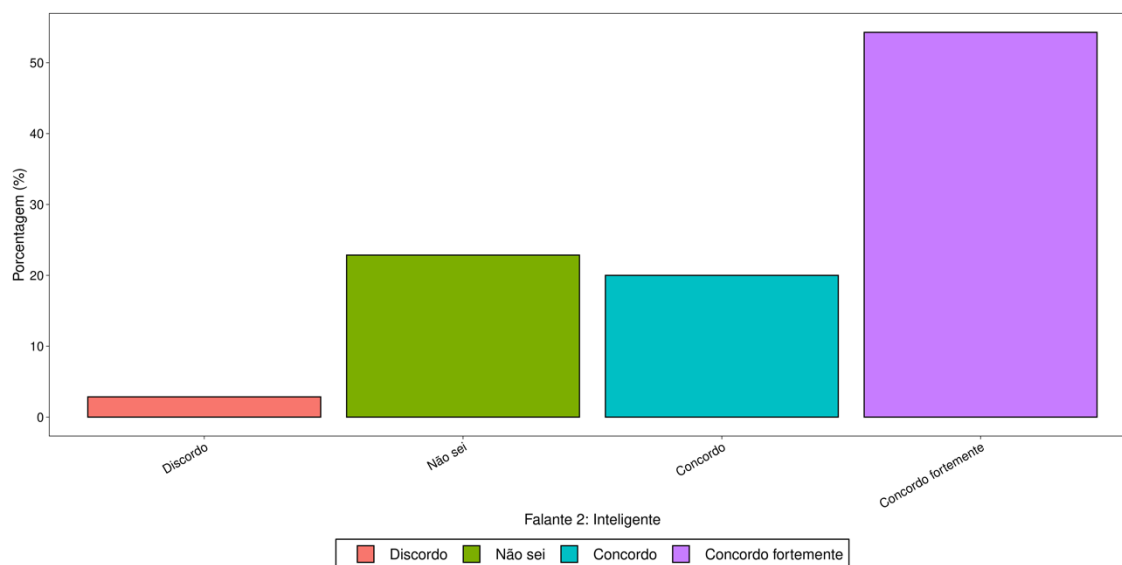


Tabela 18 - Falante 2 – Frequência da variável Honesto na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
2 (5.7%)	2 (5.7%)	14 (40%)	9 (25.7%)	8 (22.9%)

Figura 18 - Falante 2 – Frequência da variável Honesto na amostra

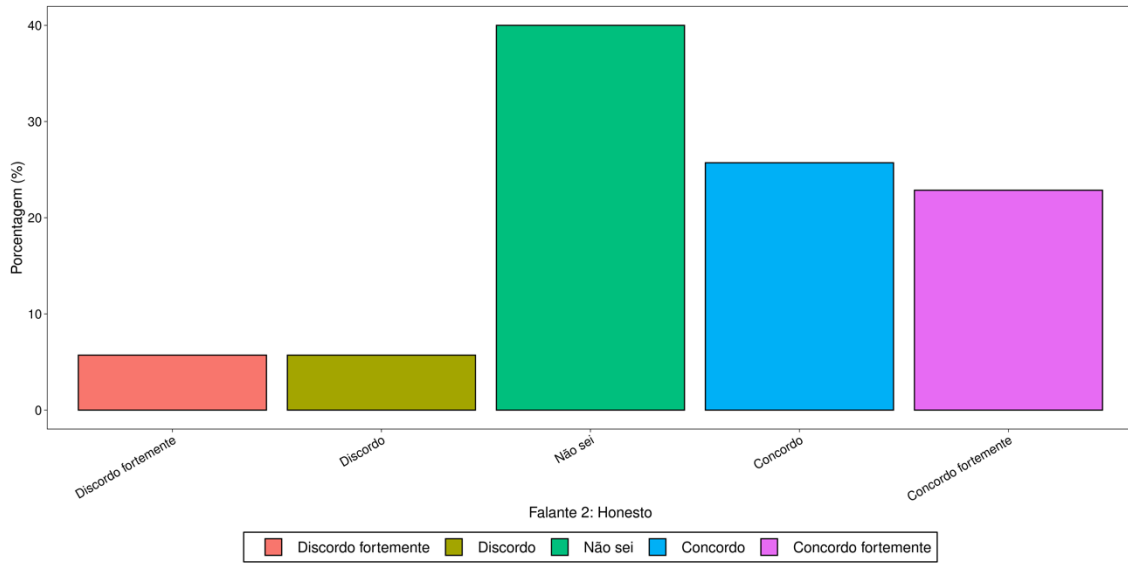


Tabela 19 - Falante 2 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
2 (5.7%)	1 (2.9%)	5 (14.3%)	15 (42.9%)	12 (34.3%)

Figura 19 - Falante 2 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

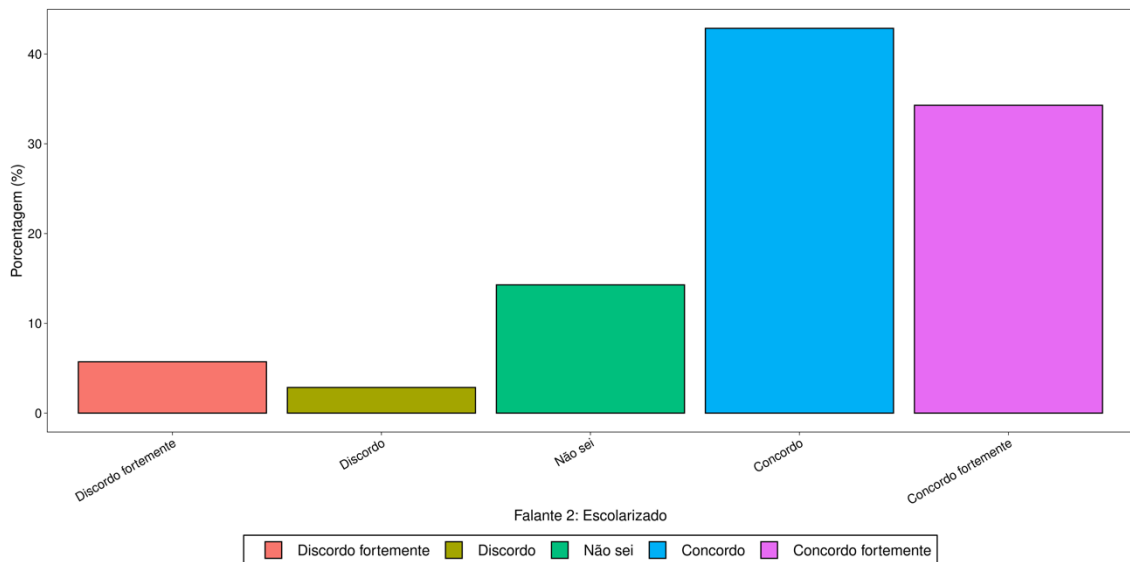


Tabela 20 - Falante 2 – Frequência da variável Rico na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
3 (8.6%)	1 (2.9%)	26 (74.3%)	2 (5.7%)	3 (8.6%)

Figura 20 - Falante 2 – Frequência da variável Rico na amostra

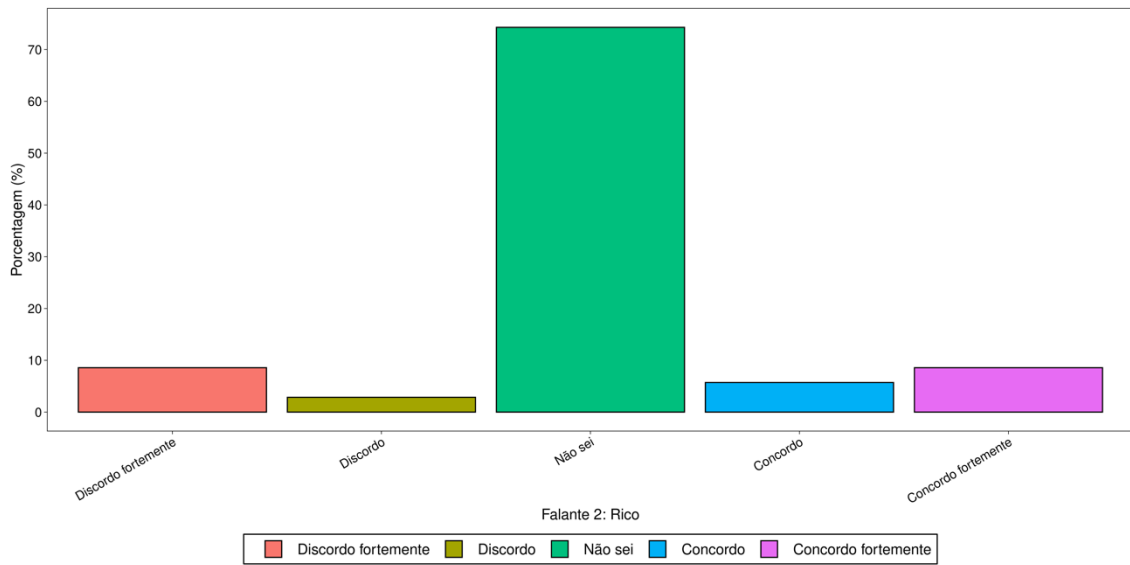


Tabela 21 - Falante 2 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	1 (2.9%)	14 (40%)	8 (22.9%)	12 (34.3%)

Figura 21 - Falante 2 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

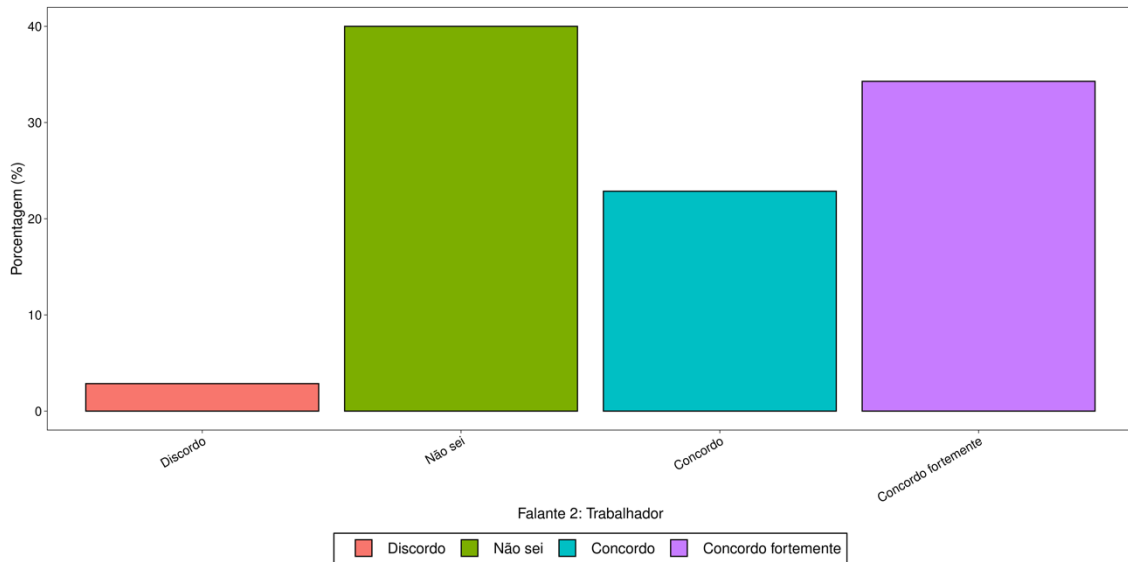


Tabela 22 - Falante 2 – Frequência da variável Humilde na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	1 (2.9%)	14 (40%)	12 (34.3%)	7 (20%)

Figura 22 - Falante 2 – Frequência da variável Humilde na amostra

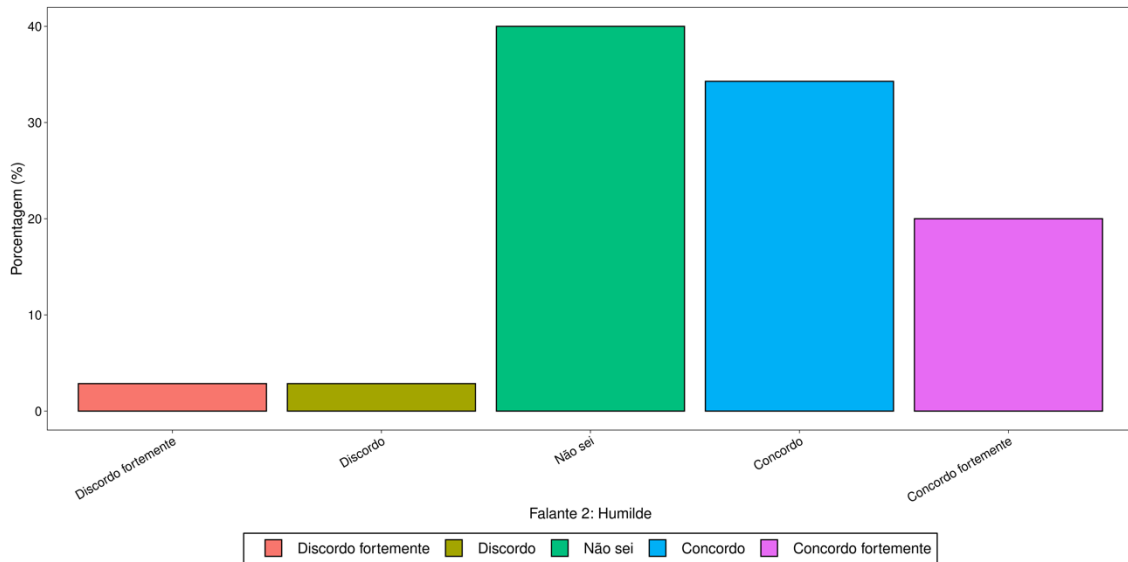
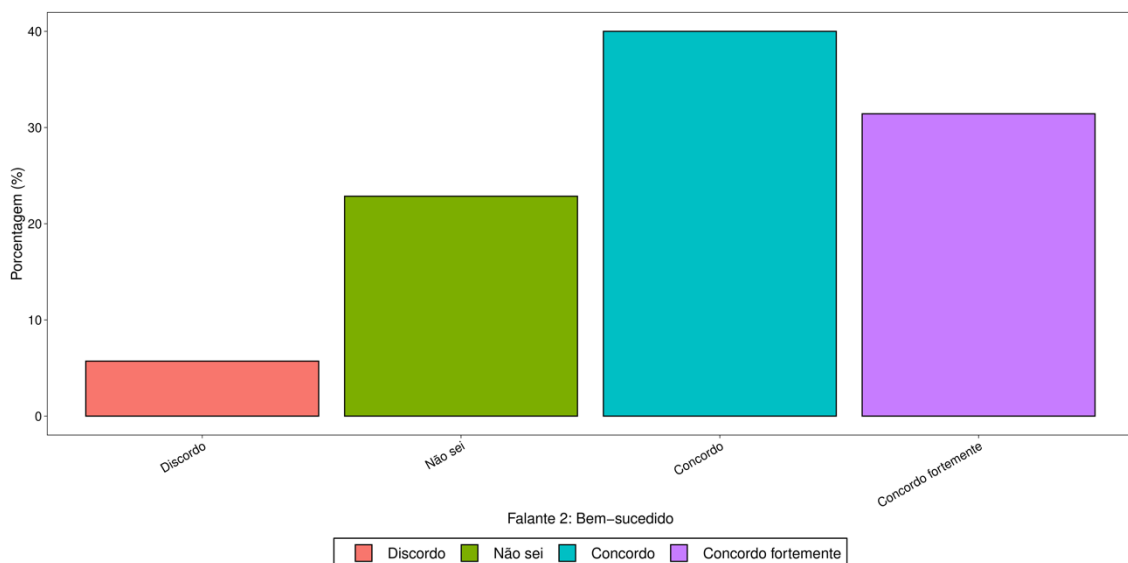


Tabela 23 - Falante 2 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	2 (5.7%)	8 (22.9%)	14 (40%)	11 (31.4%)

Figura 23 - Falante 2 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra



5.3.1.1.3 Falante 3

Tabela 24 - Falante 3 – Frequência da variável Inteligente na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	0 (0%)	5 (14.3%)	12 (34.3%)	18 (51.4%)

Figura 24 - Falante 3 – Frequência da variável Inteligente na amostra

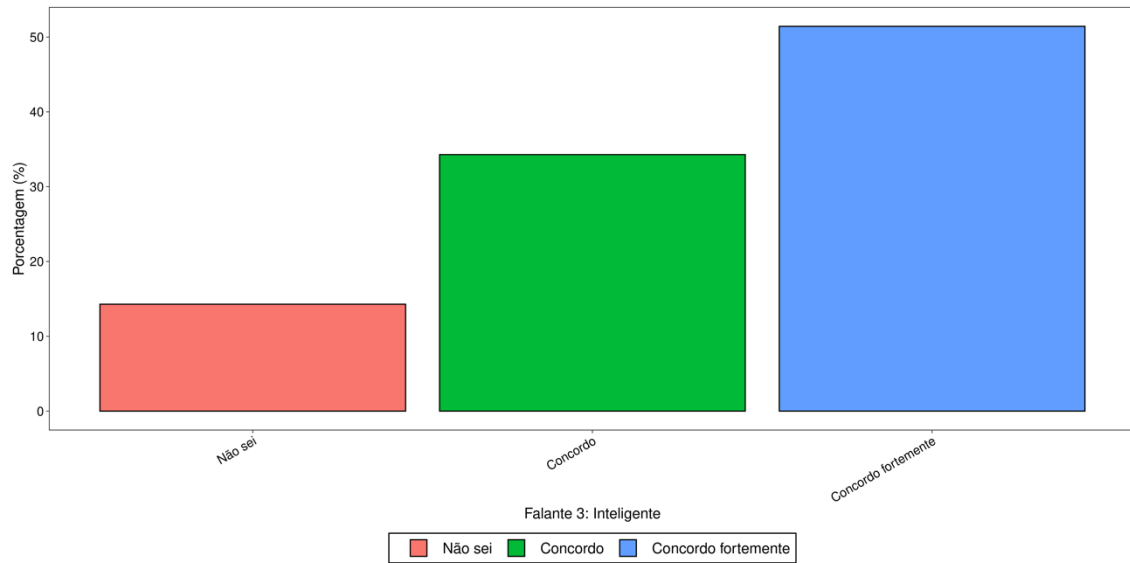


Tabela 25 - Falante 3 – Frequência da variável Honesto na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	2 (5.7%)	14 (40%)	7 (20%)	11 (31.4%)

Figura 25 - Falante 3 – Frequência da variável Honesto na amostra

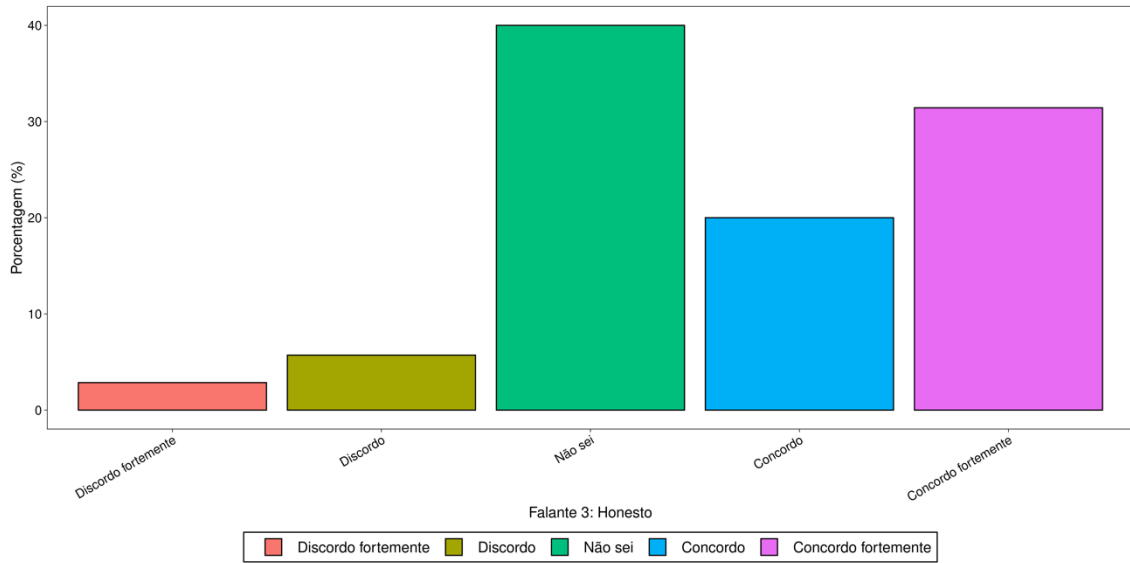


Tabela 26 - Falante 3 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	2 (5.7%)	4 (11.4%)	17 (48.6%)	11 (31.4%)

Figura 26 - Falante 3 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

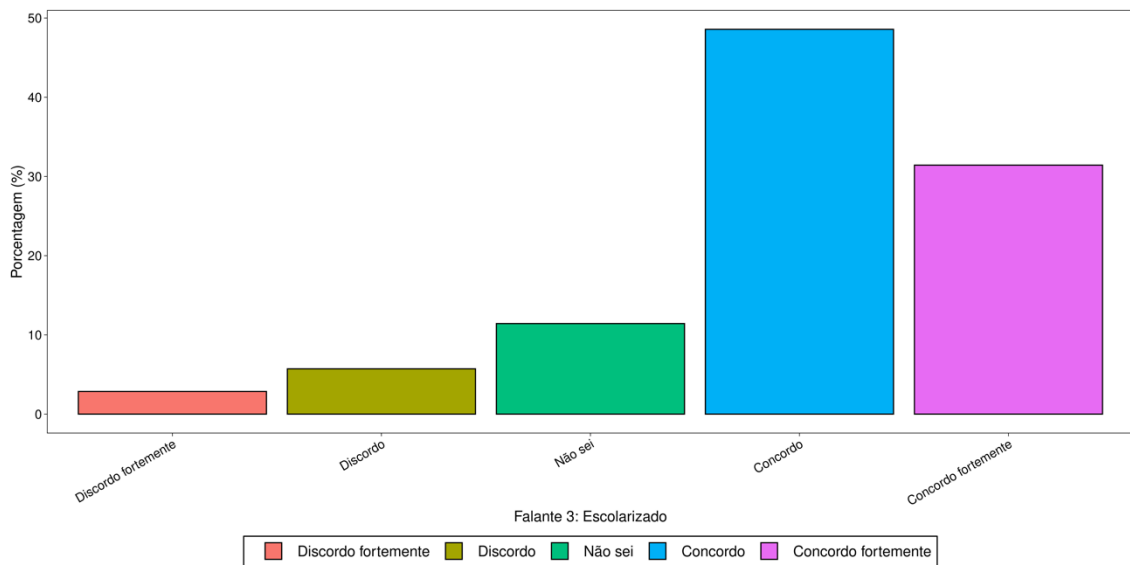


Tabela 27 - Falante 3 – Frequência da variável Rico na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
3 (8.6%)	2 (5.7%)	23 (65.7%)	2 (5.7%)	5 (14.3%)

Figura 27 - Falante 3 – Frequência da variável Rico na amostra

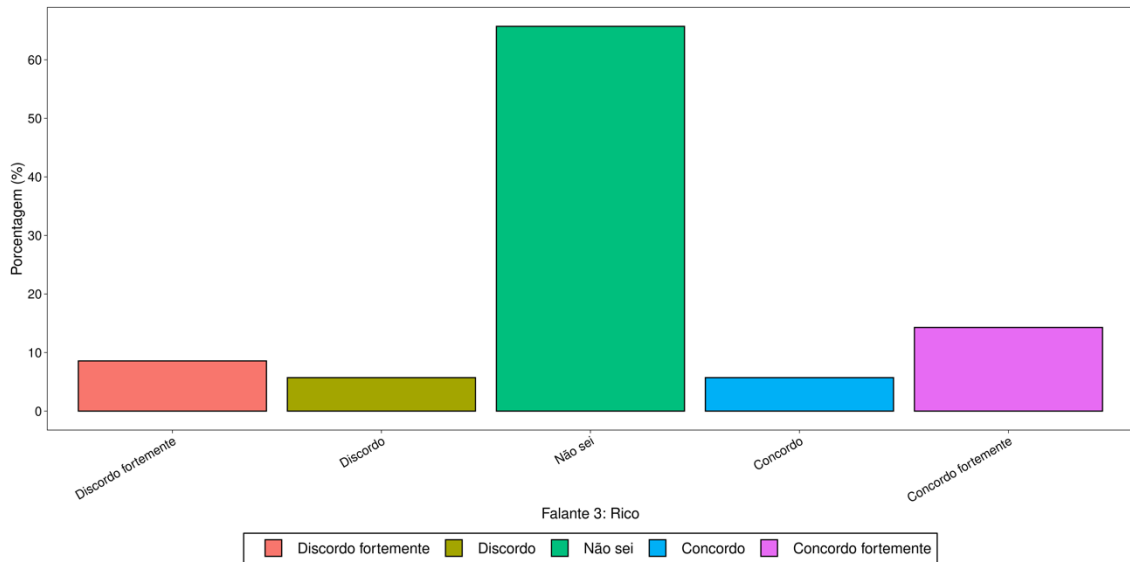


Tabela 28 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	2 (5.7%)	11 (31.4%)	11 (31.4%)	11 (31.4%)

Figura 28 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

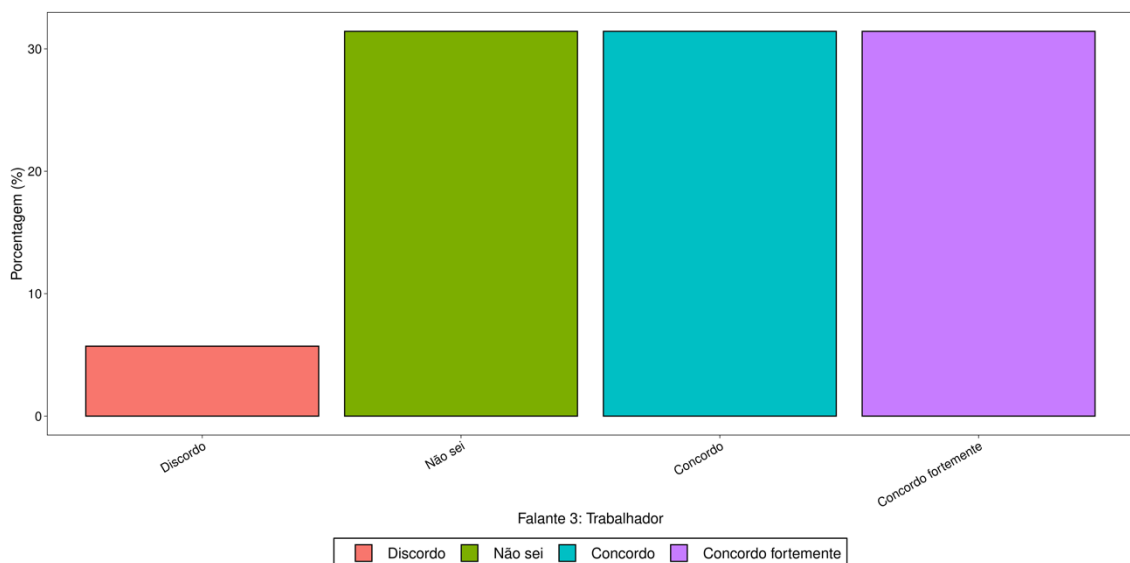


Tabela 29 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
2 (5.7%)	1 (2.9%)	11 (31.4%)	12 (34.3%)	9 (25.7%)

Figura 29 - Falante 3 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

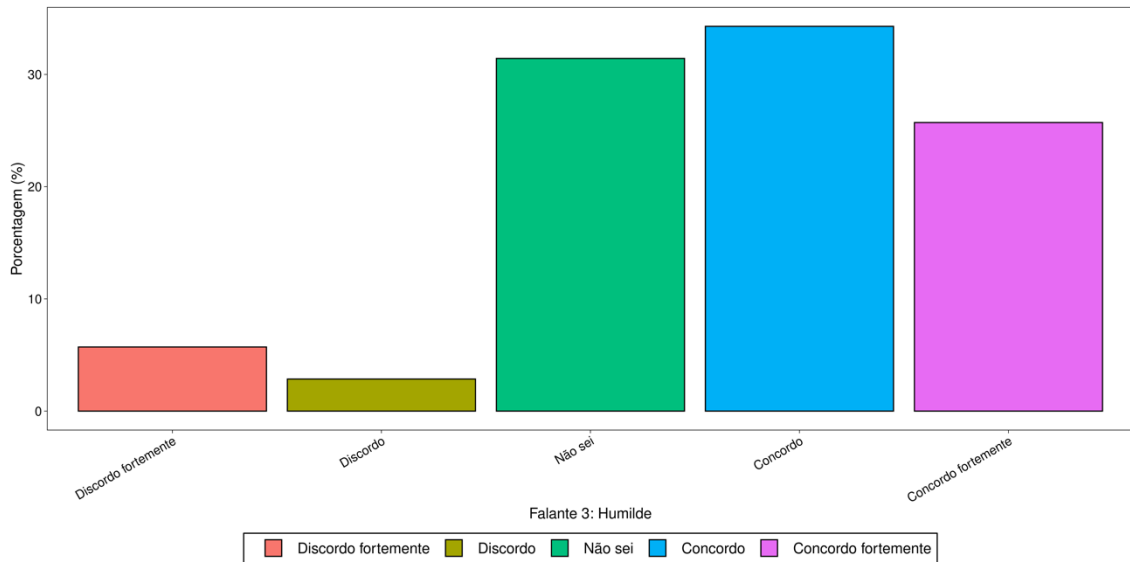
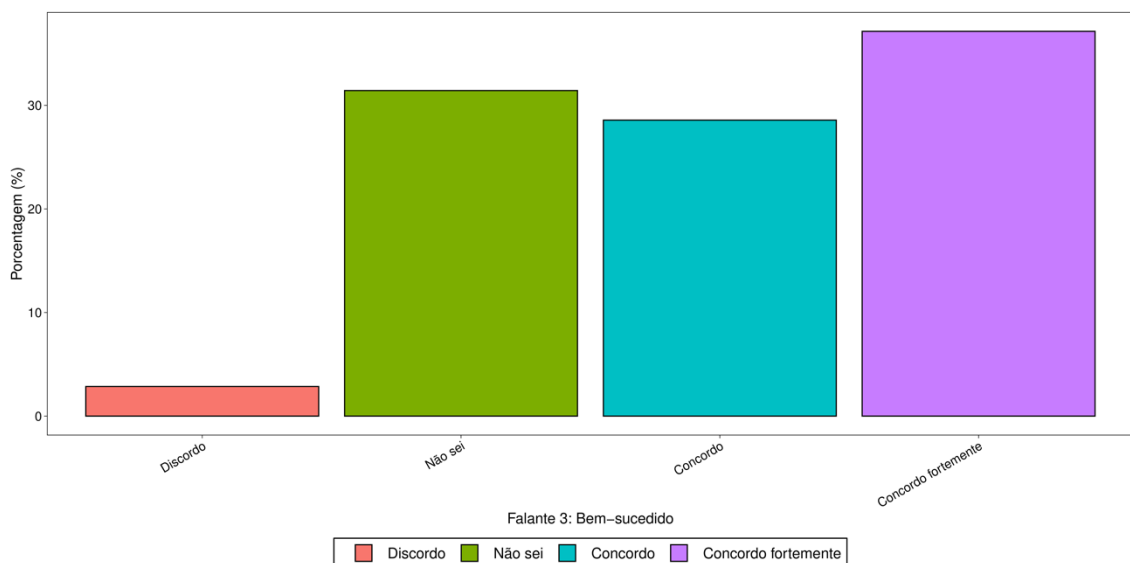


Tabela 30 - Falante 3 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	1 (2.9%)	11 (31.4%)	10 (28.6%)	13 (37.1%)

Figura 30 - Falante 3 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra



5.3.1.1.4 Falante 4

Tabela 31 - Falante 4 – Frequência da variável Inteligente na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	1 (2.9%)	4 (11.4%)	7 (20%)	22 (62.9%)

Figura 31 - Falante 4 – Frequência da variável Inteligente na amostra

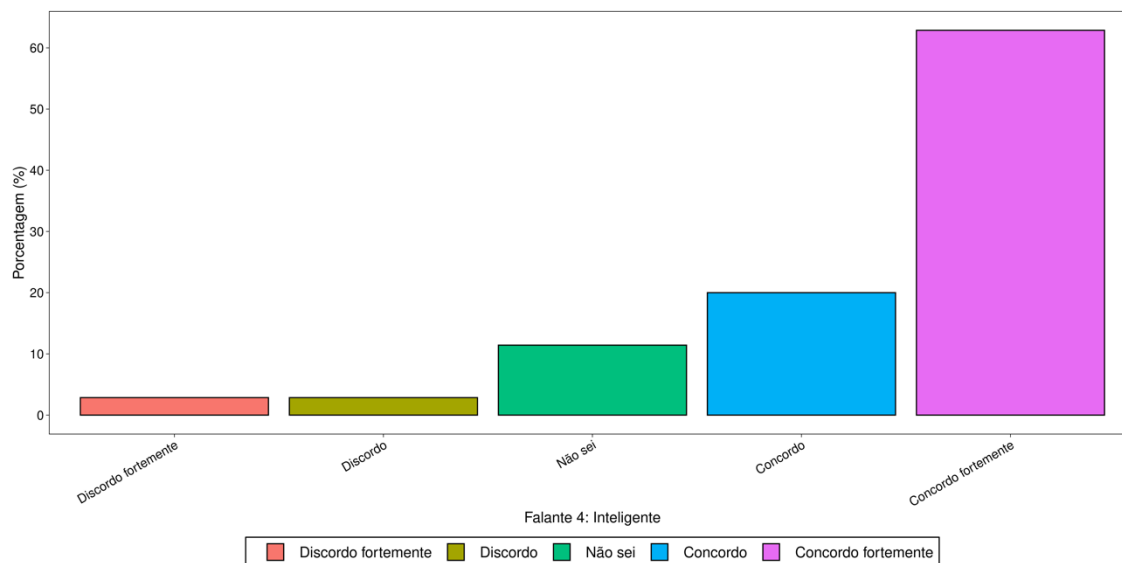


Tabela 32 - Falante 4 – Frequência da variável Honesto na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	0 (0%)	16 (45.7%)	6 (17.1%)	12 (34.3%)

Figura 32 - Falante 4 – Frequência da variável Honesto na amostra

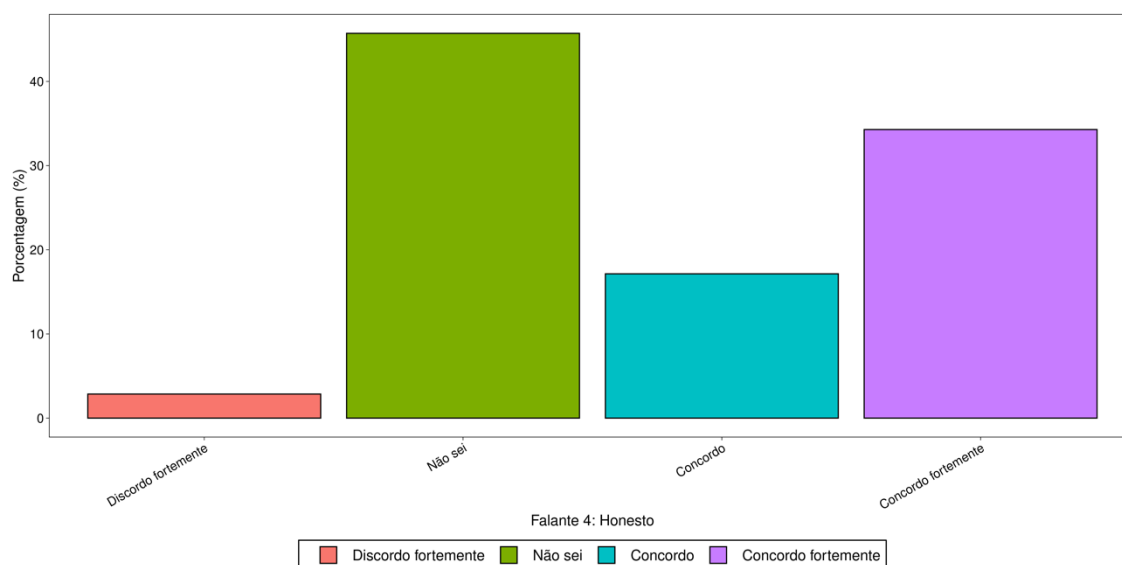


Tabela 33 - Falante 4 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
1 (2.9%)	1 (2.9%)	4 (11.4%)	10 (28.6%)	19 (54.3%)

Figura 33 - Falante 4 – Frequência da variável Escolarizado na amostra

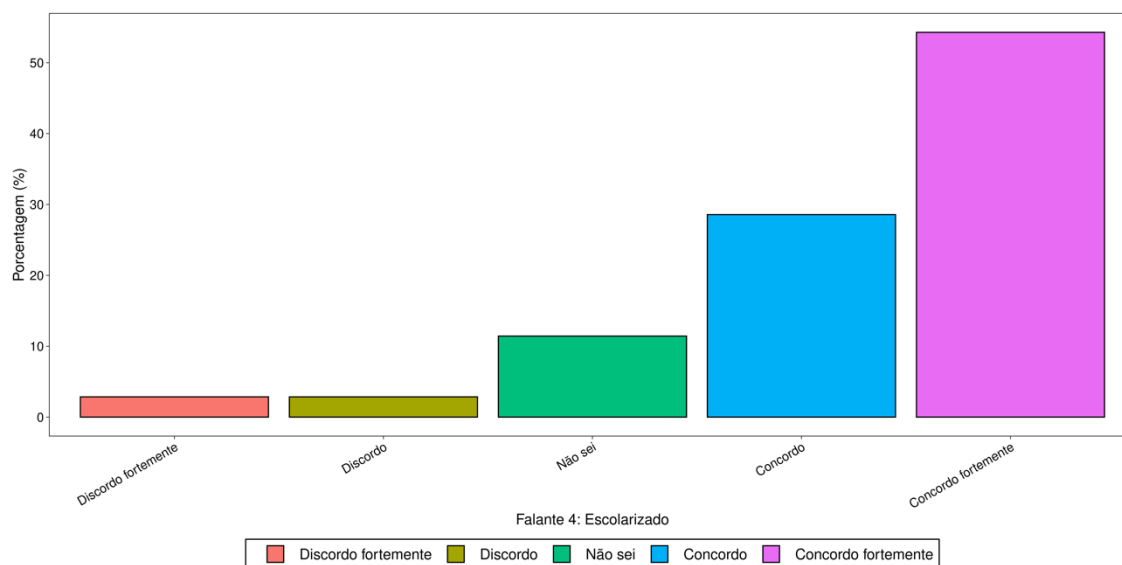


Tabela 34 - Falante 4 – Frequência da variável Rico na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
3 (8.6%)	0 (0%)	28 (80%)	1 (2.9%)	3 (8.6%)

Figura 34 - Falante 4 – Frequência da variável Rico na amostra

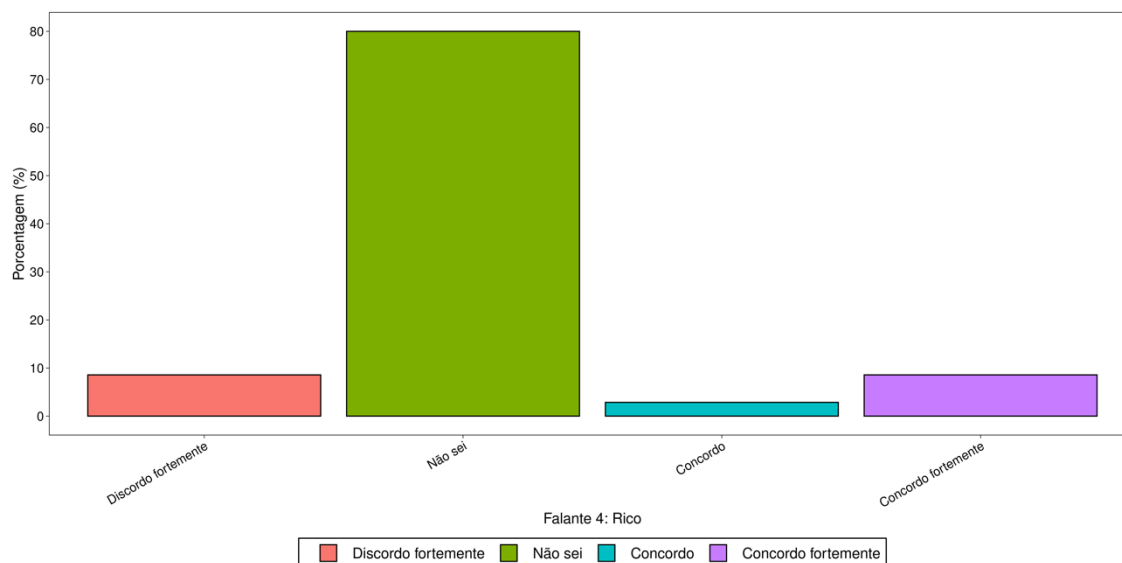


Tabela 35 - Falante 4 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	0 (0%)	15 (42.9%)	7 (20%)	13 (37.1%)

Figura 35 - Falante 4 – Frequência da variável Trabalhador na amostra

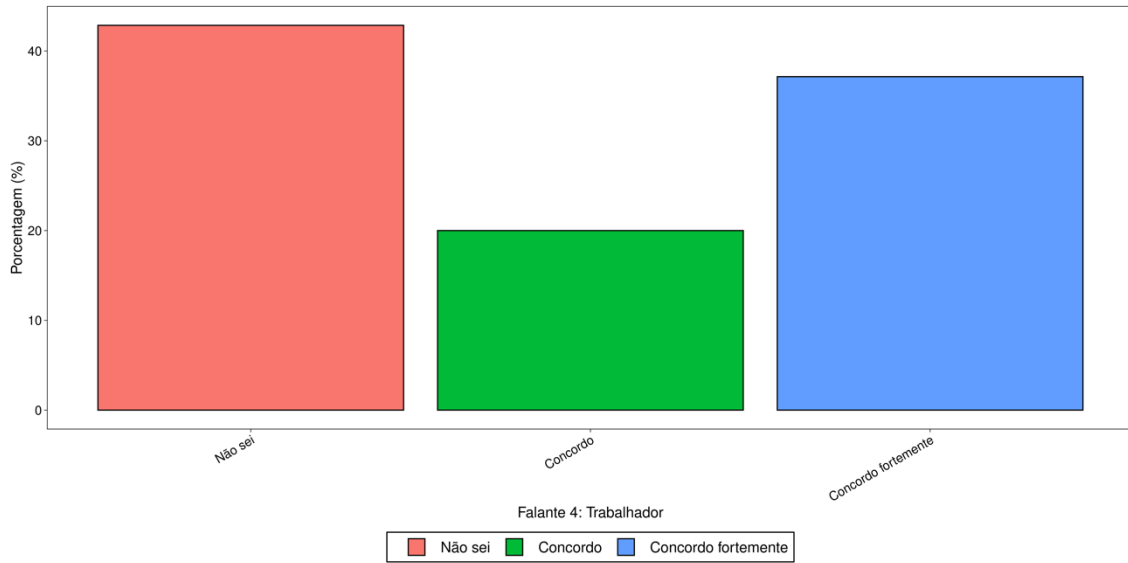


Tabela 36 - Falante 4 – Frequência da variável Humilde na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
3 (8.6%)	2 (5.7%)	14 (40%)	8 (22.9%)	8 (22.9%)

Figura 36 - Falante 4 – Frequência da variável Humilde na amostra

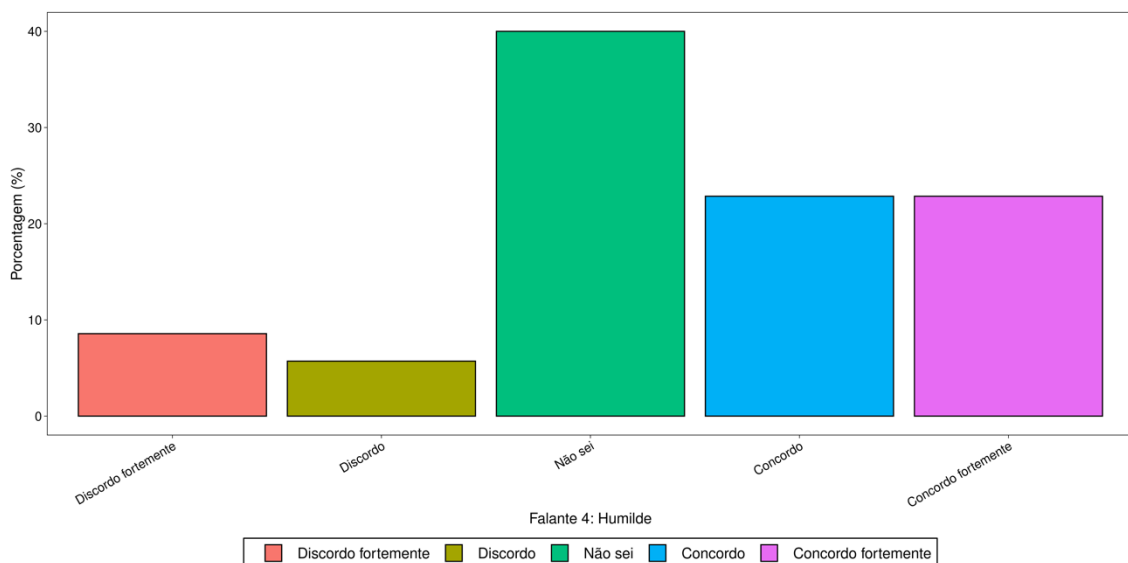
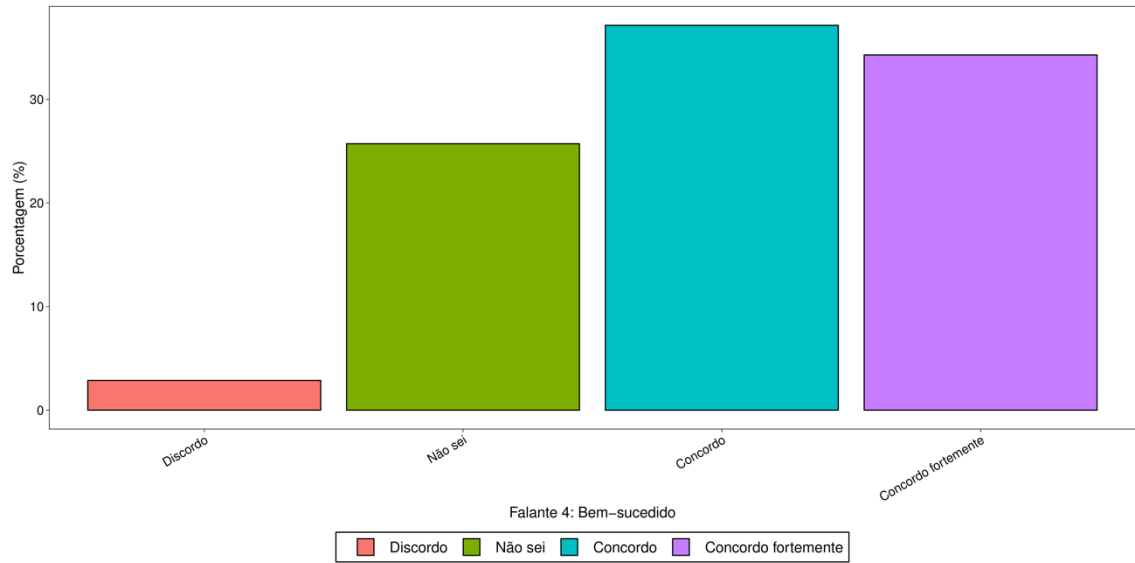


Tabela 37 - Falante 4 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra

Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente
0 (0%)	1 (2.9%)	9 (25.7%)	13 (37.1%)	12 (34.3%)

Figura 37 - Falante 4 – Frequência da variável Bem-Sucedido na amostra



5.3.1.2 Dados dos quatro falantes

Tabela 38 - Frequência das características de cada falante

Falante	Característica	Frequência	Porcentagem
Falante 1	BONITO	6	17.14%
Falante 2	BONITO	8	22.86%
Falante 3	BONITO	5	14.29%
Falante 4	BONITO	8	22.86%
Falante 1	ESTRANGEIRO	10	28.57%
Falante 2	ESTRANGEIRO	13	37.14%
Falante 3	ESTRANGEIRO	15	42.86%
Falante 4	ESTRANGEIRO	11	31.43%
Falante 1	FALA CRIOULO AFRANCESADO	17	48.57%
Falante 2	FALA CRIOULO AFRANCESADO	20	57.14%
Falante 3	FALA CRIOULO AFRANCESADO	21	60%
Falante 4	FALA CRIOULO AFRANCESADO	27	77.14%
Falante 1	FÈ SIRÈT	1	2.86%
Falante 2	FÈ SIRÈT	7	20%
Falante 3	FÈ SIRÈT	7	20%
Falante 4	FÈ SIRÈT	2	5.71%
Falante 1	HAITIANO	23	65.71%
Falante 2	HAITIANO	14	40%
Falante 3	HAITIANO	14	40%
Falante 4	HAITIANO	18	51.43%
Falante 1	IDOSO	8	22.86%
Falante 2	IDOSO	4	11.43%
Falante 3	IDOSO	3	8.57%
Falante 4	IDOSO	7	20%
Falante 1	INTELECTUAL	26	74.29%
Falante 2	INTELECTUAL	26	74.29%
Falante 3	INTELECTUAL	24	68.57%
Falante 4	INTELECTUAL	28	80%
Falante 1	JOVEM	21	60%
Falante 2	JOVEM	20	57.14%
Falante 3	JOVEM	25	71.43%
Falante 4	JOVEM	16	45.71%
Falante 1	METIDO	4	11.43%
Falante 2	METIDO	2	5.71%
Falante 3	METIDO	5	14.29%
Falante 4	METIDO	6	17.14%

Falante 1	NACIONALISTA	16	45.71%
Falante 2	NACIONALISTA	14	40%
Falante 3	NACIONALISTA	9	25.71%
Falante 4	NACIONALISTA	15	42.86%
Falante 1	POLÍTICO	13	37.14%
Falante 2	POLÍTICO	16	45.71%
Falante 3	POLÍTICO	15	42.86%
Falante 4	POLÍTICO	20	57.14%
Falante 1	RELIGIOSO	6	17.14%
Falante 2	RELIGIOSO	8	22.86%
Falante 3	RELIGIOSO	8	22.86%
Falante 4	RELIGIOSO	7	20%

Figura 38 -- Frecuência das características de cada falante

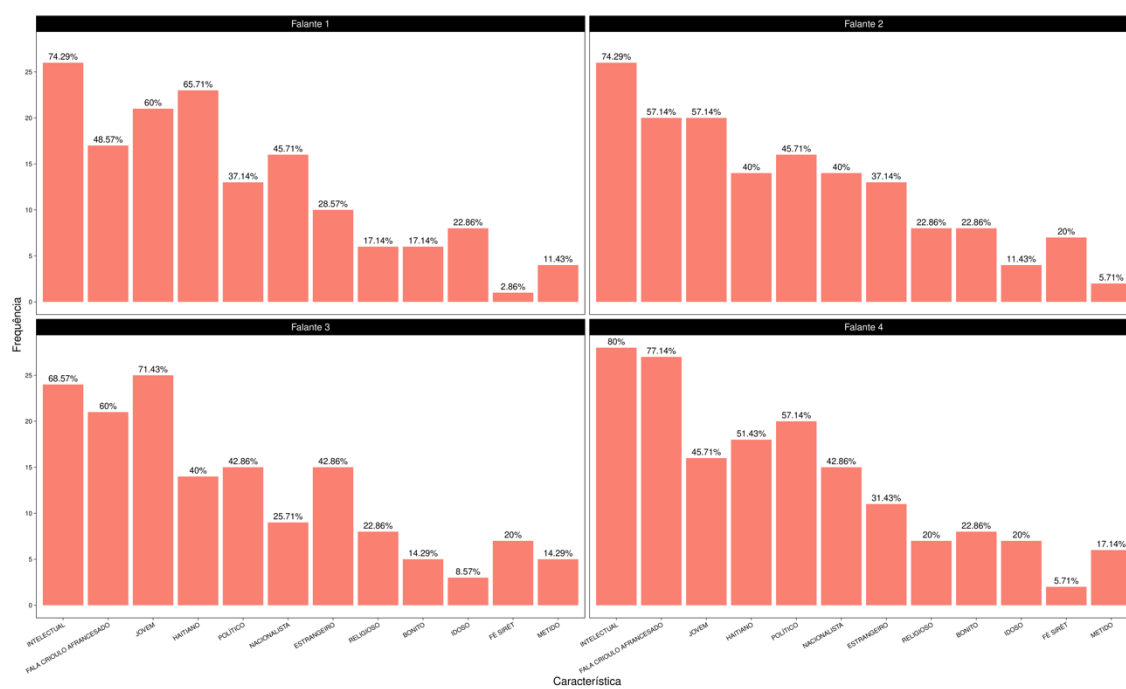
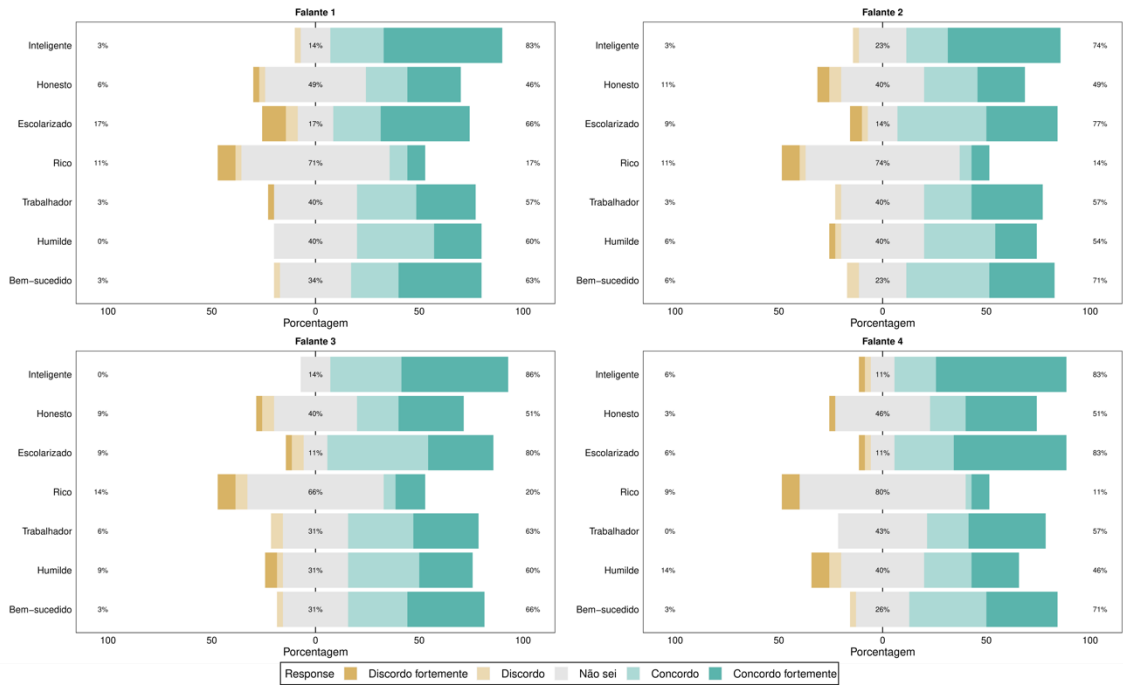


Figura 39 - Padrão de resposta da escala Likert para cada falante



5.3.2 Análise estatística inferencial

Apresentamos uma análise inferencial, aplicando o Teste Exato de Fisher. A interpretação do p-valor do teste deve ser feita da seguinte forma: se o p-valor for menor que 0,05, significa que, a um nível de significância estatística de 5%, há diferença entre os falantes no que diz respeito a avaliação da presença da respectiva característica. Caso o p-valor seja maior que 0,05, dizemos que, a um nível de significância estatística de 5%, não há diferença entre os falantes em relação a avaliação da presença da respectiva característica.

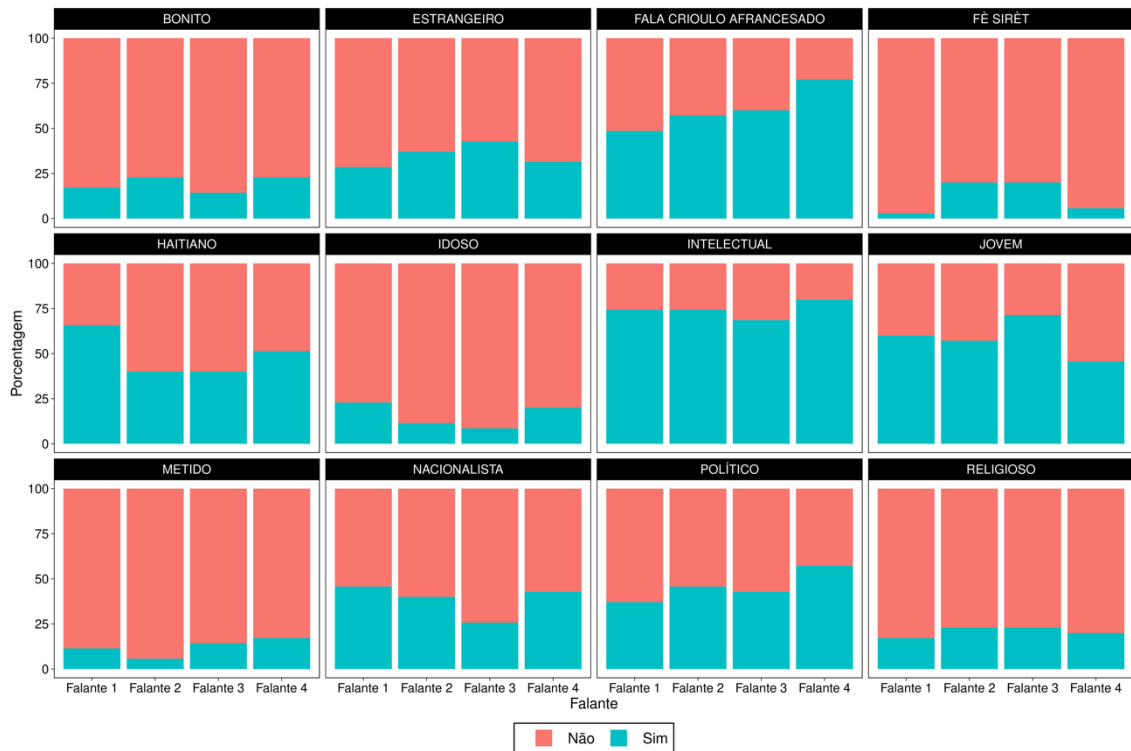
A Tabela 35 e a Figura 36 apresentam a porcentagem dos respondentes que avaliou cada falante como tendo cada uma das características, e o p-valor do Teste Exato de Fisher é apresentado na Tabela 35.

Tabela 39 - Frequência de cada características em cada falante e p-valor do respectivo Teste Exato de Fisher

car	falante	Sim	Não	p
BONITO	Falante 1	6 (17.14%)	29 (82.86%)	0.777
BONITO	Falante 2	8 (22.86%)	27 (77.14%)	
BONITO	Falante 3	5 (14.29%)	30 (85.71%)	
BONITO	Falante 4	8 (22.86%)	27 (77.14%)	
ESTRANGEIRO	Falante 1	10 (28.57%)	25 (71.43%)	0.644
ESTRANGEIRO	Falante 2	13 (37.14%)	22 (62.86%)	
ESTRANGEIRO	Falante 3	15 (42.86%)	20 (57.14%)	
ESTRANGEIRO	Falante 4	11 (31.43%)	24 (68.57%)	
CRIOULO AFRANCESADO	Falante 1	17 (48.57%)	18 (51.43%)	0.097
CRIOULO AFRANCESADO	Falante 2	20 (57.14%)	15 (42.86%)	
CRIOULO AFRANCESADO	Falante 3	21 (60%)	14 (40%)	
CRIOULO AFRANCESADO	Falante 4	27 (77.14%)	8 (22.86%)	
FÈ SIRÈT	Falante 1	1 (2.86%)	34 (97.14%)	0.048
FÈ SIRÈT	Falante 2	7 (20%)	28 (80%)	
FÈ SIRÈT	Falante 3	7 (20%)	28 (80%)	
FÈ SIRÈT	Falante 4	2 (5.71%)	33 (94.29%)	
HAITIANO	Falante 1	23 (65.71%)	12 (34.29%)	0.107
HAITIANO	Falante 2	14 (40%)	21 (60%)	
HAITIANO	Falante 3	14 (40%)	21 (60%)	
HAITIANO	Falante 4	18 (51.43%)	17 (48.57%)	
IDOSO	Falante 1	8 (22.86%)	27 (77.14%)	0.345
IDOSO	Falante 2	4 (11.43%)	31 (88.57%)	
IDOSO	Falante 3	3 (8.57%)	32 (91.43%)	

IDOSO	Falante 4	7 (20%)	28 (80%)	
INTELECTUAL	Falante 1	26 (74.29%)	9 (25.71%)	0.777
INTELECTUAL	Falante 2	26 (74.29%)	9 (25.71%)	
INTELECTUAL	Falante 3	24 (68.57%)	11 (31.43%)	
INTELECTUAL	Falante 4	28 (80%)	7 (20%)	
JOVEM	Falante 1	21 (60%)	14 (40%)	0.200
JOVEM	Falante 2	20 (57.14%)	15 (42.86%)	
JOVEM	Falante 3	25 (71.43%)	10 (28.57%)	
JOVEM	Falante 4	16 (45.71%)	19 (54.29%)	
METIDO	Falante 1	4 (11.43%)	31 (88.57%)	0.576
METIDO	Falante 2	2 (5.71%)	33 (94.29%)	
METIDO	Falante 3	5 (14.29%)	30 (85.71%)	
METIDO	Falante 4	6 (17.14%)	29 (82.86%)	
NACIONALISTA	Falante 1	16 (45.71%)	19 (54.29%)	0.310
NACIONALISTA	Falante 2	14 (40%)	21 (60%)	
NACIONALISTA	Falante 3	9 (25.71%)	26 (74.29%)	
NACIONALISTA	Falante 4	15 (42.86%)	20 (57.14%)	
POLÍTICO	Falante 1	13 (37.14%)	22 (62.86%)	0.433
POLÍTICO	Falante 2	16 (45.71%)	19 (54.29%)	
POLÍTICO	Falante 3	15 (42.86%)	20 (57.14%)	
POLÍTICO	Falante 4	20 (57.14%)	15 (42.86%)	
RELIGIOSO	Falante 1	6 (17.14%)	29 (82.86%)	0.967
RELIGIOSO	Falante 2	8 (22.86%)	27 (77.14%)	
RELIGIOSO	Falante 3	8 (22.86%)	27 (77.14%)	
RELIGIOSO	Falante 4	7 (20%)	28 (80%)	

Figura 40 - Frequência de cada características em cada falante



A seguir, seguem as mesmas análises, agora comparando os falantes em relação aos itens na escala Likert. Primeiro apresentamos as frequências de cada resposta do item em cada item. Depois, aplicamos o Teste Exato de Fisher a fim de determinar se as frequências das categorias dos respectivo item não são iguais em todos os falantes. O p-valor do teste está na legenda da respectiva tabela.

Figura 41 - Frequência das respostas de cada item em cada falante

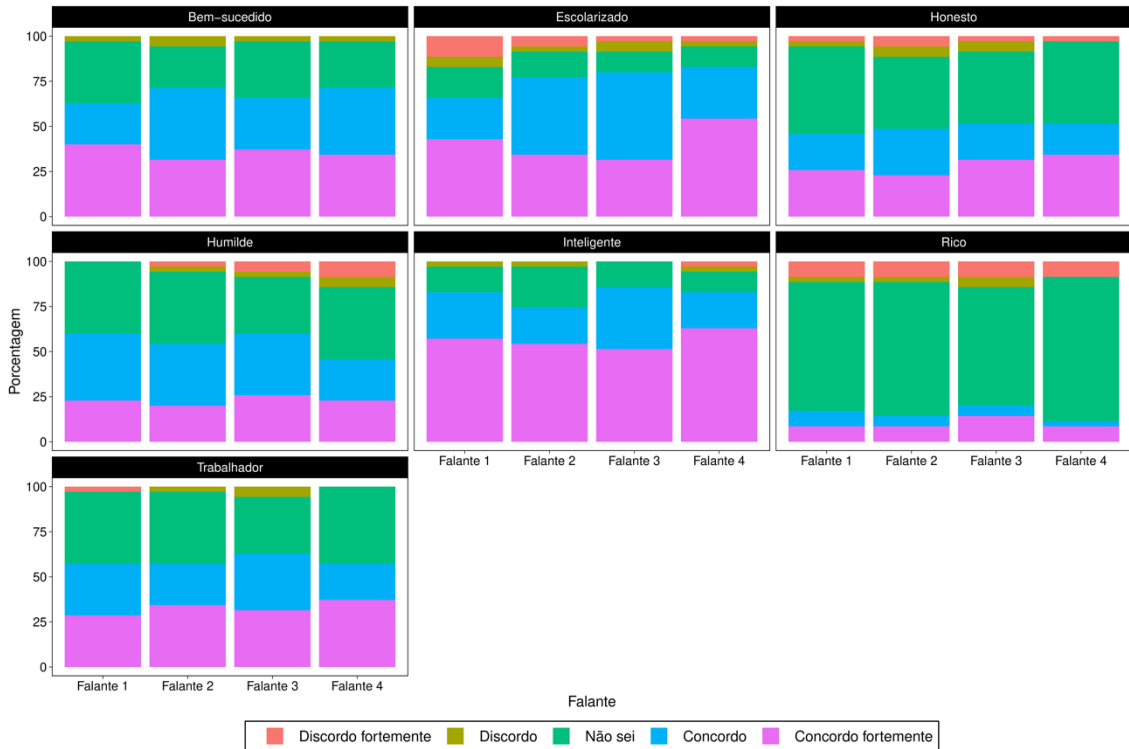


Tabela 40 - Frequência das variáveis Falante e Item Inteligente na amostra ($p = 0.841$)

	Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente	Total
Falante 1	0 (0%)	1 (2.9%)	5 (14.3%)	9 (25.7%)	20 (57.1%)	35 (25%)
Falante 2	0 (0%)	1 (2.9%)	8 (22.9%)	7 (20%)	19 (54.3%)	35 (25%)
Falante 3	0 (0%)	0 (0%)	5 (14.3%)	12 (34.3%)	18 (51.4%)	35 (25%)
Falante 4	1 (2.9%)	1 (2.9%)	4 (11.4%)	7 (20%)	22 (62.9%)	35 (25%)
Total	1 (0.7%)	3 (2.1%)	22 (15.7%)	35 (25%)	79 (56.4%)	140 (100%)

Tabela 41 - Frequência das variáveis Falante e Item Honesto na amostra ($p = 0.971$)

	Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente	Total
Falante 1	1 (2.9%)	1 (2.9%)	17 (48.6%)	7 (20%)	9 (25.7%)	35 (25%)
Falante 2	2 (5.7%)	2 (5.7%)	14 (40%)	9 (25.7%)	8 (22.9%)	35 (25%)
Falante 3	1 (2.9%)	2 (5.7%)	14 (40%)	7 (20%)	11 (31.4%)	35 (25%)
Falante 4	1 (2.9%)	0 (0%)	16 (45.7%)	6 (17.1%)	12 (34.3%)	35 (25%)
Total	5 (3.6%)	5 (3.6%)	61 (43.6%)	29 (20.7%)	40 (28.6%)	140 (100%)

Tabela 42 - Frequência das variáveis Falante e Item Escolarizado na amostra ($p = 0.523$)

	Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente	Total
Falante 1	4 (11.4%)	2 (5.7%)	6 (17.1%)	8 (22.9%)	15 (42.9%)	35 (25%)
Falante 2	2 (5.7%)	1 (2.9%)	5 (14.3%)	15 (42.9%)	12 (34.3%)	35 (25%)
Falante 3	1 (2.9%)	2 (5.7%)	4 (11.4%)	17 (48.6%)	11 (31.4%)	35 (25%)
Falante 4	1 (2.9%)	1 (2.9%)	4 (11.4%)	10 (28.6%)	19 (54.3%)	35 (25%)
Total	8 (5.7%)	6 (4.3%)	19 (13.6%)	50 (35.7%)	57 (40.7%)	140 (100%)

Tabela 43 - Frequência das variáveis Falante e Item Rico na amostra ($p = 0.986$)

	Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente	Total
Falante 1	3 (8.6%)	1 (2.9%)	25 (71.4%)	3 (8.6%)	3 (8.6%)	35 (25%)
Falante 2	3 (8.6%)	1 (2.9%)	26 (74.3%)	2 (5.7%)	3 (8.6%)	35 (25%)
Falante 3	3 (8.6%)	2 (5.7%)	23 (65.7%)	2 (5.7%)	5 (14.3%)	35 (25%)
Falante 4	3 (8.6%)	0 (0%)	28 (80%)	1 (2.9%)	3 (8.6%)	35 (25%)
Total	12 (8.6%)	4 (2.9%)	102 (72.9%)	8 (5.7%)	14 (10%)	140 (100%)

Tabela 44 - Frequência das variáveis Falante e Item Trabalhador na amostra ($p = 0.851$)

	Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente	Total
Falante 1	1 (2.9%)	0 (0%)	14 (40%)	10 (28.6%)	10 (28.6%)	35 (25%)
Falante 2	0 (0%)	1 (2.9%)	14 (40%)	8 (22.9%)	12 (34.3%)	35 (25%)
Falante 3	0 (0%)	2 (5.7%)	11 (31.4%)	11 (31.4%)	11 (31.4%)	35 (25%)
Falante 4	0 (0%)	0 (0%)	15 (42.9%)	7 (20%)	13 (37.1%)	35 (25%)
Total	1 (0.7%)	3 (2.1%)	54 (38.6%)	36 (25.7%)	46 (32.9%)	140 (100%)

Tabela 45 - Frequência das variáveis Falante e Item Humilde na amostra ($p = 0.858$)

	Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente	Total
Falante 1	0 (0%)	0 (0%)	14 (40%)	13 (37.1%)	8 (22.9%)	35 (25%)
Falante 2	1 (2.9%)	1 (2.9%)	14 (40%)	12 (34.3%)	7 (20%)	35 (25%)
Falante 3	2 (5.7%)	1 (2.9%)	11 (31.4%)	12 (34.3%)	9 (25.7%)	35 (25%)
Falante 4	3 (8.6%)	2 (5.7%)	14 (40%)	8 (22.9%)	8 (22.9%)	35 (25%)
Total	6 (4.3%)	4 (2.9%)	53 (37.9%)	45 (32.1%)	32 (22.9%)	140 (100%)

Tabela 46 - Frequência das variáveis Falante e Item Bem-Sucedido na amostra ($p = 0.913$)

	Discordo fortemente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo fortemente	Total
Falante 1	0 (0%)	1 (2.9%)	12 (34.3%)	8 (22.9%)	14 (40%)	35 (25%)
Falante 2	0 (0%)	2 (5.7%)	8 (22.9%)	14 (40%)	11 (31.4%)	35 (25%)
Falante 3	0 (0%)	1 (2.9%)	11 (31.4%)	10 (28.6%)	13 (37.1%)	35 (25%)
Falante 4	0 (0%)	1 (2.9%)	9 (25.7%)	13 (37.1%)	12 (34.3%)	35 (25%)
Total	0 (0%)	5 (3.6%)	40 (28.6%)	45 (32.1%)	50 (35.7%)	140 (100%)

No capítulo seguinte, fazemos a discussão geral do nosso tema e dos resultados.

6 Fundamentação teórica e discussão dos resultados

6.1 Introdução

Após termos elaborado nossa hipótese (Capítulo 3), delineado uma metodologia (Capítulo 4), e apresentado objetivamente os resultados (Capítulo 5), chega o momento de discutir os nossos achados.

Antes de discutirmos propriamente os resultados obtidos, faremos algumas considerações gerais acerca da nossa posição metodológica para trabalhar com a Fonética e a Fonologia e do modelo teórico com o qual escolhemos trabalhar. Nosso objetivo aqui não é o de dissertar longamente acerca de questões teóricas, mas apenas apresentar o modelo teórico adotado por nós, que acreditamos dar conta do fenômeno selecionado como nosso objeto de pesquisa. Uma vez feitas as considerações gerais, partiremos para a discussão dos resultados que obtivemos, que foram reunidos no capítulo anterior.

6.2 Fonologia de Laboratório e Sociofonética

Acreditamos que nossa visão sobre a relação Fonética-Fonologia já tenha ficado evidente, ainda que não tenhamos abordado esse assunto diretamente. Em todo caso, aqui queremos discorrer sobre isso, a fim de nos posicionarmos a esse respeito.

Perdurou por um bom tempo, especialmente após Trubetzkoy (1939), a separação estrita da Fonética e da Fonologia. Essas disciplinas passaram a desenvolver-se independentemente, a Fonética sempre ocupada com a verificação empírica de medidas, e a Fonologia cada vez mais abstrata.

O cenário começa a mudar entre o final da década de 1980 e o começo da década de 1990 quando um grupo de foneticistas passa a se interessar por Fonologia. Em junho de 1987, John Kingston (Universidade de Massachusetts em Amherst) e Mary Beckman (Ohio State University) organizam o encontro *Conference on Laboratory Phonology* (Conferência sobre Fonologia de Laboratório), que em 1990 resulta no livro *Papers in Laboratory Phonology I: Between the Grammar and Physics of Speech* (Trabalhos em Fonologia de Laboratório: entre a gramática e a física da fala). Conforme comentam os Kingston e Beckman (1990, p. 1), os

trabalhos ali reunidos, ainda que tratem de assuntos dos mais diversos, “coletivamente lidam com uma questão mais geral, a da relação entre o componente fonológico e o componente fonético”. Fonética e Fonologia passam a se (re)aproximar.

Rompendo com a tradição da separação dessas disciplinas, passa-se a considerar a importância de integrar as duas disciplinas. Não se trata de uma nova teoria fonológica que começou a surgir, mas sim uma posição metodológica que passou a ser adotada frente ao tratamento de dados fonético-fonológicos. Passa-se a entender e a dar atenção para a importância do método experimental na investigação de processos fonológicos.

A posição adotada por nós nesse trabalho é exatamente essa: fonética e fonologia precisam andar juntas para o avanço do conhecimento do sistema sonoro de uma língua. O que vimos no Capítulo 2, ao percorrer a literatura que descreve o sistema fonológico do crioulo haitiano, é que a descrição do crioulo haitiano parou no tempo. Tudo o que temos são descrições impressionísticas que carecem de alicerce instrumental e experimental. Daí é que surge nossa motivação para o estudo experimental que apresentamos aqui.

Nosso estudo adota os princípios da Fonologia de Laboratório, e ao mesmo tempo lida com questões que têm sido estudadas na área da Sociolinguística. Desse modo, entendemos que estamos inseridos também no campo da Sociofonética.

Baranowski (2013, p. 403) comenta que o termo “sociofonética” se refere à interface da Sociolinguística com a Fonética e especificamente ao uso dos métodos fonéticos modernos na análise quantitativa da variação e mudança linguística”. Análise instrumental, como a análise acústica e articulatória, bem como experimentos de percepção, fazem parte dos estudos sociofonéticos.

Esclarecidos esses pontos, é preciso comentarmos o modelo teórico que adotamos aqui.

6.3 Fonologia nos Modelos de Exemplos

As muitas teorias fonológicas que existem têm como objetivo principal explicar como está organizado abstratamente o conhecimento acerca dos sons usados em uma determinada língua. Em teorias tradicionais, como em Chomsky e Halle (1968), entende-se que a fonologia opera com um número relativamente pequeno de formas subjacentes que passam por regras fonológicas que são aplicadas serialmente – processos como apagamento, assimilação etc. – até

chegarem a uma forma superficial, a pronúncia efetiva. Em modelos assim, presume-se que o conhecimento fonológico conta pouco com a capacidade da memória, em vez disso tudo se explica por computações abstratas econômicas.

O modelo que adotamos aqui está bastante afastado de teorias fonológicas mais tradicionais. A seguir vamos entender as bases dos Modelos de Exemplos para a explicação do conhecimento fonológico. Não temos o objetivo de adentrar minuciosamente em discussões teóricas, mas nos concentraremos especialmente na questão da indexação social que é contemplada nesse modelo, e não levada em conta em muitos outros.

Em primeiro lugar, queremos esclarecer qual é o *background* do que aqui chamamos de “Modelos de Exemplos”. Note que não usamos “Teoria dos Exemplos”, pois não há uma única “teoria fonológica de exemplos”, mas um modelo geral que trata de explicar a capacidade e funcionamento da memória humana (cf. BADDELEY, 1997; COHEN; NOSOFSKY; ZAKI, 2001; NEATH; FARLEY; SURPRENANT, 2003; NOSOFSKY, 1986, 1988, 1991; TULVING; CRAIK, 2000). Modelos baseados em exemplos já têm sido considerados há pelo menos 100 anos, e permanecem em vigor na área da psicologia cognitiva. Visto que esses modelos já demonstraram convincentemente que existe uma “memória baseada em exemplos”, podemos também empregá-los para entender e teorizar sobre experiência do falante/ouvinte com relação aos sons de sua língua.

Johnson (2007, pp. 26, 29) descreve a abordagem fonológica que se serve desses modelos da seguinte maneira:

Teorias baseadas em exemplos podem ser usadas para aumentar nossa compreensão da linguagem a partir de uma perspectiva ecológica, fornecendo uma estrutura dentro da qual podemos explicar generalizações sobre os sistemas sonoros das línguas, incorporando fenômenos como deriva histórica e variação contextual nos detalhes fonéticos. (...) A abordagem baseada em exemplos está mais particularmente preocupada com o embasamento cognitivo do conhecimento fonológico. (...) A abordagem baseada em exemplos situa a linguagem em um modelo cognitivo da memória humana, presumindo que as pessoas usam um sistema de memória baseado em exemplos para armazenar detalhes fonéticos. Generalizações são então computadas pelo interlocutor de maneira flexível, sob demanda, sobre um grande armazém de exemplos fonéticos. (Tradução nossa.)⁷⁰

⁷⁰ Trecho original: “*Exemplar-based theories may be used to increase our understanding of language from an ecological perspective by providing a framework within which we can account for generalizations in language sound systems while incorporating phenomena such as historical drift and contextual variation in phonetic detail. (...) [T]he exemplar-based approach is concerned more particularly with the cognitive grounding of phonological knowledge. (...) [E]xemplar-based approach situates language in a cognitive model of human memory by*

Nos modelos de exemplares a experiência do falante é levada em conta. Entende-se que o uso linguístico impacta diretamente a representação cognitiva da língua. Muito distante dos modelos estruturalista e gerativista, propõe-se que a memória das experiências do falante, que embasam as representações linguísticas, seja bastante detalhada. Assim, enquanto boa parte dos modelos teóricos acerca da linguagem humana ignoram, ou diminuem a importância, de redundâncias e da variação de modo geral, os Modelos de Exemplares postulam uma memória rica em detalhes de todo o tipo. Frisch (2017), ao introduzir os Modelos de Exemplares em fonologia, nos convida a pensar no seguinte exemplo: quando queremos reler uma determinada passagem de um texto, além de algumas palavras-chave, é possível que nos lembremos de onde na página aquela passagem estava; talvez mais em cima, ou mais embaixo, logo abaixo ou acima de um subtítulo; ou seja, ainda que tais detalhes contextuais não estejam diretamente ligados à informação linguística, nós, de alguma maneira, registramos essas informações. Com isso, Frisch (2017) explica: “no decorrer de múltiplas experiências, uma covariação significativa se tornará parte do conhecimento daquela categoria, e covariação insignificante será apenas ruído que não importa”.

Cristóvão-Silva e Gomes (2020) resumem Bybee (2013) na definição exemplares que são:

- a. Categorias formadas a partir de ocorrências da experiência do falante que são percebidas como sendo as mesmas e que contêm informação dos contextos de uso;
- b. Organizados em um mapa cognitivo com base na similaridade entre eles;
- c. De qualquer tipo: fonético, sintático e semântico;
- d. Dinâmicos, sendo atualizados em função dos eventos de uso, isto é, mudam no indivíduo e não entre gerações.

Então como a fonologia baseada em exemplares explica o armazenamento da experiência fonológica? Bem, esses modelos presumem que cada *token*⁷¹ de experiência, tem impacto no armazenamento e organização de itens linguísticos. Um exemplar é constituído de um conjunto de *tokens* que são agrupados com outros já experienciados que são similares. Cada

assuming that people use an exemplar-based memory system to store phonetic details. Generalizations then are computed by the talker flexibly on-demand over this large store of phonetic exemplars.”

⁷¹ Entenda-se “*token*” como “ocorrência”. Voltaremos a isso mais adiante.

forma fonética distinta de uma palavra, por exemplo, é então armazenada na memória como exemplar. A cada nova experiência do falante/ouvinte, os *tokens* que são iguais ou similares aos já armazenados são mapeados ao *cluster* desses exemplares, e os reforçam. Junto a essas formas estão também seus significados, inferência, e outros aspectos relevantes para o significado. Algumas vezes, certas formas são associadas com contextos bem específicos de uso. Na maior parte dos casos, uma palavra é representada como um conjunto de exemplares fonéticos mais reforçados e variantes que fazem parte da experiência de um indivíduo. Esses são também diretamente associados, por exemplo, com um conjunto de significados.

Muito importante para os Modelos de Exemplares são os efeitos de frequência nas línguas. Estudos quantitativos já demonstraram suficientemente que palavras de alta frequência passam mais por mudanças, como reduções, do que palavras de baixa frequência (cf. BYBEE, 2002; HAY; BRESNAN, 2006; LABOV, 1994; MOONWOMON, 1992). Bybee (2001, pp. 10, 11) diferencia dois tipos de contagem de frequência aplicáveis à experiência linguística: frequência de ocorrência (*token frequency*) e frequência de tipo (*type frequency*).

Frequência de ocorrência tem a ver com a quantidade de ocorrência de uma unidade, como uma palavra, em uma amostra de texto, um *corpus*, por exemplo. Frequência de tipo, por outro lado, refere-se à recorrência de um determinado padrão estrutural. Olhar para essas questões, em um *corpus*, por exemplo, nos ajuda a entender questões de uso de itens específicos e nos permite discutir os fenômenos observados neles, como redução vocálica, apagamentos etc., com base no uso. Bybee (2001) defende e aborda em detalhes como o uso linguístico deve ser levado em conta na construção de teorias linguísticas. Nós compartilhamos dessa mesma abordagem.

Visto que não nos propusemos a um estudo de produção, mas de percepção, não teremos condições de adentrar com profundidade em questões como as que mencionamos acima. Igualmente, não adentramos em outras questões e discussões que fazem parte dos Modelos de Exemplares. Por exemplo, não abordamos a questão da limitação de memória que é uma das primeiras críticas em relação aos Modelos de Exemplares. O que podemos dizer é que essa discussão já foi bastante desenvolvida por muitos pesquisadores, não apenas da Linguística, e não é, na verdade, um problema. Nossa memória é exponencialmente muito mais rica do que se supunha. Recomendamos, sobretudo, Johnson (2007) para uma visão mais abrangente dos Modelos de Exemplares, e esclarecimentos como esses relativos à nossa capacidade de memória – que, enfatizamos: é muito maior do que se imaginava!

Queremos, agora, nos concentrar especialmente num aspecto que se relaciona diretamente à nossa proposta de investigação: a integração da indexação social à fonologia.

6.3.1 Fonologia e indexação social

Visto que, como vimos, os Modelos de Exemplos tratam da capacidade humana da memória de maneira geral, não apenas linguística, podemos desde já entender que as experiências de toda natureza que temos são vistas como tendo uma relação direta umas com as outras. Vou copiar aqui a comparação que Johnson (2007) faz das possíveis abordagens para com os sistemas linguísticos. Veja a folha de árvore retratada na Figura 42.

Figura 42 - Folha de árvore



Fonte: Johnson (2007).

Olhando para as estruturas de uma folha como essa, podemos nos concentrar nas regularidades geométricas dessa estrutura e explicá-la a partir de um formalismo matemático, ou então ampliar nosso olhar e perceber que essa folha faz parte de uma floresta, um sistema diverso formado de outros sistemas que se complementam, de água, luz, plantas e insetos.

Retomamos essa comparação porque ela nos ajuda a lembrar de algo que tem sido ignorado por modelos que se centram no formalismo matemático das coisas. Esses modelos têm deixado de lado o fato de que línguas funcionam em contextos sociais, e variam sistematicamente em diferentes contextos comunicativos e em correlação com os históricos, as

experiências, dos falantes/ouvintes (cf. FOULKES, 2010). Aqui, adotamos a visão ecológica, como diz Johnson (2007), de olhar para o todo. Nós hipotetizamos no Capítulo 3 acerca de relações de indexação social que estariam atreladas às vogais anteriores arredondadas do crioulo haitiano. Vejamos um pouco mais sobre o que entendemos por indexação social.

De maneira direta, podemos dizer que traços indexicais (ou indiciais) da fala são aspectos da estrutura linguística que se correlacionam com fatores não linguísticos. Tais fatores incluem diferenças de sexo, idade, *status* socioeconômico, etnicidade, identidade individual, entre outros. Também podem ser aspectos de variabilidade intrafalantes relacionados a atitudes, emoções, estilo (cf. ABERCROMBIE, 1967). O tópico “indexicalidade” tem sido já por muitos anos discutido dentro da Sociolinguística e da Antropologia. E a relação entre forma linguística e categoria social muitas vezes não são de fácil definição e/ou demonstração (cf. OCHS, 1991; SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008).

Combinando o que vimos a respeito dos Modelos de Exemplares com a nossa intenção de investigar uma questão de indexação social, vemos que essa relação é totalmente compatível. Exemplares incluem detalhes fonéticos, mas também muitos outros detalhes que acompanham as formas linguísticas, como fatores sociais. A Sociolinguística já tem nos mostrado há tempos que falantes tem considerável consciência de quais formas são associadas com determinados falantes e situações particulares (cf. LABOV, 1966).

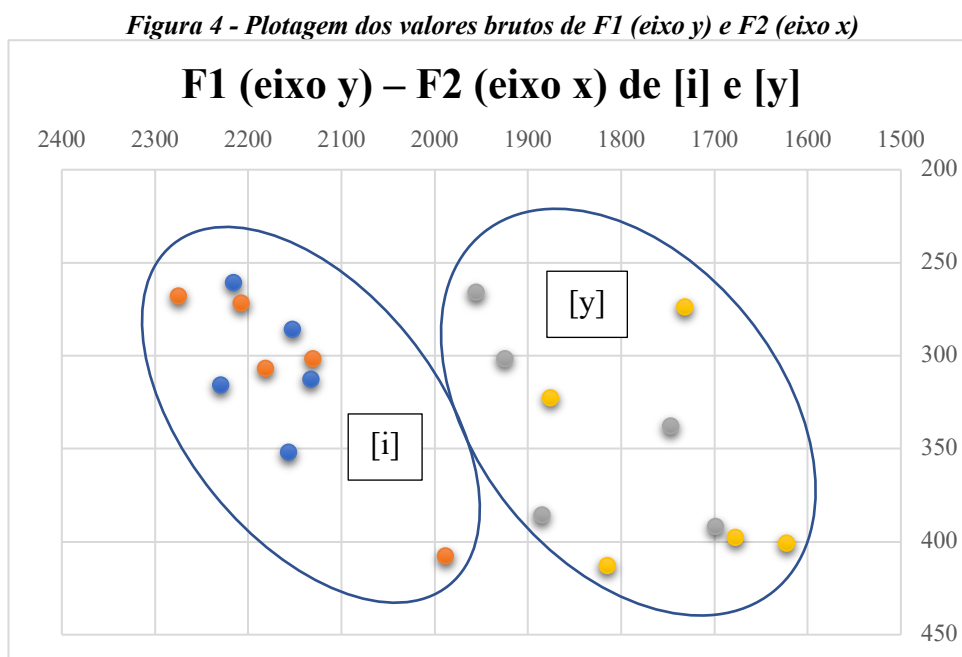
Como salientam Foulkes e Docherty (2006), modelos fonológicos gerativistas carecem de um mecanismo que dê conta de explicar questões de indexação social. Por outro lado, num modelo fonológico baseado em exemplares, a indexicalidade é inerente. Esse modelo proporciona uma maneira de explicar a aquisição linguística e o conhecimento sociolinguístico ao mesmo tempo. Os achados recentes da Sociolinguística sugerem que crianças aprendem distribuições sociolinguísticas bem cedo, e constantemente internalizam novas informações sobre a indexação social das variantes.

Tendo introduzido essas questões, agora resta olhar para os nossos dados e, a depender do que eles nos mostrarem, aprofundar mais a discussão e aplicação do Modelo de Exemplares para eles.

6.4 A discussão dos nossos dados

A fim de testar nossa hipótese (ver Capítulo 3) de que falantes que usam vogais arredondadas seriam percebidos diferentemente dos que não usam vogais arredondadas, preparamos os estímulos de áudio (ver Capítulo 4).

Os áudios obtidos dos quatro falantes haitianos foram inspecionados acusticamente para que garantíssemos – por meio dos valores de F1, F2 e F3 – que o contraste [i] vs [y] estava presente nos estímulos. A plotagem dos valores brutos das médias de F1, F2 e F3 resultam na Figura 4, apresentada no Capítulo 5, que repetimos aqui.



Legenda: Azul = Falante 1; Laranja = Falante 2; Cinza = Falante 3; Amarelo = Falante 4.

Como esperado, vemos que se formam dois grupos, sendo o da direita com valores de F2 inferiores aos do da esquerda, o que é esperado para vogais anteriores arredondadas. Para fins de comparação, confira também os valores de F3 (Tabela 1, Tabela 2, Tabela 3, Tabela 4), apresentados no capítulo anterior.

Após a verificação dos estímulos, prosseguimos com a aplicação dos questionários. Conseguimos recolher 35 respostas no total. No Capítulo 5 apresentamos todos os resultados relativos à estatística descritiva e inferencial dos dados obtidos. Aqui, voltamos a nossa atenção à análise inferencial (Teste Exato de Fisher), conforme apresentada no Capítulo 5 (ver Tabela 39 até a Tabela 47 e Figura 40 e Figura 41).

Olhando para os resultados, vemos que houve diferença estatisticamente significativa, a uma significância estatística de 5%, entre as avaliações dos falantes apenas em

relação a característica *fè sirèt*⁷². Veja na Tabela 47 os falantes 1 e 4 quando comparados aos falantes 2 e 3.

Tabela 47 - Frequência de Fè Sirèt em cada falante e p-valor do respectivo Teste Exato de Fisher

FÈ SIRÈT	Falante 1	1 (2.86%)	34 (97.14%)	p-valor = 0.048
FÈ SIRÈT	Falante 2	7 (20%)	28 (80%)	
FÈ SIRÈT	Falante 3	7 (20%)	28 (80%)	
FÈ SIRÈT	Falante 4	2 (5.71%)	33 (94.29%)	

Diante dos resultados obtidos, poderíamos argumentar que não há as relações hipotetizadas no Capítulo 3 entre as vogais arredondadas e os significados sociais sugeridos. No entanto, os muitos fatores contextuais da aplicação do experimento nos levam a outra interpretação, conforme explicaremos adiante.

No Capítulo 4 relatamos as dificuldades que encontramos para obter as respostas à distância, o que fez com que fôssemos obtê-las pessoalmente. A experiência que tivemos com a coleta dos dados nos fez entender o porquê da dificuldade em obter os dados à distância: o baixíssimo letramento digital da população selecionada. Isso ficou bastante evidente em vários momentos. Nossa primeira tentativa foi a de fazer com que cada um dos participantes preenchesse os questionários em seus próprios celulares, e nesse momento já experienciamos a dificuldade da maioria em abrir o *link* encurtado que lhes havia sido passado. Num segundo momento, usamos os aparelhos de que dispúnhamos (*desktop, notebook, tablet*), e a dificuldade em manusear esses aparelhos, como o *mouse*, foi bastante evidente. Tivemos de auxiliar a cada um de perto para que respondesse a todas as perguntas e depois clicassem em ‘próximo’ para passar para o estímulo seguinte. Em um terceiro momento, fizemos uso de questionários impressos. Nessa tentativa, alguns que, no dia anterior, tinham preferido não participar, espontaneamente se ofereceram para participar. Ainda assim, foi necessário que dispensássemos indivisa atenção no processo de preenchimento, porque, apesar de nossas instruções e demonstração clara – e em crioulo haitiano – do que deveria ser feito, muitos pulavam linhas e despercebiam que não haviam marcado alguma resposta. O esforço de nossa parte foi grande, mas foi possível coletar todas as respostas.

⁷² O conceito de *fè sirèt* foi discutido no Capítulo 3. Basicamente, trata-se de uma expressão empregada para sinalizar hipercorreção.

Nossa impressão geral é a de que o método que escolhemos não é o mais adequado, seja para a população específica com a qual trabalhamos, sejam para a cultura haitiana de maneira geral. Nós estamos – e já estávamos antes de prosseguir com a coleta de dados – a par da literatura sobre dificuldade metodológicas, especialmente as relatadas por pesquisadores que trabalham com línguas crioulas. Por exemplo, Sippola (2018) reúne diversas experiências sobre a coleta e análise de “dados crioulos”, às quais consideramos de grande consideração. Ali encontramos, inclusive, um relato específico de Valdman *et al.* (2015) que, ao fazer pesquisa sociolinguística sobre a variação morfológica da forma de terceira pessoa do singular no crioulo haitiano, relatou ter encontrado dificuldades bastante particulares: quando o pesquisador responsável por elicitar dados era um canadense de nível quase-nativo em crioulo haitiano, as formas desejadas não apareciam, os falantes se adaptavam; o que mudou drasticamente quando deram a um pesquisador de nacionalidade haitiana essa mesma tarefa. Por fim, a decisão foi a de excluir os dados elicitados pelo pesquisador canadense, e ficar apenas com as outras.

Visto que nossa intenção não era a de elicitar dados, presumimos que nossa influência não deveria ser motivo de grande preocupação. E ainda não acreditamos que tenha sido essa a questão no nosso caso, ao mesmo tempo que não a descartamos totalmente. O paradoxo do observador é real.

Um outro argumento que pode surgir para explicar nossos resultados é o uso de um trecho que fala sobre “literatura haitiana” e “história do Haiti”, ou seja, que o conteúdo do trecho pode ter guiado os julgamentos. Ao mesmo tempo que reconhecemos a validade desse argumento, afinal reconhecemos que *qualquer coisa* pode influenciar o julgamento, queremos esclarecer alguns pontos (cf. HAY; DRAGER, 2010). O primeiro ponto é o de que essa preocupação orientou nossa escolha de trecho. A escolha de um trecho para servir de estímulo é um trabalho árduo do pesquisador, afinal é necessário controlar uma série de coisas para que os trechos usados como estímulo difiram apenas na variável sob investigação. O trecho que selecionamos não tem conteúdo polêmico, o que seria indesejável. Em nossa explicação aos respondentes, dizíamos que eles ouviriam a leitura de um breve parágrafo. Essa informação específica foi dada com o intuito de sinalizar que não se tratava de pessoas falando sobre o assunto de conhecimento próprio, mas apenas executando a tarefa de ler um parágrafo.

Outro fator, que já nos preocupou no dia da aplicação dos questionários, foi o tempo dedicado ao preenchimento. Os que preencheram os questionários eletronicamente levaram em média 40 minutos para finalizar. Vários chegaram a passar de uma hora. Assim, não podemos desconsiderar a influência do cansaço mental. Nossa preocupação com essa questão sempre

esteve presente, e foi um dos fatores que pesou na hora de decidirmos pela simplificação da parte experimental que, inicialmente, visaria também investigar experimentalmente as vogais anteriores arredondadas média alta e média baixa.

Por último, é preciso comentar que, ao passarmos as respostas marcadas nos questionários impressos para o formulário eletrônico, nos deparamos com diversos casos de questionários preenchidos de maneira idêntica para todos os falantes.

Pomos em jogo a questão: não podemos concluir nada então? Sim, podemos. A seguir apresentamos algumas das nossas conclusões.

6.4.1 A que conclusão chegamos?

Vamos comentar aqui as nossas conclusões, e elas se dividem em duas conclusões gerais. Uma tem a ver com os resultados específicos do nosso experimento. Outra tem a ver com a questão central que tivemos como alvo investigar: qual é o lugar das vogais anteriores arredondadas na fonologia do crioulo haitiano?

Modernamente temos visto movimentos importantes em diversas áreas da ciência que têm trazido à tona considerações que não podem ser despercebidas. Pensamos especificamente nas reflexões sobre “sociedades WEIRD” (Ocidentais, Industrializadas, Escolarizadas, Ricas, Democráticas)⁷³ feitas dentro da psicologia, que têm repensado se os dados sobre os quais temos teorizado são representativos das sociedades que são sub-representadas nessas pesquisas (HENRICH; HEINE; NORENZAYAN, 2010). Mas é preciso pensar também nas metodologias que empregamos para a coleta de dados. Nessa linha, testes padronizados, testes como o que empregamos nesta pesquisa, podem não ser (e provavelmente não são) ideais para todas as culturas. Com isso, queremos apontar aqui que nossa conclusão é que muito provavelmente os desafios experienciados por nós não sejam particulares de alguma circunstância da nossa pesquisa, mas indiquem que esse tipo de investigação, por meio de questionários como o que construímos, não seja o mais adequado para a cultura haitiana. Pensamos que a falta de familiaridade com testes desse tipo ou alguma questão cultural relacionada à resistência de julgar explicitamente sejam a razão da dificuldade que encontramos. Nós não conseguiremos resolver essa questão aqui, mas a deixamos levantada

⁷³ Em inglês, *Western, Industrialized, Educated, Rich, Democratic* são as palavras que formam o anagrama WEIRD.

porque entendemos a importância de discussões dessa ordem serem feitas dentro da Linguística também.

Antes de passarmos à consideração da segunda questão, a que é nos é de maior interesse aqui, é preciso também esclarecer outra posição nossa frente à interpretação dos resultados que fazemos aqui. Ainda parece ser bastante infrequente a publicação sobre experimentos que não funcionaram como se esperava. As publicações são infrequentes, não os insucessos. Tais situações fazem parte do fazer científico, e devem ser relatadas. Sobre isso, Gaillard e Devin (2022) comentam:

[...] Insucessos são sistematicamente ignorados na academia. Toda a cultura da academia gira em torno de uma noção de progresso linear feita em saltos e limites por grandes pensadores, em vez da imagem mais realista da ciência como um processo contínuo de tentativa e erro. (Tradução nossa.)⁷⁴

Como parte de movimento contrário à prática que se tem perpetuado na academia de modo geral, inaugurou-se em 2020 o *Journal of Trial and Error (JOTE)*⁷⁵, cujo objetivo é o de reunir publicações sobre falhas em experimentos de toda natureza, visto que esse conteúdo é de relevância para o fazer científico. Aqui assumimos essa mesma postura, e entendemos que a experiência que relatamos aqui é uma das contribuições da nossa pesquisa. Agora devemos passar a comentar as conclusões acerca da nossa questão de fonologia.

Conforme apresentamos no Capítulo 3, nossa hipótese se levantou a partir das diversas menções que encontramos na literatura sobre a ocorrência das vogais anteriores arredondadas. Apesar de alguns classificarem a ocorrência dessas vogais como esporádicas, Alphonse-Fère (1977) argumenta, em desacordo com as descrições anteriores, que elas são frequentes. Uma vez selecionada essa questão como o foco desse trabalho, demos atenção às considerações de Schieffelin e Doucet (1994) sobre o debate que existe acerca dessas vogais e sua inclusão (ou exclusão) de representação ortográfica, cujos reais motivos não estão na mera escolha ortográfica, mas nas várias ideologias “herdadas” pelo Haiti da colonização francesa.

Durante a aplicação dos nossos testes de percepção, alguns participantes comentaram explicitamente conosco sobre o uso dessas vogais, ainda que não tenhamos dito nada a respeito do propósito específico da nossa pesquisa. Esses breves comentários eram do

⁷⁴ Trecho original: “[...] Failure is systematically ignored in academia. The entire culture of academia revolves around a notion of linear progress made in leaps and bounds by great thinkers, rather than the more realistic image of science as an ongoing process of trial and error.”

⁷⁵ Link: <https://archive.jtrialerror.com>

tipo: “ele disse ‘literat[y]’”, “ele disse ‘Etaz[y]ni’”. Ou seja, nossa variável foi notada e comentada. De nossa experiência com o crioulo haitiano nos últimos oito anos podemos confirmar que essas vogais são de fato percebidas. Não apenas o par [i y], mas também [e ø] e [ɛ œ].

Combinadas as indicações na literatura, a nossa vivência com haitianos, os áudios-estímulo usados, e os comentários metalinguísticos que ouvimos durante a aplicação do experimento, não nos resta dúvida de que essas vogais fazem parte da experiência linguística dos haitianos, e fazem parte do sistema fonológico do crioulo haitiano.

Tivemos aqui o objetivo de desvendar os potenciais significados sociais atrelados a essas vogais. Nosso experimento, no entanto, não foi capaz de captar tais significados sociais, o que não quer dizer que eles não existam. Tampouco foi possível aprofundar a aplicação do modelo fonológico por nós adotado, dado o nosso entendimento de que a metodologia adotada não foi satisfatória para a nossa população. Fica, portanto, registrada aqui a necessidade de nos debruçarmos novamente sobre esse mesmo tema tão logo quanto seja possível. Mas, como fazer isso? Fornecemos algumas reflexões.

6.5 Reflexões finais

Nosso estudo teve o objetivo de olhar o lado da percepção sociolinguística. No entanto, a questão com que lidamos aqui também precisa ser estudada do ponto de vista da produção. Estudos de produção podem nos levar a entender questões outras que não entraram em consideração aqui, e podem nos guiar na elaboração metodológica para investigação das atitudes sociolinguísticas para com o fenômeno de interesse.

Seja um futuro estudo de percepção precedido ou não de um de produção, queremos também enfatizar que a necessidade de condução de entrevistas sociolinguísticas prévias ao experimento, com vistas a eliciar metacomentários a respeito da variável em questão. Entrevistas dessa natureza podem nos fazer enxergar questões que farão a total diferença na elaboração de um método experimental para a avaliação das atitudes sociolinguísticas que nos são de interesse entender e descrever. Ainda que nós tenhamos levado em conta metacomentários que experienciamos ao longo da nossa convivência com algumas comunidades haitianas aqui no Brasil, entrevistas mais sistemáticas são sempre desejáveis.

Por fim, para lidar experimentalmente com a questão das avaliações/atitudes/percepções acerca das vogais anteriores arredondadas, sugerimos que se testem dois procedimentos: (1) empregar uma metodologia que consiga verificar diferentes reações de maneira mais implícita, como, por exemplo, com técnicas de rastreamento ocular; (2) uma metodologia que force avaliações explícitas, como tarefas em que os participantes teriam de atribuir uma determinada característica a apenas um dos estímulos. O melhor é que se façam as duas. E esse é o desafio que propomos a nós mesmos para investigações futuras, visto que esse estudo não se encerra aqui.

Considerações finais

Nosso caminho até aqui passou por diversas questões que, de uma forma ou outra, estão relacionadas à questão principal que foi objeto de nossa investigação. Ao chegar à conclusão, torna-se importante lembrar os pontos principais da nossa jornada, a fim de reafirmá-los ao mesmo tempo em que resumimos nossas contribuições. Fazemos isso também com o intuito de “costurar”, por assim dizer, nossas ideias, resumindo-as para ajudar o leitor a ver claramente seu começo, meio e fim.

Começamos esta dissertação tocando em feridas. Essas feridas têm a ver com o tratamento tradicional das línguas rotuladas “crioulas”, tratamentos esses que têm sido cada vez mais questionados. Além de apresentar ao leitor o histórico do que tem sido chamado “o debate crioulo” (cf. McWHORTER, 2018), procuramos ponderar sobre os reflexos da tradição da crioulistica na descrição dessas línguas. Nossa conclusão é a de que adotar uma visão excepcionalista para as línguas crioulas tem impacto na descrição dessas línguas. Mais do que isso: contribui para que seja perpetuada a imagem de exotismo associada a essas línguas. Nós reconhecemos aqui a importância do trabalho de muitos pesquisadores que têm investigado as línguas crioulas, mesmo que sob um olhar mais tradicional de que essas línguas, se não excepcionais, são ao menos “distintas das não crioulas”, nas palavras de Bakker (2014). Ainda assim, precisamos dizer: atenção deve ser dada às críticas às tradições da crioulistica. E é preciso revisitar nossos dados com base nessas críticas.

Aqui assumo a primeira pessoa do singular, e me coloco como alguém que primeiro aprendeu uma língua crioula e depois foi se inteirar de todo o debate. Não se pode concordar com que os livros de introdução à Linguística, como Dixon (2010, p. 21), ensinem que “os crioulos têm menor poder comunicativo do que línguas não crioulas”. Precisamos *romper a transmissão* dessas ideias.

No Capítulo 2, pudemos como que passear pelas descrições disponíveis da fonologia do crioulo haitiano. Essas referências são as únicas que até hoje são usadas em trabalhos que estudam o crioulo haitiano com outros objetivos que o não o da descrição dessa língua. Por exemplo, um linguista que queira conduzir estudos sobre a aquisição do crioulo haitiano como L2, ou de falantes de crioulo haitiano como L2 ainda usam esses trabalhos. O problema é que a descrição parou no tempo e não acompanhou os avanços teórico-

metodológicos da Linguística como um todo. Isso precisa mudar. A quem quiser se dedicar a alguma das questões que levantei nesse trabalho, já fica meu agradecimento.

No Capítulo 3 comentamos a respeito das heranças deixadas pelo colonialismo que se refletem na língua. Lá vimos que o uso específico das vogais anteriores arredondadas é um potencial índice de prestígio social. No Capítulo 4, delineamos os passos metodológicos para tentar captar experimentalmente essa questão. No Capítulo 5 podem ser vistos os resultados, que foram discutidos no Capítulo 6. E os resultados mostraram o quê? Bem, tivemos de interpretar nossos resultados à luz de todas as circunstâncias que se apresentaram, não apenas do que eles indicaram. Assim também se deve fazer com as línguas. Devemos olhar todo o quadro, do contrário, nossos resultados podem ser enganosos.

Fica aqui nosso compromisso de voltar a abordar a questão principal levantada, e as muitas outras. Termina aqui uma etapa, mas já começa outra.

Bibliografia

- ABERCROMBIE, D. **Elements of General Phonetics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- ABOH, E.; DEGRAFF, M. A Null Theory of Creole Formation Based on Universal Grammar. Em: ROBERTS, I. (Ed.). **The Oxford Handbook of Universal Grammar**. [s.l.] Oxford University Press, 2016. p. 400–458.
- ALPHONSE-FÉRÈRE, G. Affricates in Haitian Creole: a new solution. **Journal of the International Phonetic Association**, v. 5, n. 2, p. 81–83, dez. 1975.
- ALPHONSE-FÉRÈRE, G. Neglected front rounded phonemes in Haitian Creole. **Journal of the International Phonetic Association**, v. 7, p. 23–7, 1977.
- ALPHONSE-FÉRÈRE, G. Nasalized vowels and semiconsonants in Haitian Creole. **Journal of the International Phonetic Association**, v. 13, p. 76–81, 1983.
- ANNESTIN, A.-L. **Structure syllabique de l'haïtien et nasalisation**. [s.l.] Université du Québec à Montréal, 1987.
- ANSALDO, U.; MATTHEWS, S.; LIM, L. (EDS.). **Deconstructing Creole**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007. v. 73
- ARANTES, P. et al. Um estudo acústico dos ditongos centralizantes na fala carioca. **Working Papers em Linguística**, v. 19, n. 2, p. 6–34, 27 mar. 2019.
- BADDELEY, A. D. **Human Memory: Theory and Practice**. East Sussex: Psychology Press, 1997.
- BAKKER, D. **Language Sampling**. [s.l.] Oxford University Press, 2010.
- BAKKER, P. et al. Creoles are typologically distinct from non-creoles. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 26, n. 1, p. 5–42, 17 fev. 2011.
- BAKKER, P. Creolistics: Back to square one? **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 29, n. 1, p. 177–194, 27 fev. 2014.
- BALL, P.; GILES, H. Speech style and employment selection: the matched-guise technique. Em: **Social Psychology**. London: Macmillan Education UK, 1982. p. 101–122.
- BARANOWSKI, M. **Sociophonetics**. [s.l.] Oxford University Press, 2013. v. 1
- BAYARD, D. et al. Pax Americana? Accent attitudinal evaluations in New Zealand, Australia and America. **Journal of Sociolinguistics**, n. 5, p. 22–49, 2001.
- BICKERTON, D. **Roots of language**. Ann Harbor: Karoma, 1981.
- BICKERTON, D. Creole Languages. **Scientific American**, v. 249, n. 1, p. 116–122, jul. 1983.
- BICKERTON, D. The language bioprogram hypothesis. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 7, n. 2, p. 173–188, 4 jun. 1984.
- BICKERTON, D. Creole languages and the bioprogram. Em: NEWMAYER, F. J. (Ed.). **Linguistics: The Cambridge Survey**. [s.l.] Cambridge University Press, 1988. p. 268–284.
- BICKERTON, D. **Language and species**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- BICKERTON, D. How to acquire language without positive evidence: What acquisitionists can learn from Creoles. Em: DEGRAFF, M. (Ed.). **Language creation and language change: Creolization, diachrony and development**. [s.l.: s.n.].
- BICKERTON, D. **Bastard tongues: A trail-blazing linguist finds clues to our common humanity in the world's lowliest languages**. New York: Hill and Wang, 2008.
- BLASI, D. E.; MICHAELIS, S. M.; HASPELMATH, M. Grammars are robustly transmitted even during the emergence of creole languages. **Nature Human Behaviour**, v. 1, n. 10, p. 723–729, 4 out. 2017.

- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer**. , 2022.
- BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. [s.l.] Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, J. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and Change**, v. 14, n. 3, p. 261–290, 10 out. 2002.
- BYBEE, J. L. **Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions**. [s.l.] Oxford University Press, 2013. v. 1
- CADELEY, J.-R. Le statut des voyelles nasales en créole haïtien. **Lingua**, v. 112, p. 435–64, 2002.
- CADELY, J.-R. L'opposition /y/ : /w/ en créole haïtien: Un paradoxe résolu. **Canadian Journal of Linguistics**, v. 33, p. 121–142, 1988.
- CHAUDENSON, R.; MUFWENE, S. **Creolization of language and culture**. London: Routledge, 2001.
- CHOMSKY, A. N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, A. N. **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1982.
- CHOMSKY, A. N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.
- COHEN, A. L.; NOSOFSKY, R. M.; ZAKI, S. R. Category variability, exemplar similarity, and perceptual classification. **Memory & Cognition**, v. 29, n. 8, p. 1165–1175, dez. 2001.
- COMRIE, B.; MATTHEWS, S.; POLINSKY, M. (EDS.). **The Atlas of Languages: the origin and development of languages throughout the World**. New York: Facts on File, Inc., 1996.
- COUTO, H. H. **Contato interlinguístico: da interação à gramática**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares. Em: GOMES, C. A. (Ed.). **Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 13–36.
- D'ANS, M. A. **Le créole français d'Haïti. Etudes des unités d'articulation, d'expansion et de communication**. The Hague: Mouton, 1968.
- DEGRAFF, M. **Language Creation and Language Change: Creolization, Diachrony, and Development**. Cambridge: MIT Press, 1999.
- DEGRAFF, M. Against creole exceptionalism. **Language**, v. 79, p. 391–410, 2003.
- DEGRAFF, M. Linguists' most dangerous myth: The fallacy of Creole Exceptionalism. **Language in Society**, v. 34, n. 04, 17 out. 2005.
- DEGRAFF, M. **Black Lives Will Not Matter Until our Languages also Matter: The Politics of Linguistics and Education In Post-Colonies**. BrasilAbrain ao vivo - Linguists Online, , 2020.
- DEJEAN, Y. **Comment Écrire le Créole d'Haïti**. Québec: Collectif Paroles, 1980.
- DEJEAN, Y. Diglossia revisited: French and Creole in Haiti. **Word**, v. 34, p. 189–213, 1983.
- DEUBER, D.; LEUNG, G.-A. Investigating attitudes towards an emerging standard of English: Evaluations of newscasters' accents in Trinidad. **Multilingua**, v. 32, n. 3, 11 jan. 2013.
- DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory, Volume 1: Methodology**. Oxford: Oxford University Press, 2010. v. 1
- ECKERT, P. Variation and the indexical field1. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453–476, set. 2008.
- ELTIS, D. et al. **The Trans-Atlantic slave trade**. CambridgeCambridge University Press, , 1999.

- FATTIER-THOMAS, D. De la variété Rèk à la variété Swa: pratiques vivantes de la langue en Haïti. **Conjonction**, v. 161–162, p. 39–51, 1984.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. **WORD**, v. 15, n. 2, p. 325–340, 4 jan. 1959.
- FERREIRA, J.-A. S.; ALLEYNE, M. C. 15. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. Em: [s.l.: s.n.]. p. 325–357.
- FOULKES, P. Exploring social-indexical knowledge: A long past but a short history. **Laboratory Phonology**, v. 1, n. 1, 1 jan. 2010.
- FOULKES, P.; DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. **Journal of Phonetics**, v. 34, n. 4, p. 409–438, out. 2006.
- FRAZER, T. C. Attitudes Toward Regional Pronunciation. **Journal of English Linguistics**, v. 20, n. 1, p. 89–100, 25 abr. 1987.
- FRISCH, S. A. Exemplar theories in phonology. Em: **The Routledge Handbook of Phonological Theory**. [s.l.] Routledge, 2017. p. 553–568.
- GAILLARD, S.; DEVIN, S. Systemic Problems in Academia: The Positive Publication Bias and Solutions from a Human Factors Perspective. **Journal of Trial and Error**, v. 2, n. 1, p. 1–5, 3 mar. 2022.
- GARRET, P. **Attitudes to language**. New York, NY: Cambridge University Press, 2010.
- GIL, D. Sign languages, creoles, and the development of predication. Em: **Measuring Grammatical Complexity**. [s.l.] Oxford University Press, 2014. p. 37–64.
- GOODMAN, M. Review of D’Ans (1968). 1970.
- HALL, R. A. **Haitian Creole: Grammar, Texts, Vocabulary**. Philadelphia: American Folklore Society, 1953.
- HALL, R. A. **Pidgin and creole languages**. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1966.
- HALL, R. A. JR. The life cycle of pidgin languages. **Lingua**, v. 11, p. 151–156, 1962.
- HAY, J.; BRESNAN, J. Spoken syntax: the phonetics of giving a hand in New Zealand English. **The Linguistic Review**, v. 23, n. 3, p. 321–349, 2006.
- HAY, J.; DRAGER, K. Stuffed toys and speech perception. **Linguistics**, v. 48, n. 4, jan. 2010.
- HEINL, R. D.; HEINL, N. G. **Written in Blood: The Story of the Haitian People, 1492–1971**. Boston: Houghton Mifflin, 1978.
- HENRICH, J.; HEINE, S. J.; NORENZAYAN, A. The weirdest people in the world? **Behavioral and Brain Sciences**, v. 33, n. 2–3, p. 61–83, 15 jun. 2010.
- HOCKETT, C. F. **A manual of phonology**. Baltimore: Waverly Press., 1955.
- HOLM, J. **An Introduction to Pidgins and Creoles**. [s.l.] Cambridge University Press, 2000.
- JOHNSON, B. L.; ALPHONSE-FÉRÈRE, G. Haitian Creole : Surface phonology. **Journal of the International Phonetic Association - Cambridge University Press**, v. 2, n. 2, p. 35–39, dez. 1972.
- JOHNSON, K. Decisions and mechanisms in exemplar-based phonology. Em: M. SOLE, P. B.; OHALA, M. (Eds.). **Experimental Approaches to Phonology**. [s.l.] Oxford University Press, 2007. p. 25–40.
- JOHNSON, K.; MULLENNIX, J. W. **Talker variability in speech processing**. San Diego: Academic Press, 1997.
- JONES, D. **The phoneme: its nature and use**. Cambridge: W. Heffer and Sons, 1956.
- JOURDAIN, E. **Du français aux parles créoles**. Paris: Klincksieck, 1956.
- KARDOUS, C. A.; SHAW, P. B.; MURPHY, W. J. Evaluation of smartphone sound measurement applications using external microphones—A follow-up study. **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 139, n. 4, p. 2036–2036, abr. 2016.
- KINGSTON, J.; BECKMAN, M. E. **Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. v. 1

- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. [s.l.] U Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- LADEFOGED, P. **Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques**. [s.l.] Wiley-Blackwell, 2003.
- LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, p. 44–51, jan. 1960.
- LEFEBVRE, C. **Creole Genesis and the Acquisition of Grammar**. [s.l.] Cambridge University Press, 1998.
- LOFFICIAL, F. **Créole, Français: une Fausse Querelle**. Montréal: Colletif Paroles, 1979.
- LY, A. **L'Évolution du commerce français d'Afrique noire dans le dernier quart du XVIIe siècle. La Compagnie du Sénégal 1673 à 1696**. Bordeaux: Université de Bordeaux, 1955.
- MAYEUX, O. **Rethinking decreolization: Language contact and change in Louisiana Creole**. [s.l.] University of Cambridge, 2019.
- MCWHORTER, J. Identifying the Creole Prototype: Vindicating a Typological Class. **Language**, v. 74, n. 4, p. 788–818, dez. 1998.
- MCWHORTER, J. H. **The Creole Debate**. [s.l.] Cambridge University Press, 2018.
- MEAKINS, F. Empiricism or imperialism – The science of Creole Exceptionalism. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 37, n. 1, p. 189–203, 23 mar. 2022.
- METTAS, J. **Répertoire des expéditions négrières françaises au XVIIIe siècle**. Paris: Société Française d'Histoire d'Outre-Mer, 1978. v. 1
- METTAS, J. **Répertoire des expéditions négrières françaises au XVIIIe siècle**. Paris: Société Française d'Histoire d'Outre-Mer, 1984. v. 2
- MOONWOMON, B. **The mechanism of lexical diffusion**. Philadelphia, USA, jan. 1992.
- MUFWENE, S. S. Jargons, pidgins, creoles, and koines: What are they? . Em: SPEARS, A.; WINFORD, D. (Eds.). **The structure and status of pidgins and creoles**. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 35–70.
- MUFWENE, S. S. Creolization is a social, not a structural, process. Em: [s.l: s.n.]. p. 65.
- MUFWENE, S. S. Genetic linguistics and genetic creolistics. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 18, n. 2, p. 273–288, 11 nov. 2003.
- MUFWENE, S. S. Pidgin and Creole Languages. Em: **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. [s.l.] Elsevier, 2015. p. 133–145.
- MUYSKEN, P. Halfway between Quechua and Spanish: The case for relexification. Em: HIGHFIELD, A.; VALDMAN, A. (Eds.). **Historicity and variation in creole studies**. Ann Arbor: Karoma, 1981. p. 52–78.
- MUYSKEN, P.; VEENSTRA, T. 13. Haitian. Em: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (Eds.). **Pidgins and Creoles: An introduction**. [s.l: s.n.]. p. 153–164.
- NEATH, I.; FARLEY, L. A.; SURPRENANT, A. M. Directly Assessing the Relationship between Irrelevant Speech and Articulatory Suppression. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology Section A**, v. 56, n. 8, p. 1269–1278, 1 nov. 2003.
- NOSOFSKY, R. M. Attention, similarity, and the identification-categorization relationship. **Journal of Experimental Psychology**, n. General 115, p. 39–57, 1986.
- NOSOFSKY, R. M. Similarity, frequency, and category representations. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, v. 14, n. 1, p. 54–65, 1988.
- NOSOFSKY, R. M. Tests of an exemplar model for relating perceptual classification and recognition memory. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, v. 17, n. 1, p. 3–27, 1991.

- NYROP, K. **Grammaire historique de la langue française**. Copenhagen: E. Bojesen, 1930.
- OCHS, E. Indexing gender. Em: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 335–358.
- PALMIÉ, S. Creolization and its discontents. **Annual review of anthropology**, v. 35, p. 433–456, 2006.
- PARKVALL, M. The simplicity of creoles in a cross-linguistic perspective. Em: [s.l: s.n.]. p. 265–285.
- PATRICK, P. L. **Urban Jamaican Creole: Variation in the Mesolect**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics. Em: [s.l: s.n.]. p. 137.
- SALMON, W.; GÓMEZ MENJIVAR, J. Language variation and dimensions of prestige in Belizean Kriol. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 31, n. 2, p. 316–360, 21 out. 2016.
- SCHIEFFELIN, B. B.; DOUCET, R. C. The “real” Haitian Creole: ideology, metalinguistics, and orthographic choice. **American Ethnologist**, v. 21, n. 1, p. 176–200, fev. 1994.
- SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of social life. **Language and Communication**, n. 23, p. 193–229, 2003.
- SINGLER, J. V. The Sociohistorical Context of Creole Genesis. Em: **The Handbook of Pidgin and Creole Studies**. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, 2009. p. 332–358.
- SINGLER, J. V. The African presence in Caribbean French colonies in the seventeenth century: Documentary evidence. Em: **Travaux de recherche sur le créole haïtien**. [s.l: s.n.].
- SINGLER, J. V. African influence upon Afro-American language varieties: A consideration of sociohistorical factors. Em: MUFWENE, S. (Ed.). [s.l: s.n.]. p. 235–253.
- SINGLER, J. V. Theories of creole genesis, sociohistorical considerations, and the evaluation of evidence: The case of Haitian creole and the relexification hypothesis. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 11, p. 185–231, 1996.
- SIPPOLA, E. 3. Collecting and analysing creole data. Em: **Manual of Romance Sociolinguistics**. [s.l.] De Gruyter, 2018. p. 91–113.
- SMITH, N. S. H. Creole Phonology. Em: **The Handbook of Pidgin and Creole Studies**. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, 2009. p. 98–129.
- STEWART, C. **Creolization: history, ethnography, theory**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.
- STEWART, W. A. Creole languages in the Caribbean. Em: RICE, F. A. (Ed.). **Study of the role of second languages in Asia, Africa, and Latin America**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1962. p. 34–53.
- SYLVAIN, S. **Le créole haïtien: morphologie et syntaxe**. Wetteren, Belgium: Imprimerie De Meester/Port-au-Prince, 1936.
- TAYLOR, D. R. On function words versus form in “non-traditional” languages. **Word**, v. 15, p. 485–489, 1959.
- THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.
- THOMPSON, R. W. A note on some possible affinities between the creole dialects of the Old World and those of the New. **Le Page**, p. 107–113, 1961.
- TINELLI, H. **Generative phonology of Haitian Creole**. Ann Arbor: University of Michigan, 1970.
- TINELLI, H. Generative and creolization processes: Nasality in Haitian Creole. **Lingua**, v. 33, n. 4, p. 343–366, jan. 1974.
- TINELLI, H. **Creole Phonology**. [s.l.] De Gruyter, 1981.

- TRUBETZKOY, N. **Grundzüge der Phonologie**. Paris: Klincksieck, 1939.
- TULVING, E.; CRAIK, F. I. M. **The Oxford Handbook of Memory**. [s.l.] Oxford University Press, 2000.
- VALDMAN, A. **Analphabetisme et standardisation en Haïti**. [s.l.: s.n.].
- VALDMAN, A. The Language Situation in Haiti. Em: HYMES, D. (Ed.). [s.l.: s.n.].
- VALDMAN, A. **Basic course in Haitian Creole**. Bloomington: Indiana University Press, 1970.
- VALDMAN, A. Review of D'Ans 1968. **International Journal of American Linguistics**, n. 38, p. 202–208, 1971.
- VALDMAN, A. **Le créole: structure, statut et origine**. Paris: Klincksieck, 1978.
- VALDMAN, A. La situation linguistique en Haïti. **Études Créoles**, p. 95–106, 1979.
- VALDMAN, A. Le parler du peuple haïtien dans la construction d'une norme écrite du créole. **Études Créole**, n. 1, p. 11–29, 1991.
- VALDMAN, A.; VILLENEUVE, A.-J.; SIEGEL, J. F. On the influence of the standard norm of Haitian Creole on the Cap Haïtien dialect. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 30, n. 1, p. 1–43, 7 abr. 2015.
- WESTPHAL, M. Attitudes toward Accents of Standard English in Jamaican Radio Newscasting. **Journal of English Linguistics**, v. 43, n. 4, p. 311–333, 2015.
- WHINNOM, K. **Spanish contact vernaculars in the Philippine Islands**. Hong Kong: University Press, 1956.
- WINFORD, D. **An Introduction to Contact Linguistics**. [s.l.] Wiley-Blackwell, 2003.

Anexo

DEKLARASYON POU FÈ KONNEN YO TE ESPLIKE M KI SA RECHÈCH SA A YE EPI MWEN VLE PATISIPE NAN LI

Mwen ta renmen envite w patisipe nan rechèch m ap fè ki gen tit “Ann revizite kèk kèsyon fonetik ak fonoloji kreyòl ayisyen” an. M ap esplike w detay yo. Tanpri, li sa avèk anpil atansyon pou ou kapab make alafen èske w dakò patisipe. Si w gen yon kesyon, mete w alèz pou ou pale avè m nenpòt ki lè w wè sa nesèsè. Pa gen danje si w chwazi pa patisipe.

Deskripsyon:

Objektif rechèch as a se pi byen konprann kèk kesyon ki gen rapò ak son ki genyen nan lang kreyòl ayisyen. Nou konnen gen divès aksan rejyonal e n vle konprann plis sou pèsepsyon moun yo sou aksan sa yo.

Ki sa k fè sa enpòtan?:

Gen divès rezon ki fè l enpòtan pou n byen konprann ki jan son yo itilize nan yon lang òganize nan lang sa a. Petèt gen kèk bagay ki fè l vin nesèsè pou yon pwofesyonèl sante ede moun nan si l gen yon maladi ki afekte fason l pale, gen nouvo teknoloji tou ki benefisyè lè gen rechèch ki fèt sou son lang nan. Sa itil tou lè yo fè liv pou yo ede moun nan byen aprann lang lan.

Ki sa ki pral fèt?:

N ap envite w patisipe nan youn na etap sa yo: (1) anrejistre yon odyo yon ti paragaf, oubyen (b) tandè yon odyo yon lòt moun te anrejistre epi reponn kèk kesyon sou sa w tandè yo. Ou gen dwa pa vle patisipe nan rechèch sa, jis fè n konnen ou pa vle e n ap respekte chwaz w.

Men ki jan n ap pwoteje enfòmasyon pèsònèl ou yo:

Rezilta rechèch sa, lè l vin disponib, y ap prezante li yon fason ki fè moun ki wè rezilta yo pa konnen kiyès ki te reponn. Sa vle di repons ou yo ap anonim. Se sèlman mwen, Bruno Pinto Silva, moun ki responsab pou rechèch sa a, ap kapab wè enfòmasyon sa yo. Y ap fè w konnen ki jan w ap ka gen aksè rezilta yo lè yo disponib. Ou gen dwa genyen yon kopi dokiman sa a ki demontre w akspete patisipe, e n ap voye l pou ou pa mwayen imèl oubyen WhatsApp.

Ris oubyen danje:

Se yon posiblite ki toupiti ki genyen pou yon bagay sanzatan oubyen ki pa agreyab rive pandan n ap fè rechèch sa a. Nou pa ka prevwa yon ris dèyè sa k kapab rive w swa ou patisipe ou non.

Byenfè:

Lè w chwazi patisipe se ede w ap ede konesans nou genyen sou lang kreyòl ayisyen an vin ogmante. Sa ap fè l vin posib pou lòt moun itilize rezilta sa yo pou yo kapab ede lòt moun aprann kreyòl, epi pou yo devlope nouvo teknoloji pou lang kreyòl ayisyen.

Kontak

Bruno Pinto Silva – chèchè responsab

Telephone: (00) 0 0000 0000 | E-mail: exemplo@usp.br

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da FFLCH/USP

(Komite etik pou rechèch ki gen patisipasyon moun – FFLCH/USP)

Adrès: Rua do Lago, 717 - sala 110, Prédio da Administração da FFLCH - CEP

05508-080 - Cidade Universitária - São Paulo/SP

Telefòn: (11) 2648-6560 / Imèl: ceph-fflch@usp.br / Orè yo disponib: lendi, 10am - midi

DEKLARASYON AN

Mwen, _____, deklare mwen aksepte patisipe nan rechèch k ap “Revizite kèk kesyon fonetik ak fonoloji kreyòl ayisyen” an. Mesye Bruno Pinto Silva, k ap kondui rechèch sa a, te esplike m ki objektif etid sa a, ak byenfè ak ris li pote. Mwen konprann mwen pa oblije patisipe, e m ka chwazi pa patisipe nan nenpòt ki lè mwen deside sa. Anba a mwen mete repons ki annamoni ak volonte m. Mwen bay kontak mwen tou pou m kapab resevwa kopi pa m dokiman sa a.

ÈSKE W AKSEPTE PATISIPE?: () WI () NON

Mete kontak ou pou ou kapab resevwa kopi pa w dokiman sa a (telefòn oubyen imèl):

Índice

- Análise acústica, 41, 59, 61, 70, 95
Ciclo de vida, 22, 23, 28
Cognição
 cognitiva, 131, 132
Colonialismo, 18, 28, 79, 82
Consoantes, 39, 40, 41, 44, 45, 54, 56, 57, 58, 60, 62, 66, 67, 71
 africadas, 41, 46, 48, 50, 54, 55, 60, 71, 72, 74
 fricativas, 71, 73
Crioulo, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 45, 47, 48, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 89, 92, 94, 95
 crioulização, 22, 23, 25, 32, 63
 descrioulização, 22, 23, 29, 30
Diacronia, 23, 30, 31, 55, 64, 70
Dialeto sociais, 80
 gwo kreyòl, 80
 kreyòl fransize, 80, 87, 88
 kreyòl rèk, 80, 87
 kreyòl swa, 80
Diglossia, 19, 71
Educação, 19, 20
Excepcionalismo, 27, 28, 32
Exemplares, 7, 9, 16, 17, 82, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 146
 memória, 131, 132, 133, 134
Fonema, 39, 41, 46, 48, 54, 55, 67, 75
Fonética, 35, 36, 38, 77, 129, 130
 Sociofonética, 129, 130
Fonologia, 15, 16, 17, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 55, 57, 61, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 79, 83, 129, 130, 134, 146
 de Laboratório, 36, 129, 130
Formantes
 formânticas, 88
Francês, 16, 18, 19, 20, 26, 32, 40, 44, 50, 56, 57, 59, 60, 63, 64, 69, 70, 71, 72, 78, 79, 80, 81, 83, 93
Fricativas, 42, 46, 55, 69, 75
Glides, 54, 56
 aproximantes, 42, 46, 51, 56, 61, 69, 74, 75
Gramática Universal, 24
Hipercorreção, 56, 74, 81, 82, 137
 bouch si, 82
 fè sirèt, 72, 82, 137
Hipótese da Relexificação, 23, 25
 Relexificação, 24, 25, 26
Hipótese do Bioprograma Linguístico, 24
 Bioprograma Linguístico, 23
 HBL, 24, 25
Labialização, 68, 75
Linguística Histórica, 31
Matched-Guise Technique, 7, 84
 MGT, 7, 84, 85
 Verbal Guise Technique, 7, 9, 85
Media lengua, 25
Nasalidade, 32, 40, 41, 47, 53, 54, 56, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74
 progressiva, 63, 66
 regressiva, 63, 64, 65, 66, 67, 68
Ortografia, 81
Percepção, 17, 80, 84, 85, 95, 130, 133, 140, 141
Pidgin, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29
 pidginização, 22
Sincronia, 63, 64, 69, 70, 72, 73
Sociolinguística, 7, 9, 15, 16, 18, 26, 31, 32, 41, 79, 84, 85, 95, 96, 138, 141
Stammbaumtheorie, 27
Substrato, 22, 24, 26, 27
Superestrato, 22, 23, 26, 27
Técnica de Disfarces Pareados
 Matched-Guise Technique, 84
Teoria da Monogênese, 23, 24, 25
Vogais, 7, 8, 9, 15, 16, 17, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 94, 95, 96, 135, 136, 137, 139, 140, 141
 arredondadas, 5, 7, 9, 15, 17, 42, 50, 51, 56, 68, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 94, 95, 135, 136, 137, 139, 140, 141
 Nasais, 41, 43, 44, 46, 48, 53, 54, 56, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 74
 orais, 15, 39, 40, 41, 48, 50, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 71, 77